

trariava as vocações, e servia de impedimento para qualquer se entregar a estudos especiaes. Neste ponto os auctores dos novos Estatutos não melhoraram, nem emendaram o que estava decretado no antigo regimen, e os legisladores subsequentes conservaram os defeitos da velha organização do professorado, não por condescenderem com as praxes estabelecidas, mas porque lhes pareceu conveniente a mudança de cadeiras para que os professores adquirissem larga instrução em todos os ramos da sciencia. Por dezoito annos depois da reforma vigorou no magisterio o systema das promoções modelado pelas ordenações das velhas leis academicas. Desanuviou a experiencia os que obcecadamente porfiavam pela variedade de estudos e de encyclopedismo profundo. O primeiro golpe que feriu o systema teve logar quando se creou a cadeira de therapeutica cirurgica. Determinou-se então que os professores providos nesta cadeira e na de anatomia não tivessem ascenso para as restantes cadeiras da Faculdade. O que porém acabou de todo com as mudanças obrigatorias foi a Carta Regia de 24 de janeiro de 1791, que regulou as precedencias sem prejuizo das vocações e dos estudos especiaes que qualquer tivesse emprehendido no exercicio do professorado. Todas as cadeiras ficaram sendo igualmente consideradas, e o mais antigo como o mais moderno dos professores podia persistir naquella que primeiro lhe coubesse em despacho. Pela mesma Carta Regia se alterou a tarifa dos ordenados, e para todas as faculdades se estabeleceu a tabella seguinte:

o primeiro lente terá de vencimento annual . .	800\$000 réis.
o segundo	700\$000 »
o terceiro	650\$000 »
o quarto	600\$000 »
o quinto	550\$000 »
o sexto	500\$000 »
o setimo	400\$000 »

Aos substitutos de Medicina arbitrou-se o ordenado de 350\$000 réis, igual ao que venciam os substitutos das outras Faculdades.

Em virtude das alterações importantes decretadas na Carta Regia de 24 de janeiro de 1791, quando se effectuou a promoção em

6 de fevereiro immediato, a Faculdade de Medicina ficou constituída d'este modo :

- | | | | | |
|-----|-------|---|-----|---|
| 1.º | Lente | o Dr. Francisco Tavares . . . | 2.ª | cadeira de practica. |
| 2.º | » | o Dr. José Pinto da Silva . . | 1.ª | cadeira de practica. |
| 3.º | » | o Dr. Caetano José Pinto . . | } | Cadeira de Therapeutica
Cirurgica. |
| 4.º | » | o Dr. Joaquim d'Azevedo . . . | | Cadeira de Materia Medica. |
| 5.º | » | o Dr. João Joaquim Gramacho da Fonseca. | } | Cadeira de Aphorismos. |
| 6.º | » | o Dr. João de Campos Navarro. | | Cadeira de Anatomia,
Operações e Arte Obstetricia. |
| 7.º | » | o Dr. Joaquim Navarro de Andrade. | } | Cadeira de Instituições. |

Substitutos

- o Dr. Bento Joaquim de Lemos.
- o Dr. Ricardo Teixeira Maconelli.

Determinava o Aviso Regio de 14 de maio de 1787 que se nomeassem no fim do anno lectivo substitutos extraordinarios a fim de se prepararem com antecipação para a regencia das cadeiras que lhes fossem designadas. Escolhiam-se d'entre os aspirantes ao magisterio aquelles que deviam exercer as substituições extraordinarias. Da mesma classe tirava a Faculdade de Medicina os demonstradores de materia medica e anatomia : por isso no quadro apparecem muitas vezes mencionados, alem dos professores de nomeação regia, os doutores que temporariamente eram encarregados de algum serviço pela Faculdade.

A precedencia e ordem por que os Estatutos mandavam ensinar os differentes ramos da sciencia, conservou-se inalteravel até quasi ao fim do periodo que vamos historiando, mas a practica de vinte annos tinha posto em relevo a necessidade de se estudar a anatomia no primeiro anno, às instituições no segundo, e a materia medica e a pharmacia no terceiro. Os Estatutos auctorisavam o conselho da Faculdade a fazer as alterações convenientes quando fossem plenamente justificadas ; e como já se não duvidava do que

mais convinha para bem do ensino, deu-se então nova ordem e melhor collocação ás materias do curso medico. A cadeira de anatomia passou para o primeiro anno, a de instituições para o segundo, e a de materia medica e pharmacia para o terceiro; a de Aphorismos permaneceu, como estava, no quarto, e as de clinica no quinto¹. Acompanharam esta importantissima innovação algumas providencias conducentes a melhorar o ensino. O compendio de Roeder, que até alli servira para o ensino da arte obstetricia, foi substituido pelo de Plenk em congregação de 20 de março de 1794.

Na mesma sessão se resolveu tambem que os alumnos do terceiro anno fossem dispensados da assistencia de tarde no hospital para se occuparem em exercicios de pharmacia no dispensatorio.

Por este modo se mostrou a Faculdade solícita no desempenho das suas obrigações. D'ahi lhe vieram os bons creditos que progressivamente alcançou dentro e fóra do reino².

Costumes e praxes universitarias

A antiga legislação Universitaria comprehendia, alem dos Estatutos Velhos e da reformação de D. Francisco de Bragança, o

¹ Não ha menção alguma especial nas actas da Faculdade do tempo em que se mudou a ordem das materias: o que deixo relatado apurei-o indirectamente. É sabido que naquelle tempo havia para o ensino das disciplinas dos quatro primeiros annos do curso medico um só professor em cada anno (os lentes de practica pertenciam ao quinto). O presidente dos actos era por determinação da lei o professor que tinha ensinado o estudante, e só em circumstancias excepcionaes presidia outro professor. Confrontando pois nos livros das actas e das matriculas os nomes dos estudantes com os dos presidentes, averigui que em 1791 foi o dr. João de Campos Navarro, professor de anatomia, o presidente dos actos do primeiro e segundo anno; que de 1792 em diante foi sempre presidente nos actos do primeiro anno o lente de anatomia; que no mesmo anno e nos seguintes presidiu aos actos do segundo anno o dr. Joaquim Navarro de Andrade, professor de instituições; e que o professor de materia medica, o dr. Joaquim d'Azevedo, que não pôde fazer serviço em algumas epochas de exames, apparece assignado na presidencia dos actos do terceiro anno de 1794 em diante. Portanto a mudança da anatomia para o primeiro anno, a de instituições para o segundo e a de materia medica para o terceiro parece, segundo aquellas indicações, que se effectou no anno lectivo de 1791 para 1792.

² Eis uma prova da consideração em que nós tinham os professores estrangeiros.

Em 25 de outubro de 1790 leu-se em conselho da Faculdade de Medicina uma carta do primeiro lente de Medicina da Universidade de Alcalá de He-

grande repositório de providencias que as necessidades de cento e oitenta annos haviam reclamado, sendo que umas tinham força de lei permanente, e outras, ainda que de acção transitoria e expedidas sómente para casos particulares, serviam comtudo de regra para algumas occurrencias em circumstancias analogas. Concertavam com as leis escriptas os costumes e praxes estabelecidas na Universidade e sanccionadas pelo tempo. Da mutua conveniencia entre as disposições preceptivas e as practicas que lhes regulavam a execução, procedia o movimento academico, facil e desimpedido de attritos sensiveis. Todo esse conjuncto de leis escriptas e consuetudinarias, fructo de longa experiencia e meditação, cahiu fulminado pelo braço potente que emprehendera a restauração das sciencias. A carta de roboração, que deu força de lei aos novos Estatutos, revogou completamente tudo quanto amparava a existencia da velha Universidade. Nada ficou do antigo regimen de instrucção superior. As novas escholas fundaram-se sob o imperio de novas leis.

Mas o codigo de Estatutos, que restaurava o ensino das sciencias, tractava principalmente da organização das Faculdades, da economia particular de cada uma, do andamento das aulas e dos methodos de ensino; não providenciava para muitas occurrencias a que a legislação revogada attendera. Accudiu com prompto remedio a todas as necessidades a actividade do ministro reformador; no entretanto em materias regulamentares, no modo de se executarem as disposições da lei sentiu-se que era preciso formar costumes e estabelecer praxes. Os professores que constituíam as novas Faculdades, educados pela maior parte sob o antigo regimen academico, tinham vivas na memoria as practicas da velha Universidade. Comprehende-se pois que, na falta de formulas, naturalmente se inclinariam para onde os habitos e a lembrança os levavam. E assim aconteceu. No primeiro dia em que se abriram os geraes Universitarios os lentes, á hora da lição, detiveram-se á

nares, em que pedia aos professores de Coimbra se dignassem expender a sua opinião a respeito d'um opusculo, que enviava, sobre febres. Foram incumbidos de estudar o opusculo e de formular o projecto da resposta que se pedia os drs. Francisco Tavares e Caetano José Pinto d'Almeida. Apresentaram estes na sessão de 14 de janeiro de 1791 o seu parecer escripto em latim, que era ainda a lingua usada na correspondencia entre os academicos: foi por todos approved e remetido ao professor hispanhol.

porta da aula, e convidaram os alumnos a precederem na entrada; no mesmo lugar e com a mesma cortezia esperaram que todos sabissem, acabada a lição, como era costume na antiga Universidade¹. A velha usança recommçou, e protraheu-se inalteravel até o presente.

Sobre o modo por que nas escholas haviam de proceder mestres e discipulos providenciavam largamente os Estatutos. Seguiram-se as determinações da lei, e crearam-se praxes inteiramente novas, que ainda hoje vigoram².

A reunião das congregações começou segundo os antigos estylos, e dentro em pouco chegou a practicas differentes. Diziam os Estatutos Velhos: «Haverá na Universidade um modo de conselho, que cada uma das Faculdades fará por si com o Reitor, que se chamará congregação, e nella tractará cada uma das dictas Faculdades o que lhe competir particularmente por estes estatutos. E se ajuntará mais, quando parecer ao Reitor, que convem para actos e conclusões, que pelo anno se hão de ter.» Resumiam-se em pouco as attribuições dos Conselhos das Faculdades; por isso raras vezes se congregavam, e raro se acham na secretaria da Universidade os termos das suas deliberações. Pelo contrario os novos Estatutos dão largas incumbencias aos mesmos conselhos, impõem-lhes até obrigações indeclinaveis. D'aqui a necessidade de se reunirem com frequencia. Prevaleceram as praxes antigas no principio da Reforma. A Faculdade de Medicina congregou-se uma só

¹ A demora dos lentes á porta da aula era prescripção de lei, como se pode ver nos Estatutos Velhos, liv. 3, tit. 11, § 11: «Os lentes no fim das suas lições estarão á porta do geral, em que lerem, da banda de fóra, o tempo que for necessario para responder ás duvidas que os discipulos lhes móverem sobre as lições que lhe vão cada dia lendo: etc.»

² Antes da reforma parece que os professores explicavam nas cadeiras com a cabeça coberta. Por Alvará de 13 de setembro de 1539 ordenou D. João III que «os lentes, em quanto estão lendo, não tirem o barrete aos ouvintes que entrarem.» (Livro 1.º dos registos antigos na secretaria da Universidade.) A mesma disposição se acha expressa nos Estatutos Velhos, liv. 3.º, tit. 11, § 10: «Os lentes depois de subidos nas cadeiras não tirarão os barretes aos ouvintes etc.» Com a Reforma estabeleceu-se o costume de estarem os lentes na cadeira com a cabeça descoberta. Para os estudantes esteve sempre em vigor a Provisão de 23 de janeiro de 1547, que manda que os estudantes não estejam nas escholas ao tempo das lições e nos actos publicos com sombreiros na cabeça, sob pena de os perderem para o meirinho e guarda das escholas.

vez no primeiro anno para tractar do expediente dos actos. No anno immediato foi mais sollicita, e começou a intender em negocios da sua competencia; e em sessão de 20 de janeiro de 1776 assentou reunir-se todos os mezes em congregação ordinaria. Os encargos litterarios e administrativos obrigaram-na depois a mais frequentes reuniões. Entrou moderadamente no tracto dos negocios; com a practica adquiriu o habito de fundamentar as resoluções, e acabou por discutir livremente as materias submetidas á sua apreciação.

Mandam os novos Estatutos que o cargo de director, «ao qual andará sempre annexa a dignidade de decano,» seja electivo, que o seu provimento dure por tres annos, e que não possa o mesmo sujeito servir dous triennios consecutivos. Não me foi possivel averiguar se o dr. Antonio José Pereira, que por muitos annos conservou a directoria da Faculdade, a obteve por eleição ou pela circumstancia de ser lente de prima. Quando aquelle professor jubilou, e sahio para medico do paço, declarou o principal Castro em congregação de 6 de maio de 1788 que se achava vago o logar de director, e que na forma dos Estatutos se devia eleger quem o occupasse. Recahiu a eleição no lente de prima, dr. Antonio José Francisco de Aguiar. Não consta que depois se repetisse semelhante eleição. O costume conferiu a posse da directoria ao professor mais antigo; a posse e costume constituíram por fim lei¹.

Nos prestitos, eleições e ajunctamentos da Universidade seguiram-se a principio as praxes de ha muito estabelecidas. Como porém o espirito da Reforma contrariava as distincções que antigamente se davam d'umas para outras Faculdades, impugnaram-se desde logo taes distincções. Acabaram inteiramente com a publicação do aviso regio de 2 de outubro de 1786, que estabeleceu a egualdade entre os professores.

Dos velhos costumes universitarios o que mais se protrahiu depois da Reforma, e o que mais custou a extirpar, foi a argumen-

¹ O Aviso Regio de 5 de janeiro de 1784 mandou que os individuos, investidos então na directoria, se conservassem no cargo por mais tres annos, «findos os quaes Sua Magestade dará as suas reaes providencias, se antes d'este tempo não der a este respeito a positiva e completa legislação que «ha de regular este importante artigo do governo da Universidade.» Nunca appareceu a promettida legislação; os lentes de prima continuaram a servir

tação viciosa nos actos de conclusões magnas¹. Os novos Estatutos prescrevem claramente como se deve argumentar em todos os actos, e explorar a sciencia e aptidão do examinando. Nos actos pequenos, ou dos cinco annos do curso ordinario, executou-se a lei punctualmente, e da execução nasceram as boas praxes que o Reitor Reformador D. Francisco de Lemos transmittiu aos prelados subsequentes.

Não pôde o illustre bispo de Zenopoli instaurar as practicas convenientes para os actos de ostentação. Nos ultimos tempos do seu governo cursaram o sexto anno os primeiros alumnos que tomaram o grau de doutor segundo as determinações dos novos Estatutos. A maior parte defendeu theses quando se achava dirigindo a Universidade o vice-reitor D. Carlos Maria Figueiredo Pimen-

o cargo de director e decano, se bem que em Medicina achamos uma excepção.

Quando em 1823 foi aposentado com metade do ordenado o dr. Francisco Soares Franco, era o terceiro lente e exercia a directoria. A Carta Regia que o manda despedir do serviço academico chama-lhe director, e ordena que a Faculdade escolha outro. O dr. João de Campos Navarro, sendo lente de prima, renunciou o cargo de director em seu irmão, o dr. Joaquim Navarro, lente de vespera.

¹ Os doutorandos antes da Reforma defendiam conclusões em tres actos, que segundo a nomenclatura adoptada para os de Theologia, se designavam *Magna ordinaria* — *Augustiana* e *Quodlibetos*. Em Medicina chama-se *Regio* o acto correspondente á Augustiana. De todos o mais apparatuso, e o que versava em theses *ex universa Facultate Depromptae* era o acto dos *Quodlibetos*, cujas practicas serviram de modelo ao de conclusões magnas decretado nos Estatutos Novos.

As theses propunham-se geralmente não em fórmula de proposições destacadas e concisas, mas sim em discurso ligado, referido ou a todas as materias professadas na faculdade, ou sómente a algumas partes da sciencia. Foi tambem d'este modo que se começaram a propor as theses depois da Reforma; em breve porém se introduziu o costume que ainda hoje subsiste.

Parecia que em actos de tanta seriedade deveria haver a compostura e o recato proprio de pessoas illustradas, do logar e do assumpto. Infelizmente não acontecia assim. Deram-se frequentemente conflictos ruidosos. Toleravam-se pelo habito, e até certo ponto eram bem recebidos alguns remosques e dictos picantes; mas raras vezes ficavam nos limites da decencia.

O costume de reciprocas invectivas foi originado da emulação entre os collegios das ordens monasticas aggregadas á Universidade. A reforma não extinguiu nem moderou semelhante emulação; porisso quando os graciosos apanhavam no banco dos defendentes algum dominicano, ou vice-versa, era contar que havia azedume na discussão.

tel. Veiu depois occupar o lugar de Reitor Reformador o principal Mendonça, que não foi muito solícito pelas boas praxes. E como para os actos de conclusões magnas não havia ainda precedentes bem estabelecidos em conformidade com os Estatutos, insensivelmente descahiram as practicas nas polemicas estereis e ruidosas da antiga Universidade. Algumas vezes os defendentes para exprimirem com energia as suas opiniões punham de contraforte ás theses o famoso remate *invictissime sustinebimus, argumentis validissimis tuebimur, inexpugnabile argumentum habebimus, nemo sana mente negare audebit*. Os arguentes não menos anciosos por manifestarem convicções diametralmente oppostas, depois de tomada a venia, e feitos os cumprimentos do estylo, na primeira investida contra o defendente arremessavam-lhe em tom dogmatico e peremptorio *a sua these é um absurdo*. Seguia-se inevitavel altercação dos contendedores, que terminava pela intervenção do presidente, tranquillizando os animos agitados. Outras vezes, em lugar de se discutir o ponto proposto, e de se explorar o ingenho e conhecimentos do defendente, como ordenavam os Estatutos, inventavam-se questões sobre a collocação da these, ou sobre o modo por que estava enunciada. Ainda bem que a Faculdade de Medicina evitou quanto pôde taes exemplos. Para obstar á torrente de abusos que se tinham insinuado nos costumes e praxes universitarias, e ao mesmo tempo para restabelecer a disciplina e fazer executar as leis, veio opportunamente o principal Castro dirigir o governo da Universidade.

A energia d'este prelado foi de grande efficacia para o melhoramento de todo o serviço academico. Reprimiu os abusos, manteve a rigorosa observancia dos Estatutos e leis consecutivas, estabeleceu practicas accommodadas ao espirito da legislação, e solicitou acertadas providencias para o bom andamento de todas as Faculdades. A sua valiosa cooperação foi o complemento indispensavel á grande obra do Marquez de Pombal.

CAPITULO VI

De 1795 a 1822. — Promoções. Viagens scientificas.

Invasão franceza. Declinação dos estudos.

Administração dos Hospitaes.

As modificações operadas na Faculdade de Medicina por despacho de 4 de abril de 1795 pareciam o prenuncio d'uma epocha de decadencia; quiz porém a fortuna que não se interrompesse o curso de successos bem inaugurados, e que a unica eschola medica de Portugal continuasse ainda florescente.

Naquella data foi assignada a carta de jubilação que separou da Faculdade o lente de prima dr. Francisco Tavares, e na promoção, que desde logo se effectuou, decidiu o governo que se não provesse a cadeira de therapeutica cirurgica, e que se ensinasse esta sciencia conforme mandam os Estatutos, emquanto se não dava outra providencia. Tornou pois o ensino medico a ficar concentrado em seis cadeiras como nos primitivos tempos da Reforma. Os credits da Universidade e o progressivo desenvolvimento da sciencia pediam a desaccumulação de materias. O governo entendeu e decretou o contrário. Inevitavel seria pois a decadencia, se a dedicação de professores distinctissimos não remediasse os descuidos ou desacertos do governo.

Permaneceram nas suas respectivas cadeiras os doutores nomeados na ultima promoção, mas todos melhoraram de vencimentos. O dr. Caetano José Pinto d'Almeida, a quem pertencia a cadeira de therapeutica cirurgica, passou a reger a primeira de practica, egualado em honras e proventos a lente de prima, não só pelos serviços de doze annos na cadeira que tinha de propriedade, como tambem em attenção a ter composto duas partes do compendio para a mesma cadeira. O substituto ordinario, dr. Ricardo Teixeira

Maconelli foi contemplado com a ajuda de custo de cem mil réis annuaes. Nomeou-se para o logar de demonstrador de anatomia o dr. Antonio Gomes da Silva Pinheiro, e para o de materia medica o dr. Antonio José de Miranda e Almeida; o primeiro foi despachado substituto ordinario quando por carta regia de 17 de novembro de 1795 se decretou que houvesse tres substituições ordinarias na Faculdade de Medicina, e para demonstrador de anatomia entrou o dr. José Diogo da Rocha.

Daremos conta neste logar dos despachos que em poucos annos se succederam, e do pessoal nomeado para a Faculdade até á promoção de 1806, em que cessaram as frequentes mudanças, e teve principio o longo periodo de estabilidade no quadro dos professores de Medicina. Os dous professores mais antigos, os drs. Joaquim d'Azevedo e José Pinto da Silva tinham subido igualmente; achavam-se com a gradação de lente de prima, e ambos pretendiam occupar o primeiro logar no Conselho. Na congregação de 14 de dezembro de 1795 protestou o dr. José Pinto da Silva contra um despacho do prelado, que não accedera ás suas pretenções. Ainda depois d'isto se conservou por algum tempo no serviço da Faculdade; sendo porem commissionado para physico-mór dos reaes exercitos, pediu e obteve ser jubilado durante o exercicio da sua commissão. O substituto, dr. Antonio Gomes da Silva Pinheiro, passou da Universidade para director do hospital das Caldas da Rainha. O dr. Antonio José de Miranda e Almeida, que subira de demonstrador de materia medica a substituto ordinario em 14 de julho de 1797, deixou a Faculdade e o reino; foi despachado physico-mór para o Estado da India, e lá se occupou tambem no ensino das sciencias medicas. Em 13 de março de 1798 coube ao dr. Antonio Joaquim Nogueira da Gama a collocação em demonstrador de anatomia: falleceu passado pouco tempo. Os drs. Antonio Ignacio Gonçalves Forte e José Feliciano de Castilho eram oppositores quando por Aviso de 5 de fevereiro de 1797 os nomeou o Principe Regente inspectores dos hospitaes militares nas provincias do Alemtejo e Beira sem prejuizo da antiguidade para os despachos que lhes competissem na Universidade. O primeiro continuou no serviço do exercito, e jubilou em substituto ordinario por despacho de 4 de maio de 1800; o segundo voltou para a Universidade, e na mesma data foi promovido a substituto ordinario, assim como o dr. Francisco José de Sousa Loureiro.

Para as demonstrações de materia medica e de anatomia foram pela mesma occasião nomeados os drs. Pedro Joaquim da Costa Franco e Francisco Soares Franco.

A Carta Regia de 23 de junho de 1804 creou tres logares de ajudantes de clinica nos hospitaes da Universidade, que deveriam ser occupados por oppositores de Medicina. Os primeiros, em quem recahiu a nomeação por serem os mais antigos, foram os drs. Emygdio Manuel Victorio da Costa e Manuel Pereira da Graça para servirem no hospital geral, e o dr. Antonio Joaquim de Andrade no dos Lazaros. Pouco tempo se demoraram no serviço das enfermarias. Os primeiros dous preferiram o exercicio da clinica civil; o terceiro alcançou, por serviços anteriores, uma tença de trinta mil réis annuaes, e desistiu das aspirações ao magisterio.

Finalmente depois de successivas nomeações, que ora preencheram, ora deixaram vacaturas nos logares da Faculdade, chegou o despacho e promoção de 20 de junho de 1806, que jubilo os drs. Joaquim de Azevedo em lente de prima por diuturnidade de serviço, e Bento Joaquim de Lemos com o ordenado de quarto lente em attenção ás suas molestias. Concedidas outras mercês, que desimpediram a entrada de intelligencias esperançosas para a Faculdade, o pessoal que então ficou em exercicio, e que tão valiosos serviços prestou no professorado, foi o seguinte:

1.º Lente Dr. João Joaquim Gramacho . . .	} 2.ª Cadeira de practica.
2.º » Dr. João de Campos Navarro . .	
3.º » Dr. Joaquim Navarro d'Andrade	} Cadeira de Aphorismos.
4.º » Dr. José Feliciano de Castilho . .	
5.º » Dr. Franc.º José de Sousa Loureiro	} Cadeira de Materia Medica.
6.º » Dr. Francisco Soares Franco . . .	
Dr. Pedro Joaquim da Costa Franco	} Substitutos.
Dr. Jeronymo Joaquim de Figueir.º	
Dr. Angelo Ferreira Diniz	

Demonstradores

Dr. Antonio da Cruz Guerreiro . . } na Cadeira de Anatomia.

Dr. Luiz Ant.º da Silva Maldonado } na Cadeira de Materia Medica.

Clinicos

Dr. Antonio d'Almeida Caldas . . } Ajudantes no hospital geral.

Dr. Antonio Joaquim de Campos }
Dr. Joaquim Xavier da Silva . . . } Ajudante no hospital dos Lazaros.

A mais notavel alteração que depois sobreveiu no longo espaço de dezeseis annos foi, pelo fallecimento do Dr. Gramacho, o ascenso por antiguidade dos restantes professores em 29 de julho de 1812, e a nomeação do dr. João Alberto Pereira d'Azevedo para ajudante de clinica.

Para que não houvesse faltas no serviço da Faculdade importava não só que estivesse completo o quadro dos lentes, mas até que fosse numerosa a classe dos oppositores. Eram então muito frequentados os cursos de Medicina; em nenhum tempo concorreram á Universidade tantos alumnos medicos como nos ultimos annos do seculo passado, e nos primeiros do seculo actual. Em 1797 contaram-se nas aulas da Faculdade cento e oitenta e um estudantes matriculados¹ As obrigações do ensino accresciam pelo mesmo tempo outras occupações, a que não podiam nem deviam esquivar-se os lentes e oppositores de Medicina. Os governos da Europa culta empenhavam-se então em levar os povos á inoculação da vaccina como remedio prophylactico contra o flagello da variola, que em terriveis epidemias dizimava as povoações. Auxiliavam o empenho dos governos as corporações scientificas, que apuravam a efficacia do maior invento medico do seculo passado.

A difficuldade de se alcançar a vaccina em Coimbra inhibiu por algum tempo a Faculdade de Medicina de entrar na propaganda humanitaria do novo invento. Venceu as difficuldades a diligencia do Vice-Reitor José Monteiro da Rocha, que obteve dous vidros com vaccina, um de Londres, e outro de Lisboa. Presen-

¹ Veja-se a estatistica dos estudantes medicos matriculados na Universidade desde 1772 a 1871 no fim da 1.ª parte d'esta memoria.

teou com elles a Faculdade, e para logo começaram os primeiros ensaios de inoculação no hospital da Universidade. Dos beneficios prestados a Coimbra e aos povos circumvisinhos ainda hoje se conserva lembrança. Demonstrou-se practicamente a innocuidade da vaccina; o decurso do tempo evidenciou-lhe as virtudes como preservativo; as familias conhecedoras dos bons resultados das inoculações practicadas no hospital depozeram todo o receio, e não mais hesitaram em mandar vaccinar as crianças.

Tambem pela mesma occasião se determinou que a Faculdade estudasse as propriedades therapeuticas da casca amarga ou quina do Brazil. Importava ao governo averiguar se esta competia vantajosamente com a casca peruviana; para se esclarecer auctorisou por Carta Regia de 22 de setembro de 1804 o physico-mór do Reino, dr. Francisco Tavares, a mandar ensaiar aquella casca em todos os hospitaes, e a exigir dos respectivos medicos as informações exactas dos seus effeitos. Que no hospital da Universidade se emprehenderam as experiencias e observações clinicas recommendadas pelo governo é ponto indubitavel. Dos resultados não ficaram esclarecimentos nos registros da Faculdade; mas é de presumir que o director do hospital, ou os ajudantes de clinica, enviassem ao physico-mór a competente informação¹.

O cargo de Reformador Reitor da Universidade, para que fôra reconduzido por duas vezes o principal Castro, novamente foi commettido por Carta Regia de 13 de maio de 1799 a D. Francisco de Lemos, já então bispo de Coimbra. O zelo ardente, com que o prelado se empregara dezoito annos antes na Reforma da Universidade, ainda agora o incitava a promover o adiantamento das

¹ Sobre o mesmo objecto ainda em 5 de julho de 1810 baixou do governo o seguinte aviso para o Vice-Reitor:

O Principe Regente Nosso Senhor é servido que no laboratorio da Universidade de Coimbra se proceda á analyse chimica da nova casca vinda do Brazil, que pelas observações feitas na America parece ser applicavel nos casos em que o é a quina officinal, fazendo-se a requisição ao dr. Antonio d'Almeida Caldas, encarregado dos hospitaes militares em Coimbra, das porções que forem precisas para a dicta analyse, a qual deverá ser feita debaixo da direcção do lente da respectiva cadeira, Thomé Rodrigues Sobral, e cujo resultado será remittido ao delegado do physico-mór do exercito, dr. José Carlos Barreto, etc.

Livro 4.º dos registros da Secretaria da Universidade, fl. 73.

sciencias. Examinou o estado das Faculdades, investigou os meios de ampliar o ensino e emprehendeu logo tornar a Universidade florescente. Admiraveis inventos e grandes progressos scientificos faziam então a gloria de algumas nações. A França principalmente, exaltada naquella epocha por feitos de armas brilhantissimos, sobressahia tambem entre os povos cultos pelo engrandecimento que lá tomavam todos os ramos do saber humano. As mathematicas e as sciencias naturaes em nenhuma das outras nações se achavam mais adiantadas. Progrediam alli do mesmo modo a anatomia, a medicina operatoria, a pathologia cirurgica e a hygiene. O conhecimento de todas estas sciencias não se adquire simplesmente pelo estudo aturado sobre os livros; é mister tambem o exercicio manual, o conhecimento experimental dos factos e o tracto frequente com os objectos. A Universidade carecia muito de que os professores naturalistas se adextrassem em trabalhos practicos. Para obviar a tão sensivel falta e ao mesmo tempo para se adquirir conhecimento claro de muitas particularidades scientificas pouco estudadas em Portugal, entendeu o prelado que era conveniente mandar a Paris alguns dos mais intelligentes oppositores com o encargo de alcançarem larga instrucção theorica e practica naquelle grande centro de actividade scientifica, a fim de reanimarem depois em Coimbra o estudo das sciencias naturaes.

As Faculdades de Mathematica e Philosophia deram os primeiros oppositores que de Coimbra sahiram para França. Em 15 de março de 1804 representou o prelado ao Principe Regente quanto conviria que um doutor de Medicina fosse tambem a Paris estudar os recentes progressos das sciencias medicas, e propoz para esta commissão o dr. Vicente Navarro de Andrade, irmão dos dous professores insignes, que por aquelle tempo ornavam a Universidade e illustravam a Medicina portugueza. Approvou o governo em nome do Regente as propostas do Reitor; e como este por Carta Regia de 4 de dezembro de 1799 estava auctorisado a proseguir no expediente ulterior de similhante negocio, arbitrou em oitocentos mil réis annuaes a ajuda de custo para a viagem scientifica do dr. Vicente Navarro, e ordenou á Junta da Fazenda da Universidade que lhe apromptasse o pagamento d'aquella quantia.

Não se encontra nas actas da Faculdade de Medicina noticia alguma sobre a viagem d'aquelle oppositor. É muito provavel que

o prelado consultasse particularmente algum dos seus membros sobre as instrucções que deveria levar o commissionado. O que é certo é que em 3 de julho de 1804 mandou de Lisboa os apontamentos em que se determinam especificadamente as occupações do dr. Vicente Navarro durante a sua residencia em Paris ¹. O esperançoso aspirante ás cadeiras de Medicina, depois de receber as instrucções necessarias para o desempenho da sua commissão, deixou Coimbra, e foi profundar os estudos medicos em eschola de mais largos horisontes.

¹ Os apontamentos sobre a viagem litteraria do dr. Vicente Navarro de Andrade acham-se nos registros da Junta da Fazenda da Universidade, liv. 2.º, fl. 76. Aqui os transcrevemos expurgados de exuberancias:

Tendo sido nomeado o dr. Vicente Navarro de Andrade, oppositor em Medicina, para ir a Paris instruir-se nos ramos practicos da sua profissão etc. deverá especialmente encarregar-se dos artigos seguintes:

1.º Deverá fazer um curso de anatomia com o professor mais acreditado, procurando ao mesmo tempo ouvir os mais professores, que se fizerem celebres em algum ramo especial da mesma sciencia, obtendo por uma practica regular e seguida toda a dexteridade na arte de dissecar, instruindo-se especialmente na arte da injecção, não só dos vasos rubros, mas tambem dos lymphaticos etc. Ouvir os professores particulares que se destinam ao ensino da anatomia comparada etc.

2.º Deverá fazer um curso de operações cirurgicas com o practico mais insigne; sendo certo que em Paris ha cirurgiões que têm alcançado maior grau de perfeição em certas operações, deverá, alem d'um curso geral, fazer outros particulares com os cirurgiões, v. g. oculistas, lithotomistas etc. etc. procurando alcançar a facilidade de operar segundo os melhores methodos, fazendo por comparal-os uns com os outros.

3.º Deverá fazer um curso de arte obstetricia debaixo da direcção dos melhores practicos etc. Deverá visitar com frequencia os hospitaes obstetricios a fim de se instruir em todos as operações practicaveis nos partos laboriosos e artificiaes.

4.º Deverá visitar todos os hospitaes d'aquella capital, observando não só o methodo therapeutico dos differentes professores, mas tambem o regulamento economico dos mesmos hospitaes. Igualmente deve visitar as casas de expostos, e de inoculação, observando todos os artigos de policia relativa a estes objectos. Igualmente deve visitar os theatros anatomicos, colleções de productos materiaes e artificiaes.

5.º Deverá converter-se com os olhos da mais escrupulosa averiguação sobre todos os ramos da hygiene publica e da policia medica em geral, que tantos progressos têm feito em França etc.

6.º Sendo primeiramente instruido de todos os instrumentos cirurgicos e obstetricios, que existem no theatro anatomico da Universidade de Coimbra, por uma relação circunstanciada, deverá propor todos aquelles que forem necessarios, a fim de que no mesmo theatro haja um arsenal cirurgico com-

Já em 1802 tinha o dr. Heliodoro Jacintho de Araujo Carneiro solicitado do Principe Regente a permissão de viajar nos paizes estrangeiros como membro da Universidade, a fim de aperfeiçoar e dilatar a sua instrucção medica. Sobre tal pretensão foi ouvido o Reformador Reitor, que opinou pela conveniencia de se mandar antes o supplicante a diversas terras do reino, onde grassavam ou tinham grassado doenças graves, para que, observando os doentes, estudando e apreciando todas as circumstancias nas proprias localidades, e conferenciando com os medicos das respectivas povoações, se procurasse remedio contra o perigo das enfermidades dominantes. A informação do reitor despertou a solicitude do governo, a quem pareceu acertado que o dr. Heliodoro visitasse as povoações flagelladas, e averiguasse as causas de insalubridade, e todas as particularidades que podessem esclarecer a natureza da endemia, ou epidemia reinante. Expediu-se aviso ao Reitor em 23 de outubro de 1802, para que do cofre da fazenda da Universidade mandasse subministrar ao dr. Heliodoro os meios com que digna e utilmente podesse fazer as suas viagens pelo reino. Ao mesmo tempo determinou-se que a Faculdade de Medicina formulasse as instrucções convenientes, de cuja execução seria o viajante obrigado a dar conta pelo modo e forma que parecesse á mesma Faculdade. A junta da fazenda oppoz difficuldades ao cumprimento do citado aviso; e, como o interessado recorresse para o Principe Regente, obteve que do Terreiro Publico se lhe desse a pensão annual de um conto e duzentos mil réis. Removidas por este modo as difficuldades pecuniarias, veio a Coimbra o viajante receber as instrucções ¹ que a Faculdade de Medicina tinha formulado e appro-

pleto. Igualmente deve propor todos os livros de estampas, que parecerem mais uteis, e todas as obras de Medicina de que a Universidade carece, e que são de ultima necessidade, dirigindo-se ao correspondente litterario nomeado para este fim, com o qual se corresponderá ao menos de tres em tres mezes, ou mais frequentes vezes sendo possivel.

Os interessantes objectos, de que se acha encarregado o dr. Vicente Navarro de Andrade, e as relações, que deve procurar com os sabios, exigem ao menos tres annos de residencia em Paris, e achando-se cabalmente instruido em todos os ramos da sua commissão, e com uma somma de conhecimentos solidos, deverá consultar o seu prelado para lhe ordenar o resto da sua missão. Lisboa, 3 de julho de 1804. Francisco, Bispo Conde, Reformador Reitor.

¹ Aqui archivamos as intrucções formuladas pela Faculdade, não só porque

vado em sessão de 30 de julho de 1803, e partiu em seguida para as provincias do norte.

Das observações, que o dr. Heliodoro fez no decurso da sua viagem pelo reino, nunca a Faculdade de Medicina teve conhecimento, como as instrucções recommendavam. A commissão foi de todo o ponto infructuosa, e o commissionado teve que interromper a sua peregrinação passados mezes, porque lhe suspenderam por ordens emanadas do Erario o pagamento da quantia arbitrada para as despezas. Não desistiu porem o dr. Heliodoro da sua primitiva aspiração de viajar pelas nações da Europa em serviço

ha nellas muito que aproveitar para os casos de outras viagens medicas, mas tambem porque exprimem fielmente a importancia em que a Faculdade tinha naquelle tempo o estudo da hygiene:

Plano de instrucções que a Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade ordenou para a direcção do dr. Heliodoro Jacintho de Araujo Carneiro em viagens medicas, de que se acha encarregado por Sua Alteza Real.

§ 1.º Em qualquer cidade, ou grande povoação a que se conduzir o dicto viajante, examinará primeiro que tudo todas aquellas cousas que dizem relação á topographia d'ellas, cuja historia deverá dar, isto é, a qualidade do terreno em que estão fundadas, se é nú, arido, humido e abundante de plantas, se é baixo e calmoso, elevado e frio, para que parte olham, se para o septentrião ou para o meiodia, se para o Oriente ou para o Occidente; a sua extensão e numero de habitadores, os costumes e o modo de viver dos mesmos, se são ociosos ou a qualidade de trabalho em que se occupam, os alimentos de que se nutrem, e a sua indoléc, procurando muito particularmente examinar — 1.º a qualidade do pão relativamente ao modo da sua preparação, fermentação e cosimento; a qualidade e pureza dos grãos cereaes, e da farinha dos quaes o mesmo é preparado; 2.º Se as carnes são de animaes sãos ou morbosos, mortos por certos contagios, e se são alterados por qualquer outra causa; 3.º a qualidade dos peixes, leite, manteiga, queijo, legumes e fructos; 4.º a qualidade das hortaliças e cogumelos, com os quaes se costumam algumas vezes misturar plantas stupefacientes e venenosas.

§ 2.º Passando depois ao exame das aguas, deve em primeiro logar notar a sua quantidade e qualidade; se as fontes que as brotam estão situadas entre rochedos, e descem d'algum logar eminente com boa corrente, e se são limpas ou se estão estagnadas, e são por consequencia immundas e molles, se são cruas e salinas, ou, por alguns outros principios medicinaes, quentes ou frias, e as molestias a que se costumam applicar, dando alguma noticia dos principios, que por alguns indicios ou exames se tiverem descoberto. Tem aqui tambem logar o exame de bebidas artificiaes preparadas por meio da fermentação e distillação, como são a cerveja, vinho e os espiritos ardentes, dos quaes em quasi toda a parte do reino se faz mais ou menos uso, e são causa de terriveis enfermidades, tanto pelo seu abuso, como pela sua preparação e falsificação; attendendo não menos áquellas bebidas, que o luxo

da Universidade. Requereu novamente que do cofre academico lhe fossem concedidos os meios indispensaveis para uma viagem scientifica fóra do reino, allegando que das observações feitas durante a sua primeira commissão dera conta ao Principe Regente, de quem obtivera licença para ir a França e a Inglaterra adiantar e aper-

tem por toda a parte introduzido e extendido o seu uso, taes são o chá, café, chocolate.

§ 3.º Observará quaes são os ventos que ahi mais frequentemente sopram nas differentes estações do anno, se são frios ou quentes, e que precauções tomam os habitantes para se munirem e repararem das injurias dos ditos ventos dentro de suas casas e edificios, qual é a sua construcção e limpeza das ruas; se existe alguma ou muitas d'aquellas causas, que fazem a impureza da atmosphaera, e são por consequencia causa das molestias endemicas, como são: 1.º os rios que pelas suas enchentes inundam as casas, e logares aos mesmos contiguos, nos quaes ficam aguas encharcadas: 2.º os pantanos e lagoas, dos quaes se elevem pessimas e muito nocivas exhalações: 3.º certas casas construidas para o estabelecimento de varias fabricas e manufacturas que trabalham em objectos suspeitos á saude publica; 4.º os carcereos ou prisões, bem como os hospitaes mal situados, pouco ventilados e aceados, que, incluindo maior numero de individuos do que permite a capacidade d'estes edificios, fazem uma atmosphaera corrupta e contagiosa; 5.º as sepulturas superficiaes, que dentro dos templos se dão aos cadaveres; 6.º densos bosques, muito sombrios e humidos, situados em visinhanças das povoações.

§ 4.º Prevenido pois com o escrupuloso exame e attenção de tudo o que fica mencionado, tendo-se igualmente occupado em fazer as suas observações metereologicas, sendo-lhe possivel, e, não sendo, havel-as por informações, deverá entrar na observação de todas as molestias assim agudas, como chronicas, e indicar o methodo mais proprio para as precaver e para as curar, o qual mais commodamente poderá pôr em practica naquellas terras, em que houver hospitaes, os quaes até deverá visitar para examinar os seus fundos ou rendas, e a sua direcção tanto economica como medica, practicando o mesmo a respeito dos hospitaes da inoculação e casas de expostos.

§ 5.º Em cada um dos mezes fará os seus apontamentos, referindo a qualidade de saude de que gozam os homens, que doenças dominaram, quaes appareceram de novo, quaes se tornaram mais benignas, e quaes finalmente terminaram de todo; e de todos os acontecimentos comporá uma especie de diario ou relação bem e fielmente circumstanciada.

§ 6.º No fim de cada mez será obrigado a enviar a esta congregação pelo seu secretario o resultado das suas observações e do seu trabalho, para que á vista d'elle se possa consultar a Sua Alteza Real sobre algum objecto importante; e pelo mesmo secretario receberá novas instrucções, conforme o pedir a necessidade e occurrencia das cousas.

feição os seus conhecimentos medicos. Sentiu o Reitor que o governo propendia para dar despacho favoravel á pretensão do requerente; propendeu tambem para o mesmo lado. Mandou á Faculdade de Medicina que preparasse as instrucções para a viagem, e ordenou á junta da fazenda que destinasse para o dr. Heliodoro quantia igual á que fôra assignada aos outros oppositores, commissionados fóra do reino. Em congregação de 22 de dezembro de 1804 approvou a Faculdade o plano de instrucções por que deveria regular-se o viajante¹. Entre ellas se contém a obrigação de formar um diario, e de dar contas á mesma Faculdade dos seus trabalhos e observações de tres em tres mezes. A primeira carta que enviou é datada de Londres em 6 de setembro de 1805; donde se pode inferir que o dr. Heliodoro só veio a sahir de Portugal pelos fins de abril d'aquelle anno.

Em 23 de maio de 1806 foi presente á Congregação de Medicina a segunda carta trimensal do dr. Heliodoro com a data de 20 de dezembro do anno antecedente. Servia então de secretario

¹ As instrucções approvadas para a viagem do dr. Heliodoro fóra do reino resumem-se no seguinte:

Tendo progredido consideravelmente a medicina nos ultimos tempos, deverá o viajante:

1.º Tomar conhecimento de taes progressos, e mencionar o que ha entre elles de mais notavel.

2.º Estudar as applicações da chimica á medicina e botanica medica, á nomenclatura chimica e botanica applicada, á pharmacia, á materia medica, tomando conhecimento theorico e practico das virtudes alimentares e pharmacologicas d'aquellas substancias que o uso e a experiencia têm acreditado, e examinando se as virtudes de certos medicamentos, que ultimamente se têm introduzido na practica, estão confirmadas por experiencias numerosas:

3.º Estudar o galvanismo, e as suas applicações, tanto á physiologia como á practica da medicina, e averiguar cuidadosamente o que sobre este ponto ha de mais solido e verdadeiro:

4.º Frequentar os hospitaes, examinar os seus regulamentos economicos e medicos, observando as molestias dominantes, os methodos therapeuticos, etc.

5.º Indagar e certificar-se das vantagens resultantes das novas e engenhosas especulações sobre a natureza e acção dos remedios em certas molestias, como, por exemplo, nas febres, catarrhos epidemicos etc.

6.º Averiguar se do pús vaccinico, inoculado nas cabras e noutros animaes procedem pustulas, cujo liquido tem igualmente efficacia para prevenir a variola.

7.º Participar á Faculdade o resultado de seus estudos, sendo obrigado a compor um diario fiel e circunstanciado das suas viagens etc.

do conselho o dr. Francisco Soares Franco, que declarou conservar sob sua guarda os relatorios das viagens scientificas¹. Comquanto promettesse numa das sessões anteriores que os deixaria registados no logar competente, no livro das actas, em que se contém o registo geral da Faculdade, não se acham transcriptos. Quiz o destino, ou a incuria humana, que de taes viagens não ficassem outras noticias alem das que referiu em duas congregações o dr. Soares Franco. Os secretarios, que pouco depois lhe succederam, tão descuidados foram das suas obrigações, que por cinco annos successivos não exararam uma só acta, nem tomaram apontamento do que se passou nos conselhos. Se pois os viajantes continuaram a informar a Faculdade dos seus estudos e applicações, dos relatorios que enviaram não existe memoria; tudo ficou comprehendido no silencio geral, até os nomes dos secretarios que serviram desde 27 de novembro de 1806 até 30 de julho de 1811.

O descaminho dos relatorios e a omissão dos registos impossibilitam-nos hoje de apreciar como os viajantes se houveram no desempenho da sua commissão. É provavel que observassem pontualmente as suas respectivas instrucções, e que se empregassem com todo o desvelo em profundar e ampliar os seus conhecimentos. O que porém podemos investigar, não obstante a falta d'aquelles documentos, é se das viagens medicas advieram os resultados que se esperavam, e se de tanto dispendio para se elevar o ensino e promover o adiantamento da sciencia na Universidade procederam os melhoramentos que o prelado antevia e a Faculdade desejava. Infelizmente a investigação, qualquer que seja o lado por que se tente, conduz ao triste desengano de que as viagens dos oppositores de Medicina, emquanto ao seu fim principal, foram completamente estereis. Parecia que os oppositores viajantes, concluidos os seus estudos, voltariam a Coimbra, e que prestariam aqui bons serviços ensinando o que tivessem aprendido lá fóra. Succedeu o contrario; desviaram-se da Universidade,

¹ Eis o que textualmente se contém na acta: «Leu-se uma carta do dr. Heliodoro Jacintho de Araujo Carneiro, datada de 20 de dezembro de 1805, e que fica em meu poder com o signal 3, sendo esta a sua segunda carta que a Congregação recebe. E por não haver mais que tractar etc.»

Se pois havia só duas cartas do dr. Heliodoro; e se assignalava a segunda com o numero 3, é de presumir que o numero 1 ou 2 estivesse em algum relatorio do primeiro viajante, dr. Vicente Navarro.

e tomaram o rumo que mais conveniente lhes pareceu. Um trocou os estudos scientificos pelas missões diplomaticas a diversas côrtes da Europa; o outro embarcou para o Rio de Janeiro, aonde a familia real se tinha refugiado, e lá ficou exercendo o professorado na cadeira de hygiene, pathologia e therapeutica, para que foi despachado por decreto de 26 de abril de 1843 quando se instituiu uma escola medica na capital da colonia. A Faculdade de Medicina, que almejava pela chegada dos dous emissarios para nivelar o ensino d'algumas especialidades practicas com os recentes progressos scientificos, e seguir de perto os adiantamentos de Inglaterra e França, vendo frustradas todas as esperanças, tractou de sustentar os creditos estabelecidos, confiada sómente nos proprios esforços.

Tal foi o resultado das excursões scientificas, incumbidas aos dous oppositores de Medicina. Se fossem antes commettidas a cathedraes ou substitutos, a funcionarios, cujo futuro estivesse já vinculado á Universidade, não seria inteiramente perdido para o ensino o fructo colhido nas escholas estrangeiras. Mas parece que desde o principio tudo conspirou para frustrar as consequencias promettedoras das viagens. — Em primeiro logar a escolha dos viajantes, em que não teve parte a Faculdade, antes pertenceu inteiramente ao ministro do reino e ao prelado, não se recommendou por muito acertada. Os encargos, especificados nas instrucções que levou para Pariz o dr. Vicente Navarro d'Andrade, deviam ter-se confiado ao dr. Francisco Soares Franco, que naquelle tempo era substituto, e em quatro annos de serviço no theatro anatomico tinha exhibido provas de muita intelligência, de vocação e habilidade para trabalhos practicos. Para Londres convinha que tivesse sahido o dr. Francisco José de Sousa Loureiro. Todas as probabilidades indicavam que as viagens scientificas, commettidas a tão distinctos professores, dariam resultados de proveito para o adiantamento das sciencias medicas em Portugal. — A escolha arbitraria dos commissionados seguiram-se, passado algum tempo, os lamentaveis acontecimentos que pozeram em conflagração todo o occidente da Europa. Os dous oppositores de Medicina, obrigados por isso a distrahir a attenção dos seus estudos, suspenderam a observancia das instrucções, tractaram de si, e acabaram por se desligar da Universidade, a que simplesmente os prendia o encargo da commissão scientifica.

A guerra que de novo rebentou entre a França e a Inglaterra voltou contra Portugal o impeto das aguias francezas. Tres vezes foi o reino invadido e assolado por tropas estrangeiras, e após a invasão por toda a parte ficou a miseria, o lucto e a ruina. Quando os gritos da patria afflicta reanimaram o vigor de seus filhos para repellir as hostes invasoras, no alcaçar das sciencias, em vez de exercicios litterarios, surgiram enthusiasmos guerreiros, e a mocidade estudiosa correu ás armas para affrontar o inimigo ¹. Mal podia

¹ Dos serviços prestados pelo corpo academico na primeira invasão franceza reza compendiosamente a seguinte Carta Regia, cuja transcripção me pareceu opportuna e conveniente neste logar.

«Manuel Paes d'Aragão Trigoso, Lentes, Deputados e mais Pessoas do Claustro Pleno da Universidade de Coimbra. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Sendo-Me presente a gloriosa parte que esse corpo academico da Universidade de Coimbra tomou na occasião da restauração do reino de Portugal, aclamando-a em toda a provincia da Beira e na da Extremadura, tomando os fortes da Figueira e da Nazareth, e contribuindo com muito zelo, valor e actividade para se conseguirem os felizes successos do vencimento das batalhas da Roliça e Vimieiro, como acontecera promovendo com todo o acerto a boa ordem e intelligencia em tão arriscadas e criticas circumstancias, e dando-Me com estes tão louvaveis procedimentos irrefragaveis provas do seu affecto, patriotismo e pura fidelidade, fazendo-se por todos estes respeitois merecedor de que Eu lhe dê uma singular demonstração, que perpetue o apreço que faço de tão dignos e distinctos serviços, e da consideração que tão justamente me merecem, vos mando esta em significação do Meu reconhecimento, para que possa ser em todo o tempo um publico testemunho do muito que vos contemplo, e da justiça que rendo aos vossos honrados e leaes sentimentos. Escripta no Palacio de Santa Cruz, em 3 de Outubro de 1809. — PRINCIPE. Com guarda».

Tirada do Livro IV dos Registos das cartas regias etc. da secretaria da Universidade a fl. 56.

Por aviso do governo de 28 de novembro de 1810 foi auctorisado o corpo academico a reunir-se, para empregar na defesa do reino o seu patriotismo, como já havia practicado com distincção em 1808, commettendo a sua organização e o seu commando ao dr. José Bonifacio d'Andrade e Silva, etc.

Consta do mesmo livro a fl. 75.

Alongarei esta nota, e não terei d'isso pezar, com a noticia d'um testemunho muito honroso para a Universidade, e geralmente ignorado. É o trecho d'uma carta datada de Londres em 3 de maio de 1811, e dirigida a D. Miguel Pereira Forjaz pelo cavalheiro João Carlos Villiers, que por algum tempo desempenhou missão official juncto do governo portuguez. Diz assim:

«Vous daignerez peut-être vous rapeller combien je me suis toujours intéressé à toutes les institutions d'éducation en Portugal, et surtout à l'Uni-

então prosperar a cultura das sciencias entre «as fadigas e os ardores sevos de Marte.» A Universidade sentiu profundamente o abalo geral, e soffreu, como as outras instituições, as consequencias desastrosas da invasão.

Depois de expulsos os inimigos, quando o corpo academico voltou a Coimbra para continuar nas lides do estudo, foi mister afrouxar o rigor das leis, e recompensar com certa indulgencia os esforços dos briosos mancebos que se tinham arriscado na defesa da patria. Passada porem a epocha de natural expansão e alegria, o movimento escholar proseguiu com a costumada regularidade. Não se podia esperar que as Faculdades tomassem desde logo a iniciativa em projectos de melhoramentos universitarios. A continuação da guerra contra a França, em que o nosso exercito tomava parte importante, entretinha muito as atenções e distrahia os espiritos dos cuidados litterarios. De mais todos sentiam que as tentativas de melhoramento seriam baldadas emquanto não achassem acolhimento favoravel nas instancias superiores. Ora das regiões elevadas era donde menos esperanças havia de animação. O Principe Regente tinha passado a cõrte para o Rio de Janeiro, aonde com difficuldade chegavam os echos que partiam do reino. A regencia encarregada do governò da nação lidava em occupações de tanta urgencia, que facilmente adiaria as pretensões da Universidade, quando se afastassem do expediente ordinario. As circumstancias eram portanto desanimadoras. Bom serviço faziam ainda as Faculdades mantendo o ensino na elevação conveniente, e luctando contra as causas inevitaveis de decadencia.

Não obstante porém a declinação, que pouco e pouco se tornou manifesta na Universidade, a Faculdade de Medicina resistiu com firmeza ao perigo, e conseguiu preservar-se por algum tempo do enfraquecimento geral. Sob a direcção dos mesmos professores que tantos creditos lhe tinham grangeado, sustentou a disciplina escholar, e deu ao ensino o desenvolvimento compativel com o limitado numero de cadeiras. Na administração dos estabeleci-

«versité dont l'exemple, et la bonne conduite a si fort contribué à la gloire, et au salut de leur patrie. Ce que je veux savoir est si les François ont pillé «l'Université ou si ses membres ont spécialement souffert, car si cela est (sans «pouvoir dire ce qui sera possible pour leur aide) je tacherais de rendre justice à leurs pétitions.»

Do mesmo livro dos Registos a fl. 80 v.

mentos houve-se com muito desvelo como logo diremos; e com quanto estivessem então em exercicio apenas os vogaes indispensaveis para a regencia das eschololas¹, esses não só desempenharam dignamente o serviço academico, mas até se entregaram á composição de obras litterarias e scientificas de muito trabalho. Os drs. José Feliciano de Castilho, Angelo Ferreira Diniz e Jeronymo Joaquim de Figueiredo emprehem uma publicação periodica, e tiram da estampa desde 1812 até 1820 dezeseis volumes do bem conhecido *Jornal de Coimbra*. O dr. Francisco Soares Franco compõe um tractado de anatomia em dous volumes, que será sempre apreciado pela concisão e clareza das descripções. Por estes e outros predicados foi approvado em congregação de 10 de junho de 1818 para servir de compendio na aula de anatomia. O dr. Joaquim Navarro d'Andrade escreve em latim um livro em que se contém a distribuição methodica dos Aphorismos de Hippocrates, obra destinada a esclarecer os alumnos do quarto anno medico, e para este fim obteve a approvação em congregação de 30 de julho de 1819. Vê-se pois que trabalharam com manifesta dedicação os seis professores sobre quem pesou todo o serviço da Faculdade por mais de sete annos consecutivos.

No entretanto os progressos sempre crescentes da sciencia dificultavam cada vez mais o ensino; em seis cadeiras não podiam os lentes explicar as materias como importava ao decoro da Universidade e ao bom nome da eschola. Sentia-se a necessidade urgente de se alargarem os programmas e de se distribuirem os encargos escolares por maior numero de professores. Tanto a Faculdade reconheceu que era impossivel satisfazer dignamente á sua missão em quanto se não ampliasse a area de ensino, que na primeira e mais opportuna occasião de pedir remedio para as necessidades instantes desenrolou o sudario das miserias que opprimiam a instrucção medica na Universidade. Este desabafo e ao mesmo

¹ O pessoal da Faculdade constava então de seis cathedraticos, dous substitutos ordinarios e dous extraordinarios. O primeiro cathedratico, dr. João de Campos Navarro, foi mandado em commissão ao Rio de Janeiro, de lá renunciou em seu irmão o cargo de director, e não tornou a servir na Universidade. O lente de materia medica, Pedro Joaquim da Costa Franco, impossibilitou-se para o serviço; os dous substitutos extraordinarios, drs. Caldas e Barreto, andaram empregados em commissões nos hospitaes militares. Havia portanto em actividade seis lentes para todo o serviço da Faculdade.

tempo instante requisição de providencias teve logar na memoravel congregação de 23 de outubro de 1821, a primeira de Medicina a que presidiu o Reformador Reitor D. Fr. Francisco de S. Luiz. O prelado apresentou-se como quem desejava corresponder ao nome e encargo que tinha de reformador; a Faculdade, que anhelava por declinar de si a responsabilidade da decadencia que lavrava nos estudos, expoz largamente todas as suas necessidades; pediu providencias contra o mal presente, e apontou logo, como remedio indispensavel, as reformas que se deviam emprehender tanto no que pertence ás sciencias preparatorias e auxiliares da Medicina, como no ensino das materias do curso medico. Em face de taes precisões e dos melhoramentos que a Faculdade reclamava, colligiu o prelado que a grandeza do mal exigia remedio poderoso; mas como lhe pareceu que nas circumstancias melindrosas da nação era impossivel que se attendesse, como convinha, á reforma da instrucção medica, adiou a discussão sobre melhoramentos para occasião opportuna, e entretanto cingiu-se a dar bom andamento ao expediente ordinario. Os reformadores subseqüentes acharam para reformas os mesmos embaraços. Apesar dos bons desejos e dos trabalhos apreciaveis d'uma commissão encarregada de estudar e de propor os melhoramentos indispensaveis, a Faculdade continuou ainda por muitos annos em gradual decadencia.

O Reformador Reitor D. Francisco de Lemos, que durante a primeira invasão franceza fora mandado para França, onde se demorou por espaço de dous annos e meio, voltou em 1811 com o proposito de tomar o governo da Universidade e de insistir na realisação d'um projecto que muito havia o dominava. No seu primeiro reitorado tinha proposto ao Marquez de Pombal um plano para horto botânico de tanta sumptuosidade, que o ministro abertamente lh'o desapprovou numa notavel carta, já por vezes divulgada pela imprensa. Assentiu por então o prelado ás ordens e opiniões do Marquez; mas retardou as obras para a construcção d'um jardim como lhe fôra determinadô, e aguardou o ensejo de poder executar mais tarde o famoso plano da sua predilecção. Quando, passados vinte annos, tomou pela segunda vez conta da reitoria, encaminhou logo as cousas para realisar o seu intento; mas, como então assistiu por muito tempo em Lisboa, e depois foi obrigado a sahir do reino, não promoveu trabalhos consideraveis. Restituído á patria, e tomando a direcção da Universidade ao cabo de tão prolongada

ausencia, applicou-se com todo o empenho a levantar nas obras do jardim um monumento que perpetuasse o seu nome e a sua memoria. Ampliou a extensão demarcada para o horto botanico, decorou-o com a formosa gradaria que se prolonga d'uma a outra extremidade, e concluiu outras obras de arte em harmonia com o plano.

Aquelle padrão de sua gloria custou-lhe alguns dissabores, porque, distrahindo para obras tão dispendiosas o grosso das rendas universitarias, e deixando em atrazo os ordenados dos lentes, levantou-se primeiro um rumor vago, que logo se converto em alterosa declamação contra o arbitrio com que o prelado empregava no jardim as sommas destinadas para o pagamento aos funcionarios, e para se custearem as despesas dos outros estabelecimentos. Depois no pasquim e no pamphleto começaram a desabafar as iras os mais insoffridos. Espalharam-se então muitas publicações anonymas cheias de invectivas; algumas attribuiram-se aos dois lentes de Medicina, José Feliciano de Castilho e Jeronymo Joaquim de Figueiredo. Por ordem do governo, passada no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1818, foram ambos suspensos e mandados julgar *pelos libellos famosos e papeis incendiarios espalhados na cidade*. Á porta do Hospital appareceu uma caixa com o rotulo em que se pedia esmola para a sustentação dos enfermos naquelle estabelecimento, satyra vehemente contra o dispendio nas obras de arte grandiosas quando escaceavam os meios para se obviar a necessidades impreteriveis. Tudo isto havia de impressionar vivamente o animo brioso do prelado, que, apesar de contar para cima de oitenta annos, não se curvava ás exigencias arrogantes dos censores. As queixas por atrazo de pagamento aos funcionarios da Universidade só terminaram depois da Revolução que primeiro acclamou em Portugal as ideias de liberdade¹; mas as finanças do hospital, de que vamos agora tractar, continuaram por muitos annos em mau estado.

Depois que o hospital da Universidade se estabeleceu no collegio dos extinctos jesuitas, tornaram-se alli tão frequentes os casos de

¹ O primeiro lente de mathematica, dr. Antonio José d'Araujo Sancta Barbara, requereu ao governo que lhe mandasse pagar os seus ordenados, por quanto nada tinha recebido havia quasi um anno. Em 8 de março de 1821 veiu um aviso mandando suspender immediatamente todas as despesas extraordinarias até estarem pagos os lentes e mais empregados da Universidade.

curas notaveis e tão conhecido do publico o bom tractamento dos doentes, que em breve começou a ser muito procurado não só pelos enfermos pobres de Coimbra e povoações comarcãs, mas tambem pelos de terras mais distantes, onde debalde tinham solicitado remedio contra as suas enfermidades. Os rendimentos e as accommodações do edificio chegavam tão sómente para certo numero de doentes, muito superior em verdade ao que podia agazalhar o antigo hospital. Ora, se por qualquer eventualidade acontecesse que entrassem para as novas enfermarias mais doentes do que lá se deviam admittir, necessariamente viria a alterar-se o equilibrio entre a receita e a despesa, e conjunctamente a diminuir a benéfica influencia da casa na razão directa da accumulção. Uma e outra cousa se realisou por não ser possivel a execução rigorosa dos regulamentos estatuidos para a admissão dos enfermos.

A primeira vez em que por falta de meios se tomaram providencias a respeito do hospital, foi na congregação de 16 de novembro de 1786. Resolveu-se então «que não se accitassem os doentes vindos de longe e de proposito curar-se aos hospitaes da Universidade;» e logo na sessão de 13 de dezembro se determinou «que o fato dos que morressem nos hospitaes se não desse aos parentes, como era costume, e que do dinheiro sómente o que crescesse depois de deduzidas as despesas na razão de 200 réis «diarios.» Estas resoluções não foram sufficientes para enfraquecer a concorrência, e porisso o conselho da Faculdade em 9 de outubro de 1789, ponderando que sómente se deviam admittir nas enfermarias os doentes pobres, decidiu que a apresentação d'um attestado de pobreza, passado pelo parochio, fosse condição indispensavel para a admissão de qualquer doente. Apesar d'isto a affluencia não diminuiu; de modo que em 5 de maio de 1791 foi mister cogitar de novas providencias para se regularem as finanças dos hospitaes. Por dous unicos modos se podia chegar á resolução do problema, ou augmentando a receita, ou despedindo os doentes que se apresentassem alem do numero determinado. Mas como pela porta do primeiro modo se não achava sahida, naturalmente se tomava o caminho do segundo. Dificultar e restringir a admissão dos doentes foi pois o que se resolveu. Entendeu-se que se devia pôr em execução o regimento de el-rei D. Manuel, cujas disposições eram nimiamente cautelosas e apertadas, e em conformidade com o mesmo regimento se deliberou que no hospital dos

Lazaros se não mantivessem mais do que dezoito doentes, e que no da Universidade se admittissem tão sómente os pobres das cercanias de Coimbra até oito leguas de distancia. Limitada por este modo a concorrência, era de esperar que não fosse tão solicitada a caridade dos hospitaes; no entretanto, ainda que baixasse o numero dos doentes, como depois cresceu o preço dos generos, logo sobrevieram os mesmos embaraços na administração. O director dos estabelecimentos apresentou-se novamente a reclamar providencias na congregação de 20 de abril de 1793, allegando que os mantimentos estavam por preço elevado, e que com a receita actual não podia custear as despesas. A Faculdade foi então mais explicita, e determinou que se não admittissem senão até oitenta enfermos.

Facil era apresentar alvitres nas congregações, discutir propostas, e formular por fim regulamentos para a boa administração dos hospitaes; na execução e practica das providencias estatuidas é que appareciam os escolhos, e os embaraços tanto mais compromettedores, quanto mais restrictas fossem as prescripções regulamentares. Se acontecesse chegar á porta do hospital um ou mais enfermos gravemente doentes, quando os registros da caza mostrassem que se tinha chegado á meta inexcedivel dos oitenta admittidos, haveria por ventura coração de tão barbara deshumanidade, que lhes recusasse a entrada, e por obediencia á lei os deixasse perecer á mingua de socorros? Deram-se muitas vezes collisões similhantes; e os encarregados da acceitação dos doentes infringiram, com prazer o digo, os regulamentos da casa, e obedeceram aos impulsos de sentimentos christãos. Por isso, ainda que o conselho da Faculdade limitasse o numero de enfermos que podiam entrar nos hospitaes, a força imperiosa das circumstancias alterava a circumscripção, e alargava os limites, o que tinha logar principalmente nas quádras doentias. Não é portanto de admirar que em maio de 1796 a differença sempre crescente entre a receita e a despesa obrigasse a excogitar novas providencias. O unico meio e o mais obvio de se cortar o mal pela raiz consistia em se procurar o augmento da receita proporcionado ao accrescimento das despesas. Mas, como não estava nas attribuições da Faculdade ampliar os recursos dos hospitaes por mais alvitres e projectos que a boa vontade suggerisse, não era possivel achar solução ra-

zoavel fora do lumiar das economias. A congregação convocada para acudir com remedio efficaz as necessidades urgentes, ao cabo de muito discutir, deliberou que se colligissem todas as resoluções desde tempo remoto attinentes ao regimen dos hospitaes, para sobre ellas se formar um regulamento.

Colligiram-se effectivamente as providencias tomadas em diversas occasiões para o bom andamento da administração interna dos hospitaes. Ficaram exaradas na acta da congregação de 23 de maio de 1796. Acham-se entre ellas algumas disposições, que, afe-ridas pelos principios economicos, têm razão de ser muito justificada, mas cuja execução rigorosa se não conforma por certo com os dictames da caridade. Tal é a que diz assim: «Aquelles doentes que forem admittidos em duvida de serem ou não curaveis «as suas molestias, serão mandados no fim de dous mezes, ou «logo que se julgarem incuraveis.» Esta determinação contida no regimento d'el-rei D. Manuel parecia modelada de proposito para a occasião. No hospital da Universidade havia muitos doentes achacados de molestias chronicas e incuraveis; e a sua manutenção era dispendiosa. O cofre estava exausto, as rendas futuras comprometidas, e as dividas a crescerem todos os dias. Em tão graves circumstancias, depois de debates prolongados em que não se atinou com expediente algum brando e ao mesmo tempo efficaz, foi mister appellar para a execução de medidas violentas; e o Conselho da Faculdade de Medicina, apertado pela dura necessidade, obedeceu á severa determinação do regimento de D. Manuel, e deliberou — *que os doentes julgados incuraveis fossem despedidos e postos á porta do hospital, onde tinham sido acceitos!* Tal foi o remate da congregação de 22 de julho de 1796.

— Exploraram-se depois todos os meios de economia para se egualar a receita com a despesa; mas, como as necessidades anteriores tinham já restringido por tal forma as verbas de consumo, que de portas a dentro do hospital tudo estava reduzido ao strictamente indispensavel, nada se economisou. Continuaram portanto os administradores observando os preceitos regulamentares da casa, empregando todos os esforços para não augmentarem as despesas. Afrouxou-se por vezes o rigor na admissão dos doentes, porque nem outra coisa podia acontecer na presença de epidemias, de fome e de todos os males inherentes á invasão franceza.

Mas quando em 1812 já não havia receios de novas perseguições do inimigo, e voltavam por toda a parte as cousas ao seu andamento regular, o hospital não podia com as despesas, e pediram-se providencias contra o deficit. Assentou-se em congregação de 10 de julho d'aquelle anno, que se reduzisse a oitenta o numero dos doentes «em quanto durassem as criticas circumstancias.» Infelizmente as esperanças de melhor ventura pareciam desvanecer-se com o tempo. Nos dez annos decorridos desde então até 1822 as necessidades foram em progressivo augmento, e as difficuldades de administração cada vez mais complicadas. Ponderou-se ao Prelado com viva instancia que attendesse para as necessidades do hospital. Mas o Prelado não attendeu como devia a todas as representações em que se pediam providencias. Entretanto as dividas augmentavam; os credores, não podendo continuar a fiar os generos, recusavam o costumado fornecimento; e a penuria chegou a tal extremo, que bem justificado foi o appello que se fez á caridade publica por meio d'uma caixa receptora de esmolas para o hospital. Emfim na Congregaçào de 19 de junho de 1823 o dr. José Feliciano de Castilho, que então exercia o cargo de director, patenteou a falta de recursos; disse que para não fechar o estabelecimento lhe tinha já abonado do seu bolso a quantia de 50,000 réis, e que, por não poder adiantar mais dinheiro, pedia providencias para as necessidades instantes. Faz lastima que só em extremos de miseria se abrisse o cofre academico para remediar as faltas do hospital! Pagaram-se então os generos consumidos, e sustentou-se o credito da casa; mas o expediente administrativo cahiu pouco depois em embaraços semelhantes aos que temos historiado, e assim proseguiu por muitos annos. A Faculdade, sempre attribulada com os negocios dos hospitaes, resolveu pedir ao governo que a alliviasse da administração economica. Depois de repetidas instancias e de largos annos de espera teve a petição o despacho desejado, como em seu logar contaremos.

CAPITULO VII

Doutrinas medicas professadas na Universidade desde a Reforma até 1822

Grave transformação se operava nas sciencias medicas quando a Junta de Providencia Litteraria começou a intender na reforma da Universidade. Os antigos systemas de Medicina, e os que successivamente se formaram depois do renascimento das lettras, achavam-se em extremos de decadencia. Em compensação, o rumo que havia tomado a physiologia após o conhecimento das propriedades vitaes, e os progressos sempre crescentes da anatomia abriam largos horisontes, e preparavam os fundamentos para a constituição de novas theorias medicas. Mas estas vicissitudes da sciencia, com quanto exprimissem o resultado de muito lidar, e fossem o indicio de incontestavel aperfeiçoamento, não deixavam todavia de entreter a duvida e de protelar a incerteza. Em taes circumstancias apurar as verdades scientificas e emittir opinião fundamentada era tarefa de não pequenas difficuldades.

Tinha a Junta de Providencia Litteraria, como encargo essencial da sua commissão, de apontar as doutrinas, com que se devia inaugurar o ensino das sciencias na Universidade Reformada. Instava por isto o Reformador por se convencer de que a prosperidade da nova cultura intellectual pendia da boa semente que primeiro se escolhesse. Ora o estado oscillante da Medicina embaraçava a escolha das materias que se haviam desde logo de explicar nas cadeiras de instituições e de aphorismos, aonde pertencia o ensino dos principios theoricos e fundamentaes das doutrinas medicas. A Junta sentia-se perplexa entre os fautores do progresso e os conservadores do passado. Conhecia os serviços que a eschola de Haller

tinha prestado á sciencia, e comprehendia a possibilidade de surgir dentro em pouco algum systema de Medicina, baseado nos recentes progressos physiologicos. Mas as possibilidades futuras eram apenas uma esperanza, e a occasião exigia realidades. Portanto, sem omitir as providencias para as necessidades que pareciam avizinhar-se, sahiu da hesitação adoptando para a actualidade doutrinas bem definidas e sancionadas pelo acolhimento geral. Boerhaave era ainda a primeira auctoridade na sciencia; seus escriptos e opiniões sustentavam-se nas principaes academias de Medicina, e eram assumpto de largos commentarios. Isto bastava para que a Junta lhes dêsse a preferencia, como realmente deu, decidindo que na aula do quarto anno se explicassem as lições de pathologia pelos *Aphorismos* d'aquelle auctor «em quanto não houver outros «mais completos e perfeitos que substituam o logar d'elles 1.» O compendio de *Instituições* de Boerhaave resumido e substancioso foi tambem indicado nos Estatutos para o ensino da physiologia 2. D'este modo as doutrinas boerhavianas, ainda que admittidas como expediente provisório, ficaram legalmente recommendadas, e porisso tiveram nos primeiros annos dominio exclusivo na Faculdade.

Realçava sobre modo no eclectismo de Boerhaave a influencia da eschola iatromathematica. O illustre professor de Leyde tendia para explicar os actos do organismo pelos principios invariaveis da physica 3. Não desconheceu, é verdade, a importancia da chimica, de

¹ Esta clausula acha-se coherente com o que dispõem os Estatutos no liv. 3.º, parte I, tit. II, cap. II, § 13, onde lêmos: «E como uma das causas «do atrazamento dos estudos nas Universidades é a parcialidade com que se «afferram aos auctores, que uma vez entraram a seguir: declaro, e ordeno «que nenhum auctor nacional ou estrangeiro seja fixamente adoptado para «as lições de *Medicina*, mas que se tenha sempre provisionalmente o que «for approvedo para o dicto fim das lições, emquanto não apparecer outro «na mesma materia, que se julgue mais perfeito, e mais util ao bom aproveitamento dos estudantes, etc.»

² Ibidem, § 12.

³ Basta ler as primeiras linhas da physiologia de Boerhaave no § 40 das suas *Instituições* para se conhecer quanto elle preferia explicar os phenomenos organicos pelas leis da mechanica. Diz assim o texto vertido em vulgar: «Sabemos pela anatomia que o corpo humano consta de solidos e fluidos. «Chamamos solidos já aos vasos em que se contém os liquidos, já aos órgãos «construidos, figurados e dispostos por modo tal, que a sua relação, qual fabrica singular, lhes facilita o exercicio de certos e determinados movimentos «quando provocados por alguma causa motriz. E em verdade, se bem consi-

cujo auxilio se valeu muitas vezes para achar a razão dos phenomenos vitales; mas é certo que as leis da mechanica lhe pareciam de mais frequente applicação, e satisfazião melhor ao seu espirito. Os que lhe seguiram os passos não limitaram, antes persistiram na applicação da physica á physiologia. E como o emprego das mathematicas tinha aperfeiçoado consideravelmente as sciencias physicas, occorreu que pelo mesmo processo se chegaria tambem á resolução dos problemas de Medicina. A demonstração das verdades physiologicas á luz da mathematica occupou os medicos em obstinadas tentativas. Submitteram-se as funcções organicas ás operações do calculo, e, segundo os partidarios da eschola iatromechanica, não se devia afrouxar neste empenho, porque o progresso da Medicina muito tinha a esperar das combinações algebricas e geometricas.

Sabia a Junta de Providencia Litteraria que os sectarios da eschola boerhaaviana consideravam o aperfeiçoamento da Medicina pendente em grande parte dos progressos da physica. Era tambem d'esta opinião a propria Junta, a quem muito agradavam as doutrinas iatromechanicas. Levada pelos impulsos naturaes e pelo que apregoavam os admiradores de Boerhaave propoz que no estudo da Medicina se imitasse o methodo dos geometras, tanto synthetico como analytic, e recommendou que se attendesse «sem-
«pre para os principios demonstrados na physica, mechanica e
«hydraulica; porque, affirmou ella em tom expressivo, é evidente
«que as propriedades medicinaes dos remedios não são virtudes
«occultas, mas consequencias que resultam das suas propriedades
«physicas; e que nem o remedio ajuda, nem a materia morbifica
«offende, senão por uma acção mechanica empregada e applicada
«nas diferentes partes do corpo, cuja acção e mecanismo se deve
«entender para se discorrer e practicar com acerto¹.» A Junta de Providencia Litteraria, composta de varões illustres em sciencia e humanidades, em cujo gremio porem não se divisava um medico,

«derarmos as peças do organismo, acharemos nellas sustentaculos, columnas,
«traves, anteparos, coberturas, pontos de apoio, cunhas, alavancas, roldanas
«para dirigirem as cordas, prelos, folles, crivos, filtros, canaes, cavidades
«e receptaculos. A faculdade, que têm os órgãos de executar movimentos, se
«deu o nome de funcção; a qual se regula pelas leis da mechanica, e por
«ellas tão sómente se pôde explicar.»

¹ Estatutos da Universidade liv. III, part. I, tit. II, cap. II, § 11.

podia abster-se de exarar nos Estatutos aquellas proposições sentenciosas. Escreveu-as deliberadamente, não para alardear ou inculcar os principios da sua philosophia medica, mas sim para exprimir a indole das doutrinas e precisar a direcção que devia ter o ensino nas cadeiras da nova Faculdade. Em harmonia com os mesmos principios, e para que os alumnos podessem profundar a sciencia, estabeleceu que no curso das disciplinas preparatorias e auxiliares da Medicina se comprehendessem, alem da historia natural, da physica e da chimica, o estudo das mathematicas puras por espaço de dous annos, e o tirocinio durante um anno das mathematicas applicadas. O apparatus de tanta mathematica poderá parecer demasiado, mas era condição indispensavel para se entenderem as verdades da physica. As demasias significavam a reacção contra os desvarios da escolastica. A Junta insistiu tanto pelas mathematicas e pela applicação dos processos geometricos com o proposito de extinguir a velha dialectica, e de habituar a mocidade a servir-se da intelligencia e a usar da razão.

Ao começar na Universidade o movimento das aulas e a execução dos novos Estatutos todos os estudantes que, segundo o edital de 7 de novembro de 1772, puderam matricular-se em Medicina, foram obrigados a frequentar as sciencias auxiliares nas faculdades de mathematica e philosophia. O ensino medico nas quatro cadeiras maiores da Faculdade versou, como estava decretado, sobre as doutrinas de Boerhaave. As *Instituições* e *Aphorismos* d'este auctor serviram de texto, e foram explicados nas cadeiras theoricas; e nas de practica modelaram-se as applicações clinicas pelas mesmas doutrinas, observando-se na direcção dos cursos os preceitos determinados nos Estatutos.

Raros e quasi imperceptiveis são os vestigios do desenvolvimento que tiveram as doutrinas boerhaavianas nos primeiros tempos da Reforma; por este motivo não se pôde hoje averiguar até que ponto se profundaram nas aulas, nem quaes as materias em que de preferencia se insistiu. Tambem nos faltam esclarecimentos para dizermos ao certo por quantos annos se prolongou na Universidade a influencia exclusiva de Boerhaave. Sobre este e outros pontos, cujas noticias particulares se perderam, podemos quando muito formar conjectura com mais ou menos approximação da verdade. É de presumir que nos primeiros onze annos consecutivos á

Reforma se conservassem no ensino medico os livros de texto recommendados nos Estatutos, não obstante serem conhecidas desde 1776¹ as *Primeiras Linhas de Medicina*, de Cullen, e de attrahirem as attenções por toda a parte as obras physiologicas de Haller. Os Estatutos prescreviam terminantemente² que «não se mudasse de Boerhaave para outro sem se ponderarem e discutirem por miudo as vantagens que d'isso podem resultar.» Esta prescripção da lei e a conveniencia de não se perturbarem os bons auspicios da Reforma com mudanças e alterações que podiam adiar-se, retardaram a adopção d'outros compendios. Temos, porém, que de involta com as doutrinas de Boerhaave se foram insinuando nas aulas e apresentando nas discussões academicas algumas particularidades dos recentes descobrimentos. Persuade-nos d'isto o enunciado das theses que por aquelle tempo foram propostas para os actos de conclusões magnas. Alli se reflectem as doutrinas e as opiniões medicas professadas na Universidade³; e por falta de melhores noticias d'alli tomaremos os esclarecimentos que agora convêm a nosso proposito.

¹ Acho menção nas biographias de Cullen de que a sua obra mais notavel *Primeiras Linhas de Medicina* fôra publicada pela primeira vez em Leyde em 1773. As edições inglezas e a traducção franceza de Bosquillon foram mais conhecidas em Portugal.

² Liv. III, part. I, tit. III, cap. V, § 15.

³ As theses propostas pelos doutorandos para os actos de conclusões magnas, as dissertações inauguraes e os compendios são os unicos documentos por onde hoje podemos julgar das doutrinas e opiniões dominantes nas aulas de Medicina depois da Reforma. Acham-se alli indicadas as principaes materias dos ramos da sciencia que então se ensinavam; mostram-nos qual a direcção que tomava a parte especulativa, e quaes os meios therapeuticos de mais frequente applicação na practica, etc.

Sabemos que as theses antes de impressas passavam pelo exame de tres censores, que esmiuçavam todas as particularidades, e eram depois revisitas pelos vogaes da Faculdade e discutidas em congregação, onde obtinham a approvação definitiva. A censura das theses naquelles tempos embaraçava muito os candidatos. Proposições contrarias ao pensar dos professores, e que não fossem auctorizadas pelos escriptores de melhor nota, em regra não eram approvadas. Por isso as theses representam não só a opinião do candidato, mas tambem a da Faculdade, e exprimem em geral as ideas que então vogavam na Universidade. Para complemento da materia tractada neste capitulo expôremos no fim da primeira parte da presente Memoria os pontos que a Faculdade escolheu para assumpto de dissertações inauguraes desde a Reforma até á actualidade.

As primeiras theses de Medicina ¹ propostas depois da Reforma, e defendidas em 11 de novembro de 1778 representam o eclecticismo de Boerhaave, vago e indeciso entre as doutrinas do passado e o principio promettedor da irritabilidade halleriana. Naquellas notaveis theses, por certo as mais extensas e numerosas, e talvez tambem as mais profundas de quantas posteriormente se apresentaram em Medicina, diz o seu auctor na primeira proposição ². «Os medicamentos simples fornecidos pelos tres reinos da natureza tiram as virtudes dos principios de que constam. Estes são *«agua, terra, sal, oleo, espirito etc.* — A segunda parte da proposição revela-nos que a velha doutrina dos quatro elementos, embora modificada, ainda por aquelle tempo vigorava na Universidade. Contrastam porem com as reliquias aristotelicas outras theses, em que se manifestam os recentes progressos e a influencia de Haller. Taes são a segunda e quarta de physiologia; uma nega o movimento e a irritabilidade á dura mater ³, a outra proclama as idéas Hallerianas sobre os movimentos do coração ⁴. É verdade que o candidato respeitou cautelosamente o passado; não se limitou a affirmar com o reformador da physiologia que os movimentos cardiacos procedem só da irritabilidade insita, provocada pelo sangue: attendeu ás tradições, ou antes ás doutrinas expendidas nas aulas, e sustentou que os mesmos movimentos de-

¹ Francisco Tavares foi o primeiro candidato que depois da Reforma defendeu conclusões em Medicina, e recebeu o grau de doutor nesta Faculdade. Encontrei casualmente na bibliotheca da Universidade entre muitos papeis avulsos um exemplar das theses de tão illustre defendente. Procurei tambem e com muito empenho as dos candidatos que se lhe seguiram. Foi trabalho perdido; não achei noticia das proposições defendidas pelos seis estudantes que se graduaram em Medicina nos dez annos decorridos até 1788. Por este motivo me limito a expor o que me pareceu mais digno de notar-se nas theses de Francisco Tavares.

² «Quae triplex Naturae Regnum, medicamenta, suppeditat, utut simplicia; virtutes mutuantur à principiorum, é quibus constant, complexu. Ea sunt *«Aqua, Terra, Sal, Oleum, Spiritus, et ex his coalita Resinae, Mucilagines, «Sapones, aliam dum simplicia, aliam dum combinata virtutem exerentia.*

Esta e outras theses de Francisco Tavares são transcriptas para aqui como se acham no exemplar impresso que tenho presente.

³ Dura cerebri meninx nullo gaudet motu, ut Vallisnerio, Pachionio, et Baglivo visum est. Solertissimi A. Haller, et aliorum Cl. Virorum observatis demonstratum fuit nervis non constare, neque irritabilem esse.

⁴ Cordis motus, *Systole* nimirum, atque *diastole*, unde primaria motus

pendem tambem do influxo do liquido nervoso. A admissão d'um liquido no interior dos nervos concorda com a primeira these de physiologia, em que se assevera que o cerebro, alem d'outros usos, é órgão secretor dos espiritos animaes¹. Tal doutrina pode hoje parecer a consequencia das ideias philosophicas dominantes no seculo passado; e, se assim fosse, o candidato conimbricense teria sido o precursor de Cabanis², e o primeiro a implantar na physiologia os principios da eschola sensualista. Mas esta eschola e as sciencias medicas tiveram as phases do seu desenvolvimento em orbitas separadas, e só estreitaram relações nas proximidades do seculo actual. Por isso a doutrina physiologica relativa á *secreção dos espiritos* não significa influencia do movimento philosophico da epocha; representa pelo contrario a continuação de ideias, que muito havia dominavam em Medicina. Que ellas eram erroneas demonstravam-no os estudos recentes sobre a estructura e propriedades dos nervos; como porem tinham sido abraçadas e defendidas por Boerhaave³,

sanguinis caussa derivatur, producitur ab eodem sanguine in ipsius ventriculos irruente, insitamque irritabilitatem in actum ducente. Á nervorum liquidi influxu etiam pendere sustinebimus.

¹ Cerebrum non solum externis, et internis sensibus inservit; verum etiam, ut *spiritus animales* dicti secernantur, organum est.

² Cabanis considerava o cerebro como um órgão particular destinado especialmente para produzir o pensamento. Deduziu a sua theoria sobre funcções cerebraes argumentando do que se passava nos outros órgãos da economia. Assim como o estomago digere e transforma as materias alimentares, assim como as glandulas elaboram as secreções, do mesmo modo o cerebro por uma acção organica elabora as impressões e as transforma em pensamentos. — «Nous voyons les alimens tomber dans ce viscère (estomac) avec les qualités qui leur sont propres: nous les en voyons sortir avec des qualités nouvelles: «et nous concluons qu'il leur a véritablement fait subir cette altération. Nous voyons également les impressions arriver au cerveau par l'entremise des nerfs: elles sont alors isolées et sans cohérence. Le viscère entre en action; il agit sur elles: et bientôt il les renvoie métamorphosées en idées, que le langage de la physionomie et du geste, ou les signes de la parole et de l'écriture, manifestent au-dehors. Nous concluons, avec la même certitude, que le cerveau digère en quelque sorte les impressions; qu'il fait organiquement la sécrétion de la pensée.»

CABANIS, *Rapports du Physique et du Morale de l'Homme*. Paris 1802, tomo 1, paginas 151 e 152.

³ Boerhaave julgava que os nervos eram percorridos por um fluido tenuissimo (*Institutiones*, § 284) separado do sangue arterioso na parte cortical do cerebro. «Humor ille, ob simplicitatem, subtilitatem, mobilitatem perfe-

e como no pensar de tão illustre professor só ellas resolviam infinitos problemas anatomicos e physiologicos, sustentavam-se ainda taes ideias em Coimbra por homenagem a Boerhaave, que a lei apontava como oraculo da Medicina.

Da tendencia para o eclectismo e para a mistura de doutrinas medicas heterogeneas achamos documento notavel na mesma colleção de theses que deu argumento para o primeiro acto de conclusões que houve na Faculdade. Na repartição de pathologia geral attribuem-se as doenças dos solidos «já á maior ou menor connexão «das suas particulas elementares, donde procede a *debilidade*, a *laxidão*, a *rigidez*, o *augmento de elasticidade*; já ao excesso «ou deficiencia de força vital, com que tem relação o *augmento de irritabilidade*, o *torpor* e os seus effeitos respectivos¹.» Aqui te-

«ctam, appellatur spiritus nervorum, isque naturalis, vitalis, vel animalis. (Inst. § 291). O sangue despojado dos espiritos segregados no cerebro voltava ao pulmão para ser vivificado, e tornar-se apto para novas secreções (ibidem, § 298). A hypothese d'um fluido tenuissimo circulando por toda a economia era indispensavel aos iatromechanicos para explicarem os actos physiologicos segundo as leis da physica. A contracção dos musculos por exemplo effectuava-se pela accumulacão do fluido na cavidade das fibrillas musculares que as distendia num sentido e encurtava noutro; etc. O systema combinado da vivificação do sangue, secreção dos espiritos e acção d'estes por intermédio dos nervos parecia a Boerhaave que resolvia uma serie de problemas indicados no § 296 das suas *Instituições*: apontaremos apenas os seguintes — «Cur cerebrum et cerebellum, cum suis appendicibus, theca «ossea muniuntur, et quid id boni? Cur muscoli, glandulae, pinguedo, hic «absunt? Cur sanguis intra cranium in sinus, certis locis positos, evacuatur, «et cur non rēcta iterum exit? Cur figura cerebri spherica? Unde et cui «usui ventriculi? Quid facit plexus choreoides? Cur cerebellum ventriculis «caret, etc.»

Tractando dos sentidos internos e da formação das ideias expende Boerhaave doutrina muito differente da de Cabanis. Considera o cerebro como orgão central, aonde pelos nervos chegam as modificações produzidas na peripheria pelos agentes externos. Admitte grande variedade de modificações conforme a natureza dos objectos modificadores, a intensidade de acção, a estrutura dos nervos, etc.: e diz que da variedade de modificações nasce a variedade de ideia percebida «*in intellectu sentienti*, nihil representans quod «est in actione objecti, vel in passione organi.» (Inst. § 570). E logo adiante continúa: «Non ergo videtur diversitas haec idearam pendere tantum a varietate illa, qua ultima pars nervi constructitur; sed a multis aliis praeterea «non quidem causis, sed ex Instituto Conditoris Adorandi, conditionibus.» (Inst. § 571).

¹ Qui solida simplicia vexant, morbi, vel illorum particularum elementa-

mos os principios fundamentaes de duas escholas, senão oppostas, ao menos muito differentes, associados em amigavel alternativa para explicarem as modificações pathogenicas da fibra simples. Importa porém reconhecer que este dualismo, embora forçado, exprime ideias de incontestavel progresso. A approximação entre o *strictum et laxum* dos methodistas e os principios do moderno vitalismo restringe o dominio de Boerhaave, e estabelece a passagem das velhas para as novas theorias medicas. Para o celebre professor de Leyde a acção physiologica dos solidos resultava especialmente do fluxo e refluxo dos *espiritos* levados pelos nervos ás fibras elementares, em cujo interior elle suppunha uma cavidade. Não transluz nas suas *Instituições* a ideia d'uma força propria inherente ao tecido; nem uma só vez em toda a obra se encontra a palavra *irritabilidade*. Da hydrodynamica applicada á influencia dos *espiritos*, ou fluido nervoso, deduzia a razão do movimento physiologico na fibra primitiva; e explicava a pathogenia das affecções nos solidos pelos embates physicos e pelas qualidades acrimoniosas. Ora na these de que fallamos desprende-se o doutorando da auctoridade do grande mestre e abraça os principios da eschola de Haller. Estabelece relações entre as ideias de *irritabilidade e de força vital*, e proclama as opiniões dos mais adiantados vitalistas da epocha. É evidente que se contradiz com o que affirma em outras theses; mas a contradicção revela-nos que se estudavam e apreciavam em Coimbra os recentes descobrimentos, e que os animos se inclinavam para onde a sciencia progredia.

Mistura informe, eclecticismo inconciliavel é o que as mesmas theses nos apresentam a respeito das affecções provenientes da alteração dos liquidos. Verdade é que sobre tal materia nada tinham adiantado os ultimos escriptores. Nos livros de pathologia predominavam ainda os principios e a nomenclatura da eschola iatrochimica quando se tractava das affecções morbidas originadas nos fluidos da economia. Não é pois de extranhar que o candidato, conformando-se com as doutrinas que tinham curso auctorizado, admittisse promiscuamente principios solidistas e iatrochimicos, e derivasse um e mais generos de doenças do maior ou menor gráu

rium nexui arctiori, aut delibiori debentur; unde debilitas, laxitas, regiditas, aucta elasticitas profluunt; vel excessui, aut defectui vis vitalis, quò irritabilitas aucta et torpor, et horum effectus referuntur.

de cohesão dos mesmos fluidos¹, das varias especies de acrimonias, da pletora e da congestão parcial etc². Onde porém se torna mais palpavel a reunião de principios de escholas oppostas, é na doutrina que o candidato sustenta relativa á pathogenia da febre e ás indicações therapeuticas correspondentes. Na primeira these de pathologia interna¹, reconhece como causas da febre «a obstrucção e a acrimonia, isto é, um phenomeno physico e outro chimico, por cuja acção estimulante pulsa o coração com mais velocidade e em menores intervallos, elemento essencial para o diagnostico; e accrescenta que para se curar a febre importa attender ás forças do doente, corrigir e expulsar a acrimonia, dissolver e expellir a viscosidade obstructora, e mitigar os symptomas.» Esta doutrina é o transumpto extreme e genuino de alguns aphorismos de Boerhaave; a segunda parte da these acha-se até enunciada pelos mesmos termos de que se serviu aquelle auctor no aphorismo 598 em que expoz as principaes indicações therapeuticas em geral². Egualmente achamos no aphorismo 570 a velocidade do pulso considerada como elemento essencial do diagnostico, e o unico infallivel por onde o medico julga da presença da febre³. A etiologia reduzida ao *obstructum et acre* equivale a uma formula, que representa a acção da longa serie de causas, apontadas no aphor. 586.

¹ Corporis humani fluida solá cohaesione a solidis diversa, hac vel immixta, vel aucta, primo morborum genere laborant.

² Laborant quoque, si variis acritatum speciebus inficiuntur, si quantitate peccant, si loco aberrant; unde quamplurimi morbi pullulant.

In quibus omnibus morborum differentiis reperiri datur conjuncta solidorum, et fluidorum reciproca conspiratio morbis compositis originem præbens, vasa, et viscera diversimodè afficientibus.

³ Febris in genere, pulsus aucta velocitate dignoscenda, causas agnoscit acre, et obstructum, quorum ope cor stimulatum contrahitur velocius, et cum minoribus intervallis. Exigit, ut curetur 1.º vitæ, ejusque viribus consuli; 2.º acre irritans corrigi, expelli; 3.º lentorem dissolvi, et expelli; 4.º symptomata mitigari.

⁴ Curatio optima febrium generalis obtinetur, si 1.º vitæ, ejusque viribus consulitur. 2.º Acre irritans corrigitur, expellitur. 3.º Lentor dissolvitur, expellitur. 4.º Symptomata mitigantur. Boerhaave *Aphorismi de decognoscendis et curandis morbis, aphorismo 598.*

⁵ Reconheceu Boerhaave que muitos symptomas acompanham a febre, sem os quaes ella póde existir (aph. 560); mas para evitar erros no diagnostico considerou como principaes o frio horripilante, o calor, e a velocidade do

Os topicos citados demonstram claramente que nas primeiras conclusões de Medicina, defendidas depois da Reforma, se contêm principios de escholas diversas, amalgamados com o eclectismo boerhaaviano. E, como tudo persuade que o elencho das theses representa a synthese das doutrinas que então se desenvolviam nas aulas, não iremos longe da verdade conjecturando que o dominio exclusivo de Boerhaave foi de pouca duração, e que os professores gradualmente admittiram no ensino as conquistas da sciencia moderna. A mistura e a confusão de factos e de theorias incompatíveis era inevitavel na transição das velhas para as novas doutrinas. Mas o progresso scientifico recommendado nos Estatutos effectuou-se de modo, que em pouco mais de onze annos desapareceu do ensino o eclectismo methodico, e aos velhos systemas de Medicina succederam na theoria e na practica as grandes ideias nascidas da revolução proclamada por Haller. Não ficou registrado em que anno se substituiram os compendios de Boerhaave por outros em que se continham os adiantamentos da sciencia. É provavel que a substituição em todo ou em parte se fizesse no anno lectivo de 1783 para 1784, anno memoravel pela criação da cadeira de pathologia cirurgica e por outros melhoramentos que advieram á Faculdade. O que se tem por certo é que já em 1786 se ensinava a physiologia pelas *Primeiras Linhas* que d'aquella sciencia escreveu Haller, e que pouco depois na cadeira de aphorismos se explicava a pathologia pelos *Elementos de Medicina Practica* de Cullen ¹. Os *Elementos de Cirurgia* do dr. Caetano José Pinto d'Almeida foram adoptados por determinação regia em 1790

pulso (aph. 563); a esta velocidade attribuiu maior importancia porque persiste desde o principio até o fim da febre, aph. 570—*Quæ (horripilação, calor, e velocidade do pulso) quidem in omni febre adsunt, sed sola velocitas pulsus adest ex his omni febris tempore, ab initio ad finem, eaque sola Medicus presentem febrim judicat.*

¹ É de crer que a substituição dos *Aphorismos* de Boerhaave pelos *Elementos de Medicina Practica* de Cullen tivesse logar depois que esta obra foi traduzida em francez por Bosquillon. O primeiro volume da traducção appareceu publicado em 1785, e o segundo em 1787. Por este tempo já as doutrinas boerhaavianas eram abertamente combatidas na Universidade. Sirva de documento a seguinte these de physiologia, proposta por Joaquim Navarro de Andrade em 1788 — *Nullos contineri intra nervos spiritus, nec etiam Theorias ad eorum actiones explicandas nostris temporibus excogitatas*

para o estudo, d'aquelle ramo da arte de curar. Substituíram-se, passados annos pelo *Compendio de Instituições Cirurgicas* de Plenck. Na falta de melhor tractado elementar continuaram ainda por muitos annos a servir de texto as *Instituições* de Boerhaave para o ensino da semeiotica e da hygiene.

A adopção dos livros de Haller e de Cullen inaugurou uma epocha notavel na Faculdade e nos destinos da Medicina em Portugal. Com elles terminou e influencia das doutrinas iatromathematicas; e o espirito, desembaraçado da subjeição ás auctoridades scientificas, inculcadas nos Estatutos, pôde examinar livremente e introduzir no ensino os recentes descobrimentos. Foi então, e só desde então, que as sciencias medicas na Universidade attingiram e acompanharam o andamento que tinham nas escholae de melhor nomeada.

Parecerá talvez que o estudo theorico, regulado pelas obras dos dous celebres reformadores, não estabelecia as devidas relações entre a physiologia e a pathologia, que o nexu se interrompia pela discrepancia, que entre ambos se dava, em principios fundamentaes, e que por isso se devia alterar a uniformidade das ideias quando os alumnos passassem d'uma para outra sciencia. O reparo tem por certo cabimento. Em verdade Cullen não edificou immediatamente a pathologia sobre as descobertas physiologicas de Haller. Reconheceu o grande principio das propriedades vitaes, mas em vez de considerar a irritabilidade como propriedade insita e privativa do musculo, tomou-a por uma das muitas manifestações da influencia nervosa, e attribuiu aos nervos o principio de toda a actividade physiologica. Haller pelo contrario sustentou a independencia das propriedades vitaes como inherentes á natureza do tecido, restringindo a posse da irritabilidade ao musculo e a da sensibilidade ao nervo. Discordavam portanto em principios os dous compendios escolhidos para texto nas aulas de physiologia e de pathologia. Mas a taes differenças obviavam os professores expli-

satis omnino facere, contendemus. Esta proposição impugnava pelos fundamentos a maior e melhor parte da physiologia de Boerhaave. O mesmo se dava em relação á pathologia com esta outra these de pathologia geral — *Quamvis acrimoniae aliquas dari in humoribus etiam per vasa motis inficiari non audeamus; eas tamen raro nocendi potestate gaudere, nisi in variis corporis partibus deponantur, stagnetque, pro comperto habemus.*

cando os progressos physiologicos consecutivos aos trabalhos de Haller.

O nervosismo achava-se por aquelle tempo em periodo de vigoroso crescimento; os physiologistas apregoavam por toda a parte que no systema nervoso residia o principio activo da economia animal; combatia-se geralmente a doutrina halleriana sobre a irritabilidade; filiavam-se da acção nervosa as propriedades vitaes, e todos os phenomenos do organismo eram submettidos á influencia directa ou indirecta e reguladora do systema nervoso. Que as lucubrações dos physiologistas da epocha foram conhecidas e estudadas em Coimbra é facto de que se não pode duvidar¹. Podemos até abonar-o com a discussão que houve na Congregação de Medicina

¹ Alem do que nos mostram as Theses, achamos documento irrecusavel do facto na dissertação inaugural de João de Campos Navarro, escripta em 1788, sobre o seguinte thema — *Quae sit vera et genuina caloris animalis causa?* O auctor expõe as theorias dos antigos sobre calor animal; analisa o que sobre a mesma materia escreveram os ultimos sectarios das escholas iatrochymica e iatromechanica; discute as opiniões de Boerhaave; aponta as ideias de Haller, de Crawford e d'outros contemporaneos; chega por fim aos trabalhos de Lavoisier, que representavam então a ultima palavra da sciencia, e escreve o seguinte: «Lavoisier, de La Place asserere non dubitant in respiratione perfectam combustionem locum habere, quae sententia validissimis nititur fundamentis, antequam vero illam exponam, ut inde caloris animalis causam deducamus, notandum est — 1.º calorem animale in frigidissimis anni temporibus 1735 1760 idem esse, ita ut in Siberia etc. — 2.º sanguinem majorem habere calorem specificum, quam caro, lac, vegetabilia, et aqua — 3.º animalia ab organis respirationis destituta eandem temperaturam ac medium in quo vivunt habere — 4.º animalia inter calido sanguine gaudentia, calidiora esse illa, quae ampliora habent respirationis organa — 5.º eodem in animali calorem varium esse pro ratione inspirati aeris etc. etc.» Prosegue em considerações similhantes, e depois conclue: «Lavoisier, Priestley, Bucquet et alii demonstrarunt quod aer fixus seu acidum (carbonicum?), a combinatione oxygeni et principii carbonacei provenit. Ex quibus omnibus in aperto positum est in respiratione animali perfectam combustionem dari; nam aer purus inspiratus a principio sanguinis carbonaceo decomponitur, cum oxygenio uritur, indeque aer fixus provenit, qui expiratur, aeris puri calor specificus ad sanguinem transit, calorigue animali originem præbet, etc., etc.»

Extrahido do exemplar manuscripto que se conserva na bibliotheca da Universidade no codice dos manuscriptos n.º 745, onde igualmente se acham outras dissertações medicas. Devo aqui advertir que a dissertação manuscripta parece copiada por quem não sabia latim, porque está cheia de erros. Emendei na transcripção que acima apresento os erros de grammatica; notei porém em italico as palavras emendadas.

em 30 de julho de 1789 a respeito da mudança do compendio de Haller. Já então se ponderou que o livro não correspondia, por antiquado, ás necessidades do ensino; e como não se encontrasse para o substituir outro tractado elementar com os dotes requeridos, o Conselho encarregou o dr. Francisco Tavares, que então regia a cadeira de Instituições, de annotar as *Primeiras Linhas* de Haller. Não chegou aquelle professor a desempenhar-se da incumbencia, porque passou pouco tempo depois para a segunda cadeira de practica. O dr. Joaquim Navarro, que lhe succedeu na regencia de Instituições, propoz em 23 de maio de 1796 a substituição do compendio de Haller pelo de Caldani. A proposta foi lembrada e renovada na congregação final d'aquelle anno, á qual assistiram poucos vogaes. O prelado (José Monteiro da Rôcha), que não sympathisava com a mudança, adduzindo que a escolha dos compendios devia ter logar quando o conselho estivesse concorrido, adiou a discussão. Continuou portanto nas aulas o compendio de Haller, cuja lição se substituiu em muitos pontos pelo que rezavam as obras de Barthez, Chaussier, Darwin e Bichat. Os principios fundamentaes das doutrinas physiologicas d'aquelles auctores foram desenvolvidos e apreciados na Universidade, como se pode ver das reliquias que nos ficaram d'aquelle tempo ¹. Do mesmo

¹ Nem de theses nem de dissertações inauguraes existem collecções completas na bibliotheca da Universidade; as que pude achar naquelle estabelecimento são as reliquias, a que alludo no texto. Encontro alli muitos vestigios das doutrinas que se discutiram na Faculdade de Medicina. É evidente que nem mestres nem discipulos podiam discorrer sobre as materias enunciadas nas theses sem as conhecer e ponderar sufficientemente. Por isso não duvido afirmar que em Coimbra foram apreciadas, pouco depois de sahirem da imprensa, as obras dos auctores acima indicados. Demonstram isto principalmente as theses de Manuel Pereira da Graça, defendidas em 1797, as de Joaquim Xavier da Silva em 1804, as de Carlos José Pinheiro em 1815, etc., etc.

Não transcrevo as proposições d'estes e d'outros candidatos, nem dou maior desenvolvimento a estas noticias, porque seria isso excessiva miudeza. É geralmente sabido que os escriptores notaveis de Medicina, tanto francezes como inglezes, não foram mais conhecidos nas suas respectivas nações do que em Coimbra. Tambem na nossa Universidade, como nas estrangeiras, disputaram primazias vitalistas e organicistas. Comparando os escriptos d'uns e outros durante o primeiro quartel d'este seculo, achamos que o vitalismo teve maior numero de proselytos. A influencia de Barthez deixou vestigios muito assignalados.

modo se explanaram as descobertas de Galvani, os estudos de Hunter a respeito do sangue, e as experiencias de Le Gallois, Willis e Ch. Bell sobre as propriedades e influencia do systema nervoso. Os professores respectivos ponderaram por vezes o desaccordo que se dava entre o texto halleriano e os adiantamentos da physiologia. Apesar da insistencia de quem tinha a seu cuidado o ensino, e dos progressos physiologicos, o livro de Haller, havido já em 1789 por insufficiente e atrasado na maior parte das materias, conservou as prerogativas de texto official até 1835.

Manter o ensino da physiologia ao nivel dos progressos da sciencia era dever e ao mesmo tempo necessidade; dever pelos encargos do magisterio, necessidade porque a materia medica e a pathologia, salvando-se da ruina dos antigos systemas, começavam a reconstruir-se, e assentavam os fundamentos nos principios da moderna physiologia. Cullen, que trabalhara com zelo ardente na reforma das sciencias medicas, foi o primeiro que firmou a pathologia sobre as conquistas physiologicas. A novidade da obra, o espirito scientifico e a elevação de pensamento que nella dominavam, deixaram na penumbra as produções dos mais notaveis pathologistas da epocha. Recommendada por aquelles predicados encontrou por toda a parte benigno acolhimento; e o nome do auctor, já então respeitado pelas notabilidades medicas da Europa, obteve nas escholas merecida reputação. Vejamos pois com maior individualização porque motivos se substituiram tambem em Coimbra as doutrinas de Boerhaave pelas do celebre professor de Edimburgo.

Febres e inflamações, companheiros inseparaveis da maior parte das doenças, e que por si sós occupam a maior extensão da pathologia, em todos os tempos despertaram a attenção dos medicos e foram o alvo principal de seus cuidados na praxe e de suas investigações especulativas nas escholas. Na organização dos systemas de Medicina o que sobre tudo importava era que a theoretica pathologica satisfizesse cabalmente á explicação dos phenomenos febris e inflammatorios. Como se dissipassem neste ponto as duvidas, as restantes enfermidades amoldavam-se aos principios geraes do systema, a cujas exigencias se subordinavam tambem a pharmacologia e as applicações therapeuticas. Cullen, menos systematico do que seus predecessores, foi porisso mesmo mais circumspecto na generalização dos principios. Tendo como ponto decidido em physiologia

que o systema nervoso é o depositario e o dispensador das forças vivas, por coherencia e por convicção não duvidou admittir que os modificadores da economia, ou sejam hygienicos, pharmacologicos, ou pathologicos, exercem a sua acção solicitando em ultima instancia as forças d'aquelle systema. Houve-se porem com tão prudente reserva nas deducções subsequentes, que evitou sempre o escolho das ultimas consequencias. E se assim não procedesse, o corollario final de seus principios necessariamente o levaria a considerar em materia medica a maior parte dos medicamentos como nervinos, e em pathologia quasi todas as doenças como nevroses ¹. Cauteloso pois na inducção e deducção logica soube parar onde o exame dos factos não lhe permittia generalisar *ultra modum*. Em nosologia distribuiu as affecções por quatro grandes classes e restringiu, a exemplo de Hippocrates, o numero das chamadas especies morbidas; em pathologia apreciou cuidadosamente os factos e as suas relações, e, elevando-se por elles até ás suas causas proximas, emprehendeu fundar no conhecimento exacto das mesmas causas methods therapeuticos certos e racionaes. Tractando e unindo por este modo a pathologia e a therapeutica, teve em vista não só dar a ambas maior relevo scientifico, mas tambem tornal-as de immediata applicação ás necessidades clinicas, aspiração extrema da Medicina. Cullen distingue-se em verdade por differenças mui notaveis dos pathologistas da sua epocha; o que porem sobresahe com mais brilho nos seus *Elementos de Medicina*, o que mais attrahiu as attenções e alvoroçou por toda a parte o espirito medico, foram as suas doutrinas sobre febres e inflammações ².

Dos escriptos de Hoffmann recebera Cullen o mechanismo por que se succedem os estados febris; que distancia porém entre as ideias d'um e outro sobre o principio ou causa efficiente dos phenomenos! O *espasmo* e a *tonia*, que na linguagem do primeiro exprimem o resultado de condições physicas, no dizer do

¹ O proprio Cullen reconheceu aonde o levariam as ultimas consequencias, por quanto nos *Elementos de Medicina Practica*, no principio da segunda parte, em que tracta das nevroses, exprime-se d'este modo, conforme a traducção de Bosquillon: «Presque toutes les maladies du corps humain, «considérées sous un certain point de vue, pourroient s'appeller *nerveuses*; «mais une dénomination aussi générique ne seroit d'aucune usage etc.»

² Vejam-se os *Elementos de Medicina Practica*, tom. 1.º, cap. 2.º do liv. 1.º, e sec. 2.ª do cap. 1.º do liv. 2.º

segundo significam manifestações das forças vivas; indicam estados da espontaneidade vital, e modos particulares por que a sensibilidade e a irritabilidade respondem ás impressões dos agentes externos. Ora esta interpretação singular dos factos pathologicos pelos principios da moderna physiologia era novidade que a todos surprehendia, e a ninguem repugnava. Alem d'isso Cullen descreveu com tanta clareza os symptomas e a sua successão, houve-se com tanto ingenho no encadeamento e apreciação das causas, que as suas theorias pathogenicas calavam sem esforço no entendimento, e dispunham os espiritos mais preoccupados pelas ideias boerhaavianas a repellirem as viscosidades e acrimonias da pathologia iatrochímica. Por todas estas razões aconteceu que os *Elementos de Medicina Practica* de Cullen não só acharam facil entrada nas aulas da nossa Universidade, mas até exerceram notavel predominio no andamento da sciencia em Portugal.

Desenvolver theoreticamente as novas doutrinas medicas, accommodal-as na praxe e acreditar a eschola pelos fructos que nella produzissem os adiantamentos scientificos, empresa era que exigia dos professores zelosa applicação e muito saber. Quiz a fortuna que illustrassem então o quadro da Faculdade intelligencias distinctas, que profundaram e souberam convenientemente professar a pathologia de Cullen. O aperfeiçoamento e a reforma, que para logo se seguiu na praxe medica em todo o reino, deveu-se ao empenho com que se explanaram em Coimbra as doutrinas d'aquelle auctor. Distinguiram-se alguns professores em as elucidar no ensino theorico e practico; sobresahiu porém a todos, e mais que todos concorreu para instruir a mocidade portugueza nas lições do professor de Edimburgo aquelle famoso ornamento da Universidade e lente de aphorismos, dr. Joaquim Navarro d'Andrade. As prelecções de tão sabio professor avivaram muito o brilho ás doutrinas de Cullen, principalmente na theoretica das febres e inflammções. Brown era o maior e mais implacavel adversario que por então encontravam as doutrinas de Cullen. Num opusculo, inferior certamente ao que se podia esperar do ingenho de Brown, combateu elle a theoria das febres de seu mestre e protector. Mas ante a critica scientifica do dr. Navarro cahiam pulverisados todos os argumentos e accusações exaradas no opusculo. Não havia resistir ás demonstrações d'aquella grande intelligencia. Concepção profunda, apreciação rigorosa dos principios, clareza na deducção do

raciocínio, e tudo isto illuminado por uma locução arrebatadora, prendiam a vontade e entranhavam a convicção no espirito dos ouvintes. Não é pois de estranhar que nas aulas da Universidade vigorassem por muitos annos e obtivessem a primazia as doutrinas de Cullen, tendo por interprete e defensor quem mereceu chamar-se por antonomasia *Lingua de Prata*.

A pathologia e a therapeutica de Brown, edificadas com muito ingenho e simplicidade sobre a estreita base d'uma abstracção physiologica, foram conhecidas na nossa Universidade apenas surgiram na de Edimburgo, em lucta pertinaz contra as ideias de Cullen. Mas a reforma proclamada por Brown não achou em Portugal boas condições para desde logo prosperar. Cullen gosava entre nós de grande auctoridade, porque fôra clinico abalisado e consciencioso, e porque as suas doutrinas haviam sido formuladas pelos dictames da practica. A Faculdade de Medicina, cuja missão principal fôz sempre habilitar alumnos para cuidarem da saude dos povos, não podia nem devia desprender-se das doutrinas sancionadas pela experiencia para iniciar os discipulos num systema de Medicina, que ainda não tinha nos factos a abonação indispensavel. A cautela em negocio de tanta ponderação era assás justificada. Demais, como a reforma browniana apregoava innovações clinicas contrarias a praxes bem estabelecidas, exigia a prudencia que a Faculdade demorasse o ensino das novas doutrinas até se aquilatar pela practica a confiança em que se deviam ter. Por estes motivos só nos ultimos annos do seculo passado começou a admittir-se na Universidade o systema de Brown, quando medicos de bom nome lhe affiançaram a entrada.

Ainda que na Allemanha e Italia se encarécia com enthusiasmo a importancia da reforma browniana, a Faculdade de Medicina nunca lhe deu franco acolhimento, e esteve sempre de sobreaviso contra as demasias da medicação tonica e estimulante. É certo que a Faculdade discutiu nas aulas theoricas e aferiu pela experiencia nas de practica o valor das doutrinas de Brown. Tambem se não pode duvidar que na Universidade se tornou sensivel a influencia d'aquelle reformador. Quando compulsamos os escriptos academicos dos primeiros vinte annos d'este seculo, achamos que nas opiniões medicas correntes se tinham insinuado ideias inspiradas por Brown. Não obstante porém o exemplo de extra-

nhos, e o rumo que tomava o andamento scientifico, a Faculdade de Medicina houve-se com muita circumspecção no ensino das novas doutrinas. Este procedimento foi aviso salutar aos medicos portuguezes para evitarem na clinica a profusa e irreflectida applicação de medicamentos estimulantes ¹.

A nosologia, considerada por toda a parte como ramo especial das sciencias medicas, foi tambem cultivada em Coimbra depois da Reforma, e assim o determinavam os Estatutos. É de presumir que nos primeiros annos consecutivos a 1772 se estudasse a *Nosologia Methodica* de Sauvages, que os mesmos Estatutos qualificaram de ensaio sobre a materia. Mas quando para compendio de pathologia se adoptou a *Medicina Practica* de Cullen, a *Nosologia* d'este auctor foi do mesmo modo admittida no ensino. O systema de Brown, que parecia destinado para aniquilar a ontologia medica, respeitou-a; e os brownianos até se esforçaram por levantar uma nosologia accommodada ao seu systema. De taes esforços, applicados a conciliar o que era incompativel, não resultou obra de merito. Por isso, quando Pinel, levado por ideias, que se afastavam em pontos fundamentaes da doutrina de Brown, publicou a sua *Nosographia Philosophica*, a nosologia era ainda objecto de accurado estudo, e continuou depois exercendo a attenção dos medicos até ao momento em que Broussais lhe desfechou golpe fatal. Em Coimbra foi muito compulsada a *Nosographia* de Pinel, e a sua classificação nosologica andou em competencia nas aulas com as que até então se conheciam.

Das doutrinas professadas na cadeira de materia medica e pharmacia nos primeiros tempos depois da Reforma não nos ficaram noticias exactas. Seguiu-se talvez o opusculo de Boerhaave *De Ma-*

¹ As doutrinas de Brown começaram a espalhar-se em Portugal, e a introduzir-se systematicamente na praxe medica, depois que o dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva publicou em portuguez as obras de Weikard. A moda, que tambem exerce grande poder na practica da Medicina, teve parte importante na propagação das novas doutrinas. Os clinicos nas conferencias haviam de discutir se o estado do enfermo era *stenico* ou *asthenico*, se a asthenia era directa ou indirecta etc. etc. Levados por este caminho, e cedendo aos impulsos da moda, facil era chegarem aos excessos perigosos do brownismo.

teria Medica et Remediorum Formulis. O dr. José Francisco Leal, que por nove annos regeu a cadeira de materia medica, tirava provavelmente para instrucção de seus discipulos lição de varios auctores, e com especialidade dos *Elementos de Pharmacia* de Baumé, de cuja doutrina se aproveitou para compor as suas *Instituições ou Elementos de Pharmacia*, obra publicada depois do fallecimento d'aquelle professor. Quando em 1786 imprimiu o dr. Francisco Tavares o seu escripto *Pharmacologia Libellus*, e no anno seguinte a *Medicamentorum sylloge*, foram estas duas obras adoptadas para texto na aula de materia medica, e por ellas se estudou por muitos annos. No entretanto o *Tractado de Materia Medica* de Cullen teve tambem logar nas aulas desde o principio d'este seculo, e serviu de commentario a mestres e discipulos. Póde dizer-se que as opiniões do professor de Edimburgo, tanto em materia medica e therapeutica como em pathologia, foram mais, do que as de qualquer outro, seguidas e duradouras na nossa Universidade.

Completaremos a noticia das doutrinas, professadas nas aulas de Medicina, apontando os livros que serviram de texto para o ensino das materias accumuladas na cadeira de anatomia. Já em outro logar indicámos que o *Compendio* de Heyster foi o primeiro livro que a Faculdade escolheu para servir de regra no estudo anatomico. É provavel que tambem pela mesma epocha se adoptassem os *Elementos* de Roederer, por onde se explicou durante muitos annos a arte obstetricia. A traducção latina d'um opusculo que d'esta arte escreveu Plenck foi approvada para compendio em 1794, e desde então andou o mesmo opusculo entre as mãos dos estudantes por mais de cincoenta annos. Nos fins do seculo passado começou a estudar-se a anatomia por um tractado elementar do mesmo Plenck. Os tractados de J. Bell, Scarpa, Marjolin, Bichat, e outros, foram muito consultados, e quotidianamente se citavam na aula. Para obviar á necessidade d'um Compendio, em que se contivessem os progressos da anatomia, escreveu o dr. Soares Franco um tractado da mesma sciencia em dous volumes, que, sendo logo approvado para texto, permaneceu nas aulas desde 1818 até 1853¹.

¹ A obra do dr. Soares Franco serviu sem interrupção de texto nas

Não fecharemos este capitulo sem fallar d'uma importante e consequente modificação relativa ao estudo das sciencias preparatorias e auxiliares da Medicina. A frequencia e approvação de tres cursos de mathematica era pelos Estatutos condição indispensavel para a matricula no primeiro anno medico. Comprehende-se a utilidade d'esta exigencia no principio da Reforma, e em quanto se professavam nas aulas de Medicina as doutrinas iatromathematicas. Mas as sciencias medicas progrediram, tomaram nova direcção, e o futuro da Medicina antevia-se prospero independente dos artificios do calculo. A philosophia medica deixou de ter os seus fundamentos nas verdades da phyica. A interpretação e o desenvolvimento das obras de Haller e de Cullen careciam mais da experiencia e observação medica, do que dos auxilios da mathematica. Por taes motivos os aspirantes ao curso medico foram dispensados em 1790 da frequencia e acto do terceiro anno mathematico. A Faculdade de Medicina, que tinha toda a competencia para conhecer dos preparatorios necessarios a seus alumnos, entendeu que podiam e deviam ser dispensados do estudo da phoronomia. Mais tarde o governo, encostando-se á informação do reitor, foi de opinião contraria, e determinou, por aviso de 21 de junho de 1804, que se continuasse a exigir para a primeira matricula de Medicina a approvação de tres annos de mathematica. Ficaram pois em desacordo com as doutrinas medicas e sobre-pesados sem necessidade os preparatorios para Medicina, até que em 1823 se moderou o luxo esteril de tantas mathematicas.

Quando se contempla o movimento scientifico nas aulas de Medicina durante os cincoenta annos posteriores á Reforma, e se analisa a successão de doutrinas, que ora dominaram, ora cederam logar a novas concepções, surge no espirito a convicção de que nenhum progresso ou invento medico appareceu nas escholas estrangeiras, que não fosse logo conhecido e apreciado em Coimbra. A Faculdade acompanhou o andamento que a Medicina teve nas mais cultas nações da Europa, e sustentou o ensino em Portugal na elevação correspondente aos adiantamentos da sciencia. Este lidar incessante pela instrucção não se limitou ao desenvol-

aulas, mas não se acha mencionada nas relações dos livros fornecidos pela imprensa da Universidade desde 1826 até 1839.

vimento das ideias indicadas nos livros estrangeiros. Comquanto os encargos do magisterio na nossa Universidade não permittam que o pessoal docente se afaste do tracto escolar quotidiano para se entregar a outras applicações scientificas, ainda assim muito concorreram para elucidar os alumnos e para os dirigir no exercicio da clinica os trabalhos experimentaes dos professores portuguezes. São de muita importancia as observações e experiencias feitas nos hospitaes da Universidade com o intuito de se reconhecer a acção de varias substancias medicamentosas e de se determinar o valor dos methodos therapeuticos. Dos ensaios repetidos para se apreciarem as virtudes da quina, administrada só ou associada a outras substancias, resultaram conhecimentos pharmacologicos muito exactos, assim como dos estudos experimentaes sobre a acção comparada dos diversos preparados mercuriaes no tractamento das affecções syphiliticas. Compozeram-se então muitas formulas, que ainda hoje se conservam no formulario dos hospitaes, e cuja efficacia foi sempre manifesta quando devidamente applicadas. Demonstrou-se tambem experimentalmente a utilidade da compressão no tractamento das ulceras; e no curativo dos tumores brancos revelaram os factos clinicos que é muito mais vantajoso o methodo resolutivo instituido pelo dr. Caetano José Pinto d'Almeida, do que as applicações aconselhadas por Benj. Bell, geralmente seguidas naquelle tempo. O dr. Carlos José Pinheiro fundou-se nos factos para demonstrar a regeneração dos nervos numa epocha, em que as notabilidades medicas, com especialidade os vitalistas, tinham como ponto decidido a impossibilidade de tal regeneração; etc. etc.

Nestes e outros estudos de observação clinica perseveraram successivamente os professores, e ampliando o peculio scientifico, todos se empenharam pela manutenção das boas praxes nas aulas de Medicina practica. Por isso a eschola medica da Universidade, respeitando a tradição e examinando o progresso á luz da critica e da experiencia própria, soube oppor salutar resistencia ás demasias de Brown e de Broussais, e acautelar os alumnos inexperientes contra o exclusivismo dos systemas.

CAPITULO VIII

De 1822 a 1836. Decadencia dos estudos medicos —
 Projecto de Reforma — Influencia das luctas civis

O pessoal da Faculdade de Medicina, nomeado nas ultimas promoções do seculo passado, tinha servido com zelo, e firmado os creditos da eschola medica de Coimbra. Luctara por mais de vinte annos com difficuldades sempre crescentes para sustentar o ensino na elevação correspondente aos progressos scientificos e ao decoro universitario: por isso ao cabo de tão aturadas fadigas carecia de tomar folgo. Importava remunerar com a elevação em categoria e proventos os professores, a quem ainda sobejavam forças para o magisterio, e conceder, como premio devido, a jubilação aos que tinham consumido o vigor do corpo e do espirito no difficil apostolado da sciencia.

A necessidade d'uma reforma que ampliassé o quadro da Faculdade para se poder desenvolver o ensino em conformidade com os adiantamentos da epocha fôra demonstrada, e ponderada com viva instancia aos prelados reformadores, nas congregações de Medicina. Mas já que as circumstancias melindrosas da nação não permittiam que os governos se occupassem em melhorar a instrucção medica, convinha ao menos que elles não espaçassem as promoções, e que accudissem em tempo competente a reparar as faltas, e a supprir com sangue novo o dispendio de forças no exercicio do professorado.

A ultima promoção em Medicina tinha-se effectuado em 29 de julho de 1812. Os professores com que então ficara constituida a Faculdade permaneceram por espaço de dez annos nas suas respectivas collocações. Deram-se vacaturas em tão longo intervallo;

mas em vez de se promover o ascenso, e de se facultar aos candidatos a entrada para os logares do magisterio, adiaram-se os despachos. Resultou d'este indiscreto procedimento rarear o pessoal a ponto de não haver por muito tempo para todas as exigencias do serviço mais do que os seis vogaes, que regiam as seis cadeiras da Faculdade. Emfim a desejada promoção veio a ter lugar em 15 de junho de 1822. Foram então jubilados por diuturnidade de bons serviços os drs. João de Campos Navarro e Joaquim Navarro de Andrade. Subiram por escala os restantes professores, e da classe dos aspirantes ao magisterio nomearam-se os individuos competentes para preencherem as vacaturas.

A Faculdade ficou composta com o seguinte pessoal:

1.º	Lente Dr. José Feliciano de Castilho . .	} 2.ª Cadeira de Practica.
2.º	» Dr. Franc.º José de Sousa Loureiro	
3.º	» Dr. Francisco Soares Franco . . .	} Cadeira de Instituições.
4.º	» Dr. Jeronymo Joaquim de Figueir.º	
5.º	» Dr. Angelo Ferreira Diniz	} Cadeira de Anatomia.
6.º	» Dr. Antonio Joaquim de Campos	
	Dr. João Alberto Per.ª d'Azevedo	} 1.ª Cadeira de Practica.
	Dr. José Ignacio Monteiro Lopo	
	Dr. João Baptista de Barros . . .	
		} Cadeira de Aphorismos.
		} Substitutos.

Demonstradores

	Dr. Carlos José Pinheiro	} na Cadeira de Anatomia.
	Dr. Aurel.º Per.ª Frazão d'Aguiar	
		} na Cadeira de Materia Medica.

Ajudantes de Clinica

	Dr. João Lopes de Moraes
	Dr. Antonio Joaquim Barjona
	Dr. Sebastião d'Almeida e Silva

Por pouco tempo esteve completo o quadro da Faculdade. Em 10 de julho de 1822 foi chamado para mestre do Infante D. Miguel o dr. Francisco José de Sousa Loureiro, a quem se concedeu a jubilação por despacho de 9 de outubro. Em dia igual do anno immediato desfechou a intolerancia politica o primeiro golpe sobre a independencia do corpo docente, ordenando que fosse despedido da Universidade e jubilado com metade dos seus vencimentos o dr. Francisco Soares Franco. As vacaturas que um e outro deixou só foram preenchidas em 26 de agosto de 1825. Subiram então por antiguidade os cathedrauticos, substitutos e oppositores a quem competia a promoção. Omittiu-se a nomeação de ajudantes de clinica, e ordenou-se que o serviço dos hospitaes fosse feito pelos professores segundo as determinações dos Estatutos. Com este specimen de magra economia decretou-se outro, qual foi o de se nomearem para demonstradores de materia medica e de anatomia os drs. João Lopes de Moraes e Sebastião d'Almeida e Silva, com a clausula de não receberem a ajuda de custo correspondente até se regularem os negocios da Faculdade.

Facil seria prever que a diminuição de pessoal, o augmento de encargos, e a supressão de honorarios aggravariam as difficuldades em que já laborava o ensino, e que por isso haviam de concorrer para a decadencia dos estudos. Os oppositores, a quem se impunham serviços e residencia obrigatoria em Coimhra, sem outra remuneração mais do que a promessa de interesses futuros, trocariam de bom grado a carreira universitaria por qualquer outra menos incerta e de proventos immediatos. Podiam conformar-se com a exigencia de serviço gratuito os que obtivessem congrua sustentação nos collegios adjunctos á Universidade; mas este beneficio depois da Reforma tornou-se de difficil accesso para os aspirantes ao magisterio em Medicina. Durante o longo espaço de cincoenta annos sómente foi admittido um collegial medico no collegio de S. Paulo, e outro no de S. Pedro, d'onde sahiu expulso passado pouco tempo por se julgar intruso¹. Cerceado pois

¹ O regimento dos medicos e boticarios, decretado em 7 de fevereiro de 1604, diz no § 1.º «que haja os dous logares de collegiaes medicos, que «houve sempre no collegio real de S. Paulo, e que haja mais um no de S. «Pedro.» Esta disposição esteve sempre em vigor antes da Reforma; depois d'ella cerceou-se e distribuiu-se pelos doutores das outras faculdades o que era exclusivo dos medicos, por quanto a Carta Regia de 4 de dezembro de

o direito ás collegiaturas e supprimidos outros logares, em que d'antes se occupavam os candidatos até conseguirem opportuna collocação na Faculdade, reprimiam-se indirectamente as aspirações ao professorado, e afugentavam-se da Universidade os bachareis de maior ingenho e saber.

Mal afortunados corriam os tempos para a instrucção superior em Portugal no periodo de que vamos tractando. As causas de enfraquecimento, que desde os fins do seculo passado tinham solicitado a nação, amorteceram o impulso que as letras patrias haviam recebido da Reforma, e influiram poderosamente na ruina de que agora se viam ameaçados os estudos. As sciencias naturaes tinham progredido consideravelmente nas academias estrangeiras, e de taes progressos se ajudava a Medicina para alargar os proprios dominios. Os adiantamentos da chimica e da physica esclareciam a physiologia, intervinham na resolução dos problemas da hygiene, enriqueciam a materia medica e a therapeutica, e aperfeiçoavam os processos da pharmacia. Por seu lado a obstetricia tinha tambem adquirido successivos melhoramentos desde Baudelocque; e a medicina operatoria, extendendo mais e mais as suas applicações, constitua já um vasto corpo de doutrina, que os factos clinicos recommendavam como a parte mais brilhante da sciencia e arte de curar. Mas emquanto a observação e a experiencia engrandeciam por toda a parte a esphera dos conhecimentos, afrouxava entre nós o tracto scientifico, luctavam com embaraços os estabelecimentos de instrucção. Palpava-se a decadencia em todas as faculdades academicas; onde porém se tornava mais sensivel era nas de Philoſophia e Medicina.

1784 estatuiu «que haja sempre nos collegios uma beca para um doutor «das tres faculdades naturaes.» O alvará sobre concursos de 1 de dezembro de 1804, § 12.º, concedeu sómente aos oppositores o beneficio das collegiaturas.

O dr. Gramacho foi o unico doutor em Medicina admittido depois da Reforma no collegio de S. Paulo. No de S. Pedro chegou a ter entrada, sem que precedesse proposta do collegio, o dr. Antonio Joaquim Barjona; mas foi excluido. Na Congregação de Medicina de 10 de maio de 1825 apresentou o dr. Manuel Alberto da Cunha um requerimento, extenso e bem fundamentado, em que pedia á Faculdade lhe obtivesse uma collegiatura em S. Pedro. Foi bem succedido na sua pretensão. Valeu-lhe a influencia do reitor, principal Mendonça, como consta da acta da Congregação de Medicina de 27 de janeiro de 1826.

Para o ensino de todos os ramos das sciencias medicas não havia na Universidade mais do que as seis cadeiras decretadas nos Estatutos. O estudo da anatomia, operações e obstetricia constituia em 1822 um curso annual e a cargo d'um só professor, como nos primeiros tempos da Reforma. As materias comprehendidas sob o nome de instituições medicas formavam igualmente um curso annual; e a pathologia interna e a externa continuavam ainda, com manifesto detrimento, accumuladas na cadeira de Aphorismos! Em tão acanhados limites era impossivel desinvolver o ensino de modo que se acompanhasse, como convinha, o andamento da sciencia. Muitas vezes tinham os professores patenteado as difficuldades em que se viam para desempenharem dignamente a sua missão. Acharmos nas actas da Faculdade noticia frequente de se ter occupado o Conselho em procurar remedio para sustar a decadencia. Durante o reitorado do reformador reitor D. Fr. Francisco de S. Luiz, cuja influencia politica e amor pelas sciencias fomentavam a esperança de melhoramentos litterarios, foi thema constante para discussão nos conselhos a declinação do ensino. Apresentaram-se então alguns alvitres, como providencias transitorias, sobre a mudança de compendios e nova distribuição de materias. Mas, como estas se não podiam accomodar melhor, qualquer que fosse a sua collocação, e como tambem se não conheciam entre as publicações modernas tractados elementares adequados á indole e ambito circumscripto da Faculdade, acabavam sempre as discussões pelo desengano de que as mudanças propostas nem satisfaziam ás necessidades presentes, nem evitavam a progressiva decadencia dos estudos. Porisso os compendios adoptados para texto havia mais de vinte e de trinta annos ficavam subsistindo no ensino, e o desinvolvimento scientifico permaneceu como até então, deficiente e acanhado.

Não era só no recinto das aulas que se conhecia o estado de decadencia; os estabelecimentos creados para instrucção practica dos alumnos davam triste documento de desleixo. É o testemunho da propria Faculdade de Medicina, é a opinião dos seus vogaes exarada no livro das actas que nos certificam da incuria, atrazo e quasi ruina d'essas grandiosas fundações, que tantos desvelos custaram ao Marquez de Pombal. Em Congregação de 21 de novembro de 1821 declarou o professor de materia medica que não podia entreter os discipulos com exercicios practicos de chimica,

já porque lhe escaceava o tempo, já porque o *laboratorio se achava em estado deploravel*; e proseguindo sobre a impossibilidade de executar outras prescripções dos Estatutos, disse que tambem não satisfazia ao preceito de visitar com os discipulos uma vez por semana o horto botanico para os instruir no conhecimento das plantas *pelo estado triste e lamentavel do Jardim*¹. Ora ao professor, que diante do prelado e em conselho da Faculdade assim conceituava aquelles estabelecimentos, ainda que expunha verdades notorias, podia retorquir-se com severidade, porque era tambem director d'um estabelecimento, e a sua direcção distinguia-se das outras unicamente pelo excesso de desmazelo.

Em verdade o dispensatorio pharmaceutico, dirigido por aquelle professor, declinava tão precipitadamente, e estava já em tal decadencia, que nos dominios universitarios outra cousa não havia em peiores circumstancias, nem mais proxima de total ruina. Conhecia-se o mal desde o seu principio, sabia-se que provinha da ineptia do administrador, contra a qual podia e devia providenciar o director: mas este limitava-se a proteger, e a confiar na bondade do administrador, e nisto sómente consistiam os seus cuidados pelo estabelecimento. Do hospital todos os dias sahiam instantes recommendações para que o pessoal da botica tivesse o devido escrupulo na escolha e manipulação das substancias medicinaes; na botica taxavam-se de impertinentes as recommendações dos clinicos, e aggravava-se de dia para dia o mau serviço. As queixas chegaram ao caso extremo de compellirem a Faculdade de Medicina a desprender-se de todas as considerações para examinar detidamente o estado do dispensatorio. Na tarde de 25 de outubro de 1822 teve logar a primeira congregação de visita, que se continuou nas manhãs e tardes dos dias seguintes. O que desde logo se tornou manifesto á vista de todos foi a pouca limpeza da casa, a má arrecadação das substancias, a insufficiencia e falta de aceio dos utensilios. Depois a inspecção minuciosa tanto na drogaria e repartições de deposito, como nas officinas de trabalho ordinario, demonstrou evidentemente que o dispensatorio pharmaceutico estava

¹ A Faculdade de Philosophia, que tinha a seu cargo a direcção e administração do Jardim, reconheceu e testificou o mau estado do estabelecimento, como explicitamente se acha declarado na acta da congregação da mesma Faculdade de 22 de fevereiro de 1822.

em peor estado do que geralmente se dizia, e até do que se podia imaginar. Emfim, reunidos os vogaes em Conselho para darem o seu parecer a respeito do que tinham visto e examinado,—«*unanimemente concordaram todos que a botica, por qualquer lado que se considerasse, não podia estar peor!* Chamou-se o administrador do estabelecimento, pediu-se-lhe ether, não o tinha; pediu-se-lhe ó «granatario, não o havia; os vidros estavam uns sem letreiro, «outros com elle e com medicamentos diversos dos que indicava «o letreiro, e tudo o mais neste estado ¹.» O desleixo extendia-se tambem á escripturação. Tinham desaparecido documentos importantes, não havia esclarecimentos com que se podessem organizar as contas de receita e despeza. Estes factos e as explicações pouco satisfactorias do administrador suscitaram graves desconfianças. Tomaram-se logo providencias tendentes a reparar o credito do estabelecimento. Inutilisaram-se as drogas e preparados officinaes que estavam deteriorados. Procedeu-se á limpeza e reparo geral dos utensilios, armarios e casas de arrecadação, e tractou-se em seguida de novo fornecimento. Mais tarde, em Congregação de 29 de abril de 1823, resolveu o conselho «que em attenção á idade «e molestias do administrador da botica se confiasse a administra- «ção ao ajudante.»

Emquanto o dispensatorio e outros estabelecimentos universitarios pendiam para vergonhosa decadencia, surgia do abatimento geral o theatro anatomico, e mostrava quanto pode a diligencia animada pela boa vontade. Logo que o dr. Carlos José Pinheiro começou a intender nas demonstrações de anatomia, o ensino d'esta sciencia adquiriu a feição practica que lhe compete, e o estabelecimento entrou em phase de prosperidades. Das antigas peças e preparados naturaes, que serviam no gabinete para esclarecimento dos alumnos, restavam apenas dous esqueletos, ossos separados, e uma ou outra preparação já deteriorada. O dr. Pinheiro entrega-se com todo o desvelo a reparar a falta de peças auxiliares do estudo, e antes d'um anno consegue formar uma collecção importante de preparados anatomicos. No anno lectivo immediato persiste no mesmo empenho; engrandece a collecção de anatomia

¹ A acta respectiva, exarada no livro IV das actas a folhas 4 e 5, especifica outras particularidades, que me pareceu escusado relatar.

normal, aproveita os órgãos lesados e alterados, que a abertura dos cadáveres lhe proporciona, e lança os fundamentos ao gabinete de anatomia pathologica. Tantos e tão valiosos serviços foram dignamente reconhecidos e apreciados pela Faculdade, que nas congregações de 13 de fevereiro de 1823 e de 12 de fevereiro do anno seguinte rendeu os merecidos louvores ao zêlo, intelligencia e actividade do habil demonstrador de anatomia¹.

O reformador reitor D. Fr. Francisco de S. Luiz, que acceitara o cargo com bons desejos de melhorar os estudos, em breve se convenceu de que a sua iniciativa e direcção não bastavam para os levantar do abatimento, e menos ainda para tornar a Universidade florescente. A reforma de que haviam mister as Faculdades e os estabelecimentos universitarios exigia medidas extraordinarias e particular attenção dos poderes publicos. Ora o governo e o corpo legislativo não podiam por aquelle tempo tomar a peito os negocios da instrucção superior, porque andavam empenhados em firmar os principios da nova constituição politica, e em regular por elles o serviço e administração do estado. Por isso aquelle prelado, vendo que seria inutil pela occasião qualquer tentativa de melhoramentos litterarios, absteve-se de preparativos para a reforma, e applicou-se tão sómente ao expediente habitual nos vinte e dois mezes da sua prelazia.

Os acontecimentos que no fim de maio de 1823 derrubaram o systema liberal, e proclamaram a politica do antigo regimen,

¹ Em 1829 publicou o dr. Pinheiro o *Inventario Scientifico das Peças e Preparados do Theatro Anatomico da Universidade de Coimbra*. É um folheto de 16 paginas e iv de *Introdução*, em que se acham mencionadas as colleções pertencentes ao gabinete. Descreve

a	collecção de osteologia	em 16	numeros
a	» de syndesmologia.....	em 9	»
a	» de myologia.....	em 7	»
a	» de órgãos dos sentidos externos..	em 10	»
a	» de splanchnologia	em 18	»
a	» de nevrologia.....	em 12	»
a	» de angiologia.....	em 18	»
a	» de arte obstetricia	em 27	»
a	» de anatomia pathologica	em 41	»

Alem d'isto contém a relação dos instrumentos de medicina operatoria, e a relação em appendice de mais cinco preparados anatomicos.

conferiram a reitoria ao principal Diogo de Castro do Rio Furtado de Mendoça por Carta Regia de 25 de junho d'aquelle anno. Ou fosse por sobresahir em zêlo ao seu antecessor, ou porque lhe movesse o animo o estado decadente da Universidade, o novo prelado não se demorou em ponderar ao governo quanto importava que se instaurasse uma commissão, para examinar e propor as reformas convenientes á boa administração da fazenda universitaria; e ao mesmo tempo advertiu que a cultura das sciencias necessitava de melhoramentos, e que era urgente não os retardar. Assentiu o governo aos considerandos da representação. Por Carta Regia de 19 de dezembro deu as suas ordens sobre os negocios da fazenda da Universidade, e na mesma data expediu um aviso, determinando que em cada Faculdade se elegeisse uma Junta de tres membros, afim de consultarem, depois de conferirem com o prelado, sobre as reformas e alterações indispensaveis. A Faculdade de Medicina escolheu para constituirem a respectiva Junta os drs. José Feliciano de Castilho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Angelo Ferreira Diniz. A competencia d'estes professores, a boa vontade do prelado e o assentimento do governo animavam a esperança de que era chegada a occasião de grandes melhoramentos academicos.

Applicaram-se desde logo os tres vogaes escolhidos á tarefa espinhosa da sua commissão. Com quanto não fosse prospero o estado da fazenda, e as estações superiores recommendassem economias, nem por isso deixaram de convir os commissionedos em que se devia elaborar um projecto de reforma ampla e tendente a satisfazer a todas as necessidades da instrucção medica. Com este proposito começaram os trabalhos preparatorios; mas ao delinear os primeiros traços do projecto, ao discutir o modo por que se devia realizar o fim que todos desejavam, surgiu notavel divergencia entre os membros da Junta. O dr. Castilho, julgando as opiniões dos collegas inconciliaveis com as suas, separou-se d'elles, e trabalhou sozinho num projecto de reforma, que depois apresentou ao reitor. Os drs. Figueiredo e Diniz, em cujo pensar havia mais conformidade, continuaram estudando e discutindo de commum accordo os meios de se remediarem as necessidades do ensino até constituirem o seu plano de reforma. Que os dous vogaes em maioria na Junta se houveram com muito desvelo no desempenho da sua incumbencia, é o que se deprehende clara-

mente dos manuscriptos, em que deixaram especificada relação de todas as suas lucubrações¹.

O ponto em que primeiro cogitaram, e que ambos tinham por essencial da reforma, foi engrandecer a Faculdade de modo que se podessem nella professar convenientemente todos os ramos das sciencias medicas. Se a tal melhoramento não oppozessem restricção as circumstancias financeiras, facil seria planear o que fosse conducente a desinvolver o ensino. Mas a condição de economia transtornava todas as combinações pela impossibilidade de se conciliar a diminuição de despeza com a criação de novas cadeiras e augmento de pessoal. Considerado pois o problema sob todos os aspectos, entenderam os commissionados que a unica resolução possivel e adequada ás circumstancias da fazenda universitaria consistia em se incorporar a Faculdade de Philosophia na de Medicina, accommodando-se os estudos d'aquella Faculdade ás exigencias do ensino medico. Este alvitre tinha por si a consideração de que as aulas de philosophia natural eram tão sómente frequentadas, salvas raras excepções, pelos alumnos que alli se preparavam para cursar Medicina. Admittindo por tanto em principio que as duas Faculdades se deviam fundir numa só com o intuito de se ampliarem os estudos medicos, discutiram os dous membros da Junta a constituição da nova Faculdade, ordem das cadeiras, successão de disciplinas, e formaram um plano completo que submetteram á approvação do reitor. O prelado, attonito com tal novidade, mandou ouvir sobre o plano proposto a Junta de Philosophia. Esta, ciosa da autonomia da sua Faculdade, rejeitou sem hesitação nem discrepância de votos o projecto formulado pela maioria da Junta medica. Em vista de tão formal desengano escusado era insistir na defesa do mesmo projecto; mas os dous proponentes, e com especialidade o dr. Diniz, julgando a sua obra accetavel e vantajosa, justificaram-na ante o prelado por uma ex-

¹ Apontamentos das sessões, lembranças em papeis avulsos, cartas e cópias da correspondencia, e junctamente os cadernos em que os dous membros da Junta transcreveram o resultado final dos seus trabalhos, tudo o dr. Diniz archivou, como obra em que empregára muitos cuidados. É um masso volumoso de manuscriptos, devidos pela maior parte á penna do dr. Diniz, os quaes pertencem hoje ao ex.^{mo} sr. conselheiro e lente jubilado de Mathematica dr. Francisco de Castro Freire. Cabe aqui protestar o meu agradecimento a s. ex.* pela deliberação espontanea de me confiar aquelles manuscriptos, que me habilitaram a noticiar os trabalhos da Junta.

tensa consulta. Foi-lhes respondido que continuassem a estudar a reforma da Faculdade de Medicina, sem tomarem por fundamento a junção com a de Philosophia.

Sentiram os dous membros da Junta que fosse inteiramente desaprovado o seu primeiro trabalho; mas nem por isso esfriaram no empenho de darem boa conta da sua commissão; antes, redobrando esforços, entregaram-se com vontade ao estudo da reforma sob novo plano. Tinham para si os commissionados que os limites da sua tarefa não se circumscreviam a indicar simplesmente qual a extensão do ensino, e qual a distribuição e ordem das cadeiras nos differentes annos do curso medico. Parecia-lhes que o projecto de reforma, para corresponder ás necessidades actuaes da instrucção, devia comprehender não só a parte organica da Faculdade, mas tambem as prescripções secundarias e regulamentares. Dominados por este pensamento e tomando por modelo da sua obra a legislação dos novos Estatutos da Universidade, emprehenderam formar um corpo de estatutos medicos, amplo e grandioso como o de 1772, e enriquecido de largas providencias accomodadas aos progressos scientificos. A empreza era ardua e complicada; a vontade dos obreiros firme e persistente. Póde tanto o esforço humano applicado com perseverança, que ao cabo de aturado lidar vence e aplanas todas as difficuldades. Conhecendo isto, os dous vogaes da Junta não se pouparam a fadigas; insistindo e porfiando sempre, chegaram por fim ao termo desejado de seus trabalhos. Para se julgar do zelo com que se houveram na commissão, bastará dizer que desde os fins de abril até o principio de dezembro de 1824 poucas foram as semanas em que não tiveram duas e mais sessões consagradas unicamente ao estudo da reforma. Em 3 de dezembro tiraram a limpo e levaram á presença do prelado o novo projecto, a que servia de prologo um longo «discurso justificativo sobre a necessidade de reformar os Estatutos Medicos. ¹»

Como a Junta de Philosophia tinha repellido a economica junção da sua Faculdade com a de Medicina, e pugnára pela com-

¹ No discurso justificativo apontam os dous vogaes da Junta os acontecimentos em geral e as modificações por que passou a Faculdade nos primeiros cincoenta annos posteriores á Reforma de 1772. Louvam algumas providencias tomadas já por deliberação do governo, já por iniciativa da Faculdade. Exaltam os escriptos de Boerhaave e de seus commentadores, e quando chegam ao ponto de mostrar a declinação da Faculdade, attribuem a deca-

pleta separação, intenderam os dous vogaes da Junta medica que para não embarçarem o andamento dos estudos naquella Faculdade, nem impedirem as suas tendencias particulares, deviam tornar o ensino medico independente e desligado do concurso dos philosophos. Com este proposito elaboraram e propozeram o seguinte projecto de estudos medicos:

Disciplinas Preparatorias

- 1.º Grammatica e Lingua Latina
- 2.º » » Grega
- 3.º Philosophia Racional e Moral
- 4.º Historia e Geographia
- 5.º Arithmetica, Algebra e Geometria (no 1.º anno de Mathematica.)
- 6.º As doutrinas do segundo anno de Mathematica até á applicação da Algebra á Geometria, inclusive.

Recommendação para que se estudem as linguas vivas.

Curso Medico

Annos	Cadeiras	Materias
1.º	1.ª—	Zoologia e Botanica
	2.ª—	Physica
2.º	3.ª—	Chimica Geral e Mineral
	4.ª—	Anatomia humana e comparada
3.º	5.ª—	Physiologia e Chimica Animaes
	6.ª—	Anatomia, Physiologia e Chimica Vegetaes
4.º	7.ª—	Pathologia, Nosologia e Doutrina Hippocratica
	8.ª—	Pharmacia
5.º	9.ª—	Anatomia Pathol., Oper. Cirurg. e Arte Obstetricia
	10.ª—	Materia Medica
6.º	11.ª—	Clinica Medica e Cirurgica de homens
	12.ª—	Clinica Medica e Cirurgica de mulheres.

dencia dos estudos medicos á adopção das obras de Cullen. Affirmam que no anno lectivo de 1808-1809 se introduziu a Materia Medica d'aquelle auctor «por um despotismo litterario nunca visto», pois que não precedeu o exame e approvação da Faculdade, como mandam os Estatutos. As hypotheses cullenianas foram, na opinião dos commissionados, a causa principal do atrazo e ruina da instrucção medica. Consideram a doutrina de Brown muito mais

Resaltam as imperfeições em semelhante projecto de estudos medicos. Pecca não só pela estreiteza das proporções, mas sobretudo pela viciosa e desigual distribuição das materias. Em quanto os ramos scientificos de maior extensão e importancia jazem accumulados com outras disciplinas, a pharmacia está desafrentada e muito á larga na oitava cadeira. A hygiene nem sequer mereceu a consideração de ser incluída no plano. Em verdade o aspecto geral e as primeiras divisões da obra não acreditam o trabalho da Junta; compensa porém quaesquer defeitos e sobresahe como parte principal o minucioso regulamento que acompanha cada uma das secções do projecto. Neste particular imitaram os dous vogaes da Junta os novos Estatutos, especificando como se devem haver os professores, como devem ensinar as materias e dirigir os alumnos. Todos estes pontos excitaram de preferencia a sua attenção, em todos mostraram que muito tinham apprendido no tracto universitario e no largo exercicio do magisterio ¹.

Com quanto o projecto da Junta contivesse innovações apreciaveis e largas providencias regulamentares, se todavia fosse con-

prejudicial que a de Cullen, e concluem que se deve insistir na lição dos antigos escriptores.

No discurso transparece a influencia de resentimentos particulares. Não se acha lá o nome do dr. Joaquim Navarro, propugnador das doutrinas culenianas, mas deprimem-se as suas obras, e isto revela que os commissi-
onados lhe tinham pouca affeição.

¹ Não cabe nos limites d'esta Memoria, e seria até nimia prolixidade, dar maior noticia dos trabalhos dos dous vogaes da Junta. Os regulamentos, com que instruíram o plano de estudos medicos, constituem a parte mais importante do seu projecto de reforma. Nos traços característicos, na deducção e exposição das materias, aspiraram a imitar e a exceder talvez em minuciosidade os novos Estatutos. Mas, embora o projecto contenha algumas novidades e lembranças muito aproveitaveis, direi em abono da verdade que a todos os respeito ficou muito inferior ao modelo. Para os estudos anatomicos attenderam os commissi-
onados com particular cuidado. A anatomia pathologica entrava em todas as variantes do plano. Mas assim como insistiam pelo estudo d'este ramo das sciencias medicas, que então começava a desenvolver-se e attrahia as attensões, por um descuido indesculpavel esqueciam quanto importava alargar o ensino da pathologia.

Quando concluíram a sua tarefa, officiarão ao dr. Castilho, perguntando-lhe se queria assignar a consulta que tinham de enviar ao prelado em nome da Junta. Respondeu-lhes que não assignava documento algum, em que não tivesse collaborado, e que já tinha levado á presença do reitor o seu parecer sobre a reforma.

vertido em lei e posto em execução, não remediaria sufficientemente as necessidades da instrucção medica. A Faculdade carecia mais de augmento de pessoal e de cadeiras, do que de modificações no regimen escolar. Por isso qualquer tentativa de melhoramento, que não ampliasse a area do ensino, seria infructuosa. Conheciam isto os membros da Junta, e fôra por certo desejo seu alargar o quadro da Faculdade proporcionalmente á extensão e ao adiantamento da sciencia; mas a ideia de economia, que lhes pairava de continuo no espirito, e que se antepunha a todos os pensamentos, impedia-lhes a concepção do verdadeiro plano de reforma. E não obstante lidarem por conciliar a economia com o desenvolvimento dos estudos, o projecto que apresentaram pareceu ao prelado que não seria acceito, porque importava augmento de despeza. O cofre da Universidade, onde outr'ora sobejavam os recursos para emprestimos de sommas avultadas, não podia agora com o mesquinho dispendio, que os melhoramentos litterarios reclamavam. Isto bastava para frustrar os trabalhos da Junta. Mas o que embarçou a reforma, o que sobre tudo concorreu para que se protrahisse ainda por mais dez annos a decadencia dos estudos, foi o flagello das dissensões politicas e das luctas civis, de cujos effeitos daremos as noticias que sómente convêm a nosso proposito.

O regimen constitucional, proclamado no Porto em 24 de agosto de 1820, cahira ante a revolução que nos fins de maio de 1823 restaurou a antiga fórma de governo. A sociedade portugueza, dividida em duas parcialidades com interesses e aspirações encontradas, não pôde então subtrahir-se á influencia das paixões, que excitam a discordia e arrastam os partidos a excessos. Os vencedores, julgando que pelos meios violentos sustentariam melhor a sua causa, inauguraram politica intolerante, e começaram a opprimir os vencidos. Como procediam por systema, o corpo cathedra-tico não foi exceptuado da regra geral. O primeiro golpe do rigor absolutista cahiu sobre o dr. Francisco Soares Franco, distincto professor de anatomia e director da Faculdade de Medicina. Tinha sido deputado ás cortes de 1821, onde abertamente manifestou as suas ideias liberaes. Isto bastou para que o governo o mandasse jubilar com metade do ordenado¹ e excluísse da directoria

¹ Por Carta Regia de 13 de outubro de 1825 foi concedida a jubilação ao

por carta regia de 9 de outubro de 1823. Em 5 de dezembro do mesmo anno foi creada sob a presidencia do Reformador Reitor principal Mendoça uma *Junta expurgatoria*, cuja missão era examinar e propôr quaes os individuos que se deviam excluir da Universidade já por insufficiencia litteraria, já pelo seu irregular procedimento civil e religioso. A junta houve-se com pontualidade em tão ingloriosa incumbencia. Ao cabo de seis mezes de secretas investigações deu os seus trabalhos por findos, e apresentou a lista dos que se deviam desterrar da Universidade, justificando os motivos de tal condemnação. Parece que a maioria da junta se abraçava em zelo de sacrificar professores respeitaveis, oppositores e estudantes, de quem as sciencias muito tinham a esperar. Da Faculdade de Medicina condemnava ao ostracismo os drs. Carlos José Pinheiro e João Lopes de Moraes, ornamentos do corpo docente, que outras Universidades acolheriam com regosijo. Felizmente a bondade do soberano contrariou as machinações partidarias. Em 5 de junho de 1824 sahio um decreto de amnistia, em que foram comprehendidas, contra vontade da Junta, as victimas da sua inquirição¹.

O reino esteve tranquillo nos ultimos tempos d'el-rei D. João VI, e da bonança geral adveiu regular andamento aos estudos universitarios. Quando aquelle monarcha falleceu, os partidos, como se obedecessem á voz de *sentido*, despertaram das treguas de vinte mezes, e contemplaram-se com reciproca desconfiança. A Universidade sentiu logo a surda inquietação que agitava a familia portugueza. Emquanto as atenções se concentraram na expectação de qual seria o desenlace da successão ao throno, nenhuma alteração notavel occorreu no tracto civil nem no movimento academico. Mas apenas se soube da outorga da Carta constitucional e da abdicação de D. Pedro IV em sua Filha, o partido realista, que se considerou ameaçado de ruina, tentou impedir o juramento da nova constituição politica. Apesar de todos os seus esforços os poderes constituídos juraram sem reserva manter a obra de D. Pedro IV.

dr. Soares Franco na terceira cadeira, com o ordenado por inteiro, em attenção aos seus serviços.

¹ O livro em que a junta expurgatoria escreveu as actas das suas sessões considerava-se perdido. Consegui descolril-o o sr. Joaquim Martins de Carvalho, e com os esclarecimentos, que d'elle tirou, deu extensa relação dos trabalhos e decisões da mesma junta na sua obra *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, a pag. 77 e seguintes.

Seguiram-se pouco depois revoltas militares nas provincias contra o regimen constitucional. As sublevações inspiravam grande receio, e a anciedade era geral, quando começou o anno lectivo de 1826 para 1827. A academia, onde constitucionaes e realistas contavam proselytos devotados, escutava em sobresalto os acontecimentos. Condemnavam uns o procedimento dos revoltosos, outros almejavam por que augmentasse e triumphasse a rebellião. Discutia-se por toda a parte o movimento das tropas e o exito da sedição. Os mais exaltados debatiam-se com enthusiasmo; inflammavam-se as paixões, e a tal ponto chegou o ardôr partidario, que até o recinto das aulas serviu de theatro para acaloradas discussões politicas. Nestas circumstancias a mocidade não podia applicar-se attentamente ao estudo das sciencias ¹.

Não obstante a energica resistencia das tropas governamentaes a sedição proseguiu, e os revoltosos concentraram forças na Beira Alta. A causa constitucional necessitava de defensores. Por este motivo os estudandes que professavam ideias liberaes interromperam o curso universitario, e tomaram armas contra as pretensões realistas. Nos fins de dezembro de 1826 sahiu de Coimbra um batalhão academico para se oppor ás forças sublevadas que se tinham adiantado até Vizeu. Pouco demorada foi esta digressão. Os estudiosos mancebos em breve depozeram as armas, e voltaram a occu-

¹ Para que melhor se possa julgar do fervor e exaltação da mocidade, referirei o seguinte caso passado nas aulas, que tem o interesse de haver tomado parte nelle um distincto cultor das lettras patrias, e claro ornamento da magistratura administrativa.

Numa das aulas do terceiro anno de Direito, cuja regencia se tinha commettido ao dr. Faustino Simões Ferreira, foi chamado á lição no dia 23 de outubro de 1826 o n.º 48 do curso de leis, João Baptista Teixeira de Sousa, conego de S. João Evangelista. Versava a lição nas matérias do § 3.º do tit. 1.º das Instituições de Direito Civil Lusitano. O estudante, explicando as palavras *si enim principi jus non esset leges pro arbitrio ferendí*, trouxe o discurso para a questão de mais interesse naquella conjunctura, e tractou de demonstrar com toda a energia da sua convicção que o governo absoluto é de todos o melhor. Isto, que a muitos pareceu negocio encomendado, e que todos julgaram insolente provocação ao partido constitucional, despertou logo na aula ruidosa celeuma. Aos estudantes liberaes cumpria levantar a provocação e repellir a affronta. No dia seguinte a aula trashedava de expectadores. Quando o lente subiu á cadeira, levantou-se o estudante n.º 37 do curso de canones, José Silvestre Ribeiro, e pediu para fallar sobre algumas duvidas com que ficara na materia da lição antecedente.

par-se nas lides academicas. Aqui converteu-se em descontentamento o alvoroço de alegria com que vinham. Julgando que o serviço militar em defeza das instituições vigentes seria motivo justificado para lhes serem abonadas as faltas nas aulas, contra o que se devia esperar acharam nas respectivas congregações repugnancia invencivel para tal abonação. Recorreram logo para o poder executivo e para as côrtes; baldadas seriam porém quaesquer reclamações, se a boa vontade do general Saldanha, que era então ministro da guerra, lhes não apadrinhasse o recurso.

O anno lectivo de 1827 para 1828 começou debaixo de sinistra influencia. O general Saldanha sahira do ministerio nos fins de julho, e desde então o governo do reino só teve de constitucional as apparencias. Os realistas, chamados a occupar os primeiros cargos do estado e todos os logares de confiança, começaram a mostrar severidade para com o partido liberal, decahido do poder. Na Universidade apontavam-se para victimas da aversão partidaria os lentes e estudantes que mais se tinham distinguido na defeza da causa constitueional. Já se não dissimulavam as intenções malevolas, nem se escondia o proposito de perseguição; aguardava-se tão sómente a opporrtunidade de levar a effeito a vindicta

Não estava o lente disposto a annuir ao pedido; mas o brioso mancebo, que ia preparado para todas as eventualidades, tirou dos Estatutos, e mostrou que em face da lei, por que se rege a Universidade, assistia-lhe o direito de ser escutado. As razões allegadas e as manifestações do auditorio removeram todas as difficuldades, e o animoso canonista obteve a concessão de fallar. Suscitou a questão do dia antecedente sobre a forma de governo; rebateu a doutrina que tinha sido apresentada na aula, e demonstrou que o governo constitucional a todos os respeitos sobreleva em vantagens ao absoluto.

O conego de S. João Evangelista, que fallára no dia anterior, quiz romper pela multidão e approximar-se do orador. Não o conseguiu. Os estudantes realistas indignavam-se, os constitucionaes applaudiam, e a manutenção da ordem era impossivel. O caso foi tão extraordinario e tão insolito na Universidade, que o prelado entendeu que o devia communicar ao governo. D'esta communicacão resultou ser reprehendido o estudante jurista que defendera o absolutismo, louvado o canonista que pugnara pelas ideias liberaes, e despedido do serviço o lente oppositor, que regia a cadeira, por consentir que na aula se deprimissem as instituições vigentes, etc. etc.

As peças officiaes donde consta o que fica relatado, estão trasladadas na secretaria da Universidade no liv. v do registo das ordens regias a fl. 206 e seguintes.

premeditada. Os liberaes, receiosos da tormenta que viam imminente, conferiam em reuniões secretas sobre os meios de evitarem o perigo. Tudo isto perturbava a regularidade dos estudos, e trazia os espiritos oscillantes entre o receio e a duvida.

Quando em fevereiro de 1828 tomou a regencia da nação o infante D. Miguel, a quem D. Pedro IV nomeara seu logar tenente no reino, concorreram a felicital-o as mais notaveis corporações. A Universidade elegeu tambem uma deputação para ir expressamente apresentar ao infante os respetos do primeiro corpo de Portugal. Correu então com insistencia que á mesma deputação se tinha commettido o encargo de solicitar a proscripção de muitos lentes e estudantes, de cujos sentimentos liberaes se não podia duvidar. Não se tem por averiguado que os deputados accetassem tão deslustrada incumbencia; é porem certo que os liberaes se convenceram de que iam ser accusados perante o regente. Nesta apaixonada convicção teve a sua origem o caso lamentavel e crime horrendo practicado na manhã de 18 de março de 1828. Os tres deputados da Universidade e a sua comitiva seguiam caminho de Lisboa quando a pequena distancia de Condeixa foram assaltados e desviados da estrada por um troço de estudantes, que alli os esperavam! Dous membros da deputação cahem feridos mortalmente, e outros individuos da comitiva soffrem máos tractos com effusão de sangue! Um dos assassinados era o lente de Medicina dr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo, o primeiro talvez em quem a maldade dos assaltantes cevou a ira! Tamanha atrocidade levantou geral indignação em todo o reino. A justiça humana foi inexoravel, e dez dos aggressores expiaram com a pena capital o attentado contra os deputados da Universidade.

Se as dissensões e malquerenças politicas tinham antes empecido os trabalhos academicos, depois do crime de 18 de março tornou-se quasi impossivel a tranquillidade de espirito que requer o tracto das sciencias. Tudo indicava que os realistas e o governo do regente preparavam a quédia da Carta constitucional e a restauração do absolutismo. Os liberaes, para quem a dissolução das côrtes foi cabal desengano das tendencias absolutistas, conhecendo a oppressão e o vilipendio, que os esperava, promovem entre si energica opposição contra o restabelecimento do governo absoluto. No dia 16 de maio levantam no Porto o grito de revolução, e proclamam a manutenção da Carta. Apenas chegou a Coimbra a

noticia de que as forças militares do norte se tinham pronunciado a favor do regimen liberal, fecharam-se as aulas e acabaram por então os trabalhos universitarios. Os academicos, que dezoito mezes antes se tinham alistado em defeza da constituição, correm de novo ás armas e engrossam as fileiras liberaes. Em 24 de junho encontraram-se as forças dos dous partidos na Cruz dos Morouços perto de Coimbra. Sustentaram ambas as suas respectivas posições; mas no fim da peleja os constitucionaes tiveram de retirar, e na madrugada de 26 encaminharam-se para o Porto. O grosso das tropas realistas foi-lhes seguindo os passos e picando a retaguarda. O desalento já se tinha apoderado das forças liberaes quando chegaram ao Porto. E como então reconhecessem a impossibilidade de resistencia, dirigiram-se para a fronteira de Hespanha, aonde entraram pela Gallisa. Lá foi experimentar as agruras do exilio a flor da mocidade academica; e para os liberaes que ficaram na patria começou o martyrio de seis annos com affrontas, extorsões e tormentos.

Os tres estados da nação, reunidos em côrtes segundo a forma do antigo regimen, acabavam então de proclamar o infante D. Miguel rei de Portugal. O partido realista chegava ao cume de suas aspirações; cumpria-lhe, passadas as naturaes expansões de entusiasmo politico, providenciar sobre o bom andamento dos negocios publicos. Muito havia que melhorar, muito em que os ministros occupassem a sua actividade; mas as necessidades da instrucção clamavam tão alto, que para logo excitaram a attenção do Governo. Com o proposito de se começar o melhoramento das escholae em todo o reino foi nomeado em 9 de agosto reformador geral dos estudos o bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, varão conspicuo do partido absolutista, cujo ingenho e sabedoria promettiam serviços valiosos. Principiou o reformador a intender no cargo, e voltou olhos para a Universidade como estabelecimento de instrucção em que primeiro deviam recahir os seus cuidados. Ou fosse dominado por paixões partidarias, ou porque sinceramente julgasse que na reforma das instituições se devia antes de tudo attender aos homens e depois ás cousas, deteve-se mais na escolha do pessoal docente do que na organização dos estudos. A intolerancia politica da epocha não soffria que os cargos publicos fossem desempenhados por funcionarios de ideias liberaes, e com especialidade os excluia do ensino pelo receio de commu-

nicarem á mocidade doutrinas contrarias á realza. O reformador, que propendia para intolerante, conformou-se com as exigencias partidarias. Os lentes que professavam opiniões liberaes foram despedidos da Universidade, e para exercerem o magisterio conservaram-se e admittiram-se tão sómente aquelles cuja fidelidade á politica realista era assás experimentada. Da Faculdade de Medicina ficaram excluidos os drs. Antonio Joaquim de Campos, João Alberto Pereira de Azevedo, João Lopes de Moraes e Sebastião d'Almeida e Silva.

Os dois primeiros logares da Faculdade estavam vagos pela morte dos drs. Castilho e Figueiredo. Nem esses nem outros se proveram então, porque a Universidade continuou fechada no anno lectivo de 1828 para 1829. Em junho e julho d'este ultimo anno fizeram-se os actos, que se deviam ter expedido em igual bimestre do anno antecedente. As aulas abriram-se em outubro de 1829, e o serviço academico proseguiu por dois annos sem interrupção. Em 31 de julho de 1830 sahiu o decreto de promoção em Medicina, e a Faculdade ficou constituida com os sete vogaes affeiçãoados á politica dominante, que mais tarde foram comprehendidos na revindicta constitucional; a saber.

1.º Lente — Dr. Angelo Ferreira Diniz	}	2.ª Cadeira de Practica.
2.º » — Dr. José Ignacio Monteiro Lopo		1.ª Cadeira de Practica.
3.º » — Dr. João Baptista de Barros	}	Cadeira de Mater. Medica.
4.º » — Dr. Carlos José Pinheiro		Cadeira de Anatomia.
5.º » — Dr. Aureliano P.ª Frazão d'Aguiar	}	Cadeira de Instituições.
6.º » — Dr. Luiz Antonio Pessoa		Cadeira de Aphorismos.
Substituto		
Dr. Manuel Joaquim da Silva.		

Não deixou vestigios assignalados na reforma dos estudos o primeiro reformador geral nomeado por D. Miguel. Tendo servido por tres annos, em tempos pouco favoraveis para melhora-

mentos litterarios, obteve a exoneração por decreto de 27 de agosto de 1831. Succedeu-lhe logo no cargo o monge cisterciense D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, que á sua provada dedicação realista juntava creditos de grande letrado. Pareceu que a iniciativa do novo reformador levaria a effeito os melhoramentos de ha muito desejados no ensino das sciencias. Assim o fez acreditar o decreto de 23 de setembro de 1831, que mandou suspender a abertura das aulas na Universidade até ordem em contrario com o fundamento de que os trabalhos da reformá eram incompativeis com os exercicios academicos. Sessenta annos antes tinha sido o encerramento das aulas prenuncio infallivel da restauração universitaria. Mas assim como então todos os elementos de prosperidade publica fomentavam o engrandecimento das letras, do mesmo modo agora a incerteza, a desconfiança e as inquietações geraes da nação conspiravam para que se mallograsse a projectada reforma dos estudos. O corpo docente permaneceu junto da Universidade, servindo na direcção dos estabelecimentos e n'outros encargos da sua competencia. Aguardou até mais de meado o anno de 1832 os promettidos melhoramentos. Por esse tempo em vez de novas litterarias recebe avisos de guerra. O exercito libertador surge nas praias do Mindello. No Porto abrem-se as portas do templo de Jano, as do sanctuario de Minerva fecham-se então completamente na Acropolis conimbricense.

Seguiu-se depois o pelear pela liberdade e essa lucta fraticida de dous annos em que o partido realista succumbiu. Terminada enfim a guerra civil, e restabelecida em todo o reino a auctoridade da Rainha, era de urgente necessidade que se abrissem as aulas de instrucção superior, e que se proseguisse no ensino das sciencias, interrompido havia tres annos. Antes de se inaugurarem os trabalhos academicos o governo teve o cuidado de reformar o corpo cathedratico e de entregar a direcção das escholas a professores da sua confiança. Os sete vogaes, de que se compunha a Faculdade de Medicina, todos promovidos por D. Miguel, foram com os de outras Faculdades exonerados do magisterio por decreto de 15 de julho de 1834. Para a regencia das cadeiras chamaram-se aquelles lentes e oppositores que a intolerancia politica tinha expulso da Universidade e perseguido iniquamente. Obtiveram despacho de cathedraticos e ficaram collocados no quadro da Faculdade.

- 1.º Lente — Dr. Antonio Joaquim de Campos.
 2.º » — Dr. João Alberto Pereira d'Azevedo.
 3.º » — Dr. João Lopes de Moraes.
 4.º » — Dr. Antonio Joaquim Barjona.
 5.º » — Dr. Sebastião d'Almeida e Silva.

Quatro dos nomeados entraram logo em exercicio assumindo a direcção dos estabelecimentos e começando a intender no que mais convinha para a continuação dos estudos medicos. A falta de pessoal era então motivo de serios embaraços. Alem de não estar egualado o numero dos professores ao das cadeiras, não se podia contar para o serviço com o dr. Barjona, que se achava fora do reino. Requereram habilitação para oppositores e foram habilitados os drs. Antonio Pereira Zagallo e José Francisco da Silva Pinto. Cinco bachareis formados em Medicina, alguns dos quaes se graduaram no fim do anno lectivo, pediram para reger as cadeiras. Indeferiram-lhes a petição. Os quatro vogaes effectivos, coadjuvados pelo segundo oppositor, tiveram por mais acertado repartir entre si os encargos do magisterio do que fiar o ensino de pessoas extranhas á Faculdade. Concordou-se pois em que se abrisse uma só das cadeiras de practica, ficando o lente do 5.º anno auctorisado para dirigir o ensino clinico tanto na enfermaria de homens como na de mulheres. As cinco restantes cadeiras foram distribuidas pelos cinco vogaes do modo seguinte :

Ao Dr. Antonio Joaquim de Campos	Cadeira de Practica.
Ao Dr. João Alberto Per.º d'Azevedo	» de Instituições.
Ao Dr. João Lopes de Moraes	» de Aphorismos.
Ao Dr. Sebastião d'Almeida e Silva.	» de Anatomia.
Ao Dr. Oppositor José Francisco da Silva Pinto	» de Materia Medica.

A segunda cadeira de practica ficou pertencendo ao dr. Antonio Joaquim Barjona, que entrou pela primeira vez em serviço em 22 de junho de 1835.

Em julho d'este anno tomaram capello em Medicina quatro candidatos aspirantes ao magisterio. Era de esperar que acabariam as difficuldades por falta de pessoal. E com effeito, se os dous oppositores habilitados não deixassem a Universidade movidos por

desgostos, e se o governo não resolvesse adiar os despachos, todos os logares da Faculdade poderiam ficar preenchidos no principio de outubro immediato. Mas em vez de se facilitar o provimento aos concorrentes, como as circumstancias reclamavam, expediu-se do ministerio do reino uma portaria, em que se mandavam suspender as habilitações para a classe de oppositor, até se providenciar sobre o accesso ás cadeiras da Universidade na reforma geral de instrução publica, de que então se tractava. Continuou pois o ensino medico ainda por mais d'um anno em limites tão estreitos e acanhados como estivera sessenta annos antes, quando se inaugurou a restauração dos estudos.

Os cinco vogaes cathedricos, em que se continha todo o pessoal da Faculdade, não se entretiveram somente com a regencia das cadeiras e com a administração e direcção dos estabelecimentos. Conhecedores das necessidades da instrucção, empenharam-se em a melhorar conforme cabia na alçada das suas attribuições. Mereceu-lhes cuidado especial a substituição dos compendios, que serviam de texto desde o seculo passado, por outros accommodados ao estado actual da sciencia. Foi proposto, mas não chegou a ser approvedo o compendio de Bayle para o estudo da anatomia. Adoptou-se para texto na cadeira de Instituições a *Physiologia* de Martini. A falta de exemplares d'esta obra fez com que se mudasse para o Tractado Elementar que da mesma sciencia escreveu Magendie. Approvou-se para as lições de pharmacia o compendio de Chevallier, que pouco depois foi substituido pelo Codigo Pharmaceutico. O Manual de Materia Medica de Edward e Vavasseur foi escolhido para o ensino da pharmacologia e da therapeutica; e os Elementos de Cirurgia e de Medicina Operatoria de Bégin obtiveram desde então larga estabilidade nos cursos de Medicina.

Por aquelle tempo foi mandado ouvir o conselho da Faculdade sobre o merito d'uma obra do Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, *Tractado de Pharmaconomia ou Codigo Pharmaceutico Lusitano*, e sobre a conveniencia de se decretar que a Pharmacopea Geral do Reino fosse substituida nas boticas por aquella obra como o seu auctor pretendia. Os vogaes da Faculdade, examinando o livro, deram o seu voto, uns por escripto e outros em considerações verbaes, e habilitaram o prelado a responder ao go-

CAPITULO IX

De 1836 a 1844. — Reforma dos Estudos Medicos na
Universidade. — Successos posteriores.

Fôra acelerado entre os povos cultos o movimento scientifico nos tempos consecutivos á restauração da Universidade. As sciencias naturaes principalmente haviam tomado tão largo desenvolvimento, que em breve ultrapassaram os limites que os primeiros encyclopedistas do seculo XVIII lhes tinham assignado no quadro do saber humano. Por toda a parte se proseguia no estudo da philosophia natural; e os governos favoreciam em geral o empenho com que se desentranhavam do seio da natureza factos e verdades desconhecidas.

Portugal não foi indifferente ao andamento progressivo das sciencias. Vinte annos depois da grande reforma Universitaria sentiu a necessidade de ampliar o ensino das sciencias naturaes, e estabeleceu novas cadeiras nas Faculdades de Mathematica e de Philosophia. Mas assim como attendeu com a devida circumspecção para os melhoramentos d'aquellas Faculdades, por uma inexplicavel contradicção deixou no esquecimento os estudos medicos, e até pela mesma epocha os restringiu supprimindo a cadeira de therapeutica cirurgica! E todavia as sciencias medicas acompanhavam o andamento da philosophia natural. Nas escholâs discutiam-se com ardor as vantagens dos systemas; nos hospitaes e nos amphitheatros succediam-se os descobrimentos; e d'esta actividade incessante emanava copiosa luz em beneficio da humanidade enferma. Emfim a Medicina progrediu; e como o ensino de todos os seus ramos persistisse na Universidade concentrado em seis cadeiras, veiu a dar-se tal desproporção entre o quadro docente e a extensão

da sciencia, que se tornou impossivel professal-a como convinha aos creditos da Faculdade e ás exigencias da instrucção. Quando o mal se patenteou claramente, não faltaram demonstrações e bons desejos de lhe acudir com algum remedio prompto e efficaz. Nomearam-se commissões; estudaram-se projectos de reforma; mas tudo mallograram as dissensões politicas, como relatámos no capitulo antecedente.

Em quanto permaneceram intactas as instituições do antigo regimen, podia, embara com prejuizo da instrucção, adiar-se de um para outro anno a desejada reforma dos estudos. Estavam então acordes todas as partes da organização social; todas funccionavam sem embates nem movimentos encontrados. Mas depois do estabelecimento do governo constitucional tornou-se de imprete- rível necessidade reformar a instrucção publica e organizar o professorado. A execução das leis, decretadas durante a menoridade da Rainha D. Maria II, tinham numas partes aluido e noutras desequilibrado as instituições nacionaes. A Universidade resentiu-se tambem da commoção que alterou profundamente o mecha- nismo social. Com a extincção dos dizimos acabaram os collegios que lhe estavam aggregados. Os privilegios e prerogativas academi- cas foram subvertidas na torrente niveladora. As recompensas de maior valia desapareceram, e os professores ficaram com mes- quinhos vencimentos, reduzidos á condição de simples funciona- rios do estado. Nestas circumstancias o movimento escholar mais servia para desconjuntar do que para manter o que ainda restava da antiga grandeza Universitaria. Importava pois reedificar o que jazia por toda a parte em ruina, e accomodar as instituições ao regimen e ideias liberaes. A empreza não era de poucas difficul- dades. Com todas arcou o famoso ministerio, que sahiu da memo- ravel revolução de 9 de setembro de 1836, e a todas venceu com melhor fortuna do que então se podia esperar.

Entre as providencias de maior interesse, que o ministro do reino Manuel da Silva Passos submetteu á approvação da Rainha, têm por certo cabimento as que organizaram a instrucção publica e augmentaram o numero das escholas. Data de 5 de dezembro de 1836 o decreto que reformou a Universidade, e trouxe emfim á Faculdade de Medicina os melhoramentos que as instancias de quinze annos, a conservação da saude dos povos e o decoro nacio-

nal reclamavam. Novas cadeiras foram então creadas; duplicou-se o pessoal docente; regulou-se a entrada para o magisterio; e egualaram-se, dentro da mesma ordem, os honorarios dos professores. O curso medico ficou, como d'antes, comprehendido em cinco annos, e o ensino distribuido por dez cadeiras da maneira seguinte:

Annos	Cadeiras	Materias
1. ^o	1. ^a	Anatomia Humana e Comparada
2. ^o	2. ^a	Physiologia e Hygiene
	3. ^a	Pathologia Geral, Pathologia Cirurgica, Therapeutica, Historia Medica
3. ^o	4. ^a	Historia Natural Medica, Materia Medica, Chimica Medica e Pharmacia
		Frequencia numa aula de clinica
	5. ^a	Pathologia Medica, Nosologia, Therapeutica, Doutrina Hippocratica
4. ^o	6. ^a	Physica Medica, Apparelhos e Operações Cirurgicas
		Frequencia nas aulas de clinica
	7. ^a	Partos, Molestias das Mulheres de parto e dos Recem-nascidos
5. ^o	8. ^a	Medicina Legal, Hygiene Publica, Policia Medica
	9. ^a	Clinica interna e externa de Homens
	10. ^a	Clinica interna e externa de Mulheres.

Determinou-se que a anatomia pathologica «fosse ensinada e «demonstrada por cada um dos professores em todas as occasões «que depararem para isso opportunas¹.»

Continuaram a exigir-se para o curso medico os mesmos preparatorios de mathematica e de philosophia que até então se exi-

¹ O decreto de 5 de dezembro de 1836 conservou junto da Faculdade de Medicina a escola de pharmacia como fôra estabelecida pelos Estatutos; sómente acrescentou que os alumnos pharmaceuticos, para serem admittidos a exame final, deveriam apresentar certidão de frequencia, ao menos como ouvintes, de zoologia, botanica, physica e mineralogia.

O mesmo decreto determinou que o lente de partos fizesse um curso especial de arte obstetricia para parteiras; e mandou conferir cartas de licenciados menores a uma classe de alumnos que se destinasse á Medicina e Cirurgia, dictas ministrantes. O decreto de 26 de abril de 1842 aboliu a matricula e frequencia d'estes alumnos.

giam, com a differença de que se facultou a matricula no primeiro anno de Medicina aos alumnos que obtivessem a approvação em chimica, physica, e nas materias do primeiro e do segundo anno mathematico; ficaram porém obrigados durante o primeiro e segundo anno medico a cursar zoologia e botanica na Faculdade de Philosophia. Por este modo bastavam sete annos de estudos universitarios para se alcançar a formatura em Medicina.

Ainda que o decreto de 5 de dezembro no art. 94.^o determinava que, passados cinco annos depois do estabelecimento regular dos lyceus nas capitaes dos districtos, seria preparatorio necessario para a matricula nas Faculdades de sciencias naturaes o curso completo dos mesmos lyceus, exceptuando as materias da cadeira de geometria, apesar d'isso os alumnos de Medicina continuaram durante alguns annos obrigados só ás disciplinas de instrucção secundaria prescriptas nos Estatutos. Foi-lhes concedido pelo citado art. 94.^o que dessem conta do exame de grego até o fim do curso, o que equivaleu á annullação do mesmo exame.

Para os encargos do ensino e mais serviço inherente ao magisterio foram creados dez logares de professores cathedaticos, cinco de substitutos ordinarios, e tres de substitutos extraordinarios. Arbitraram-se os ordenados, que ainda hoje subsistem, de novecentos mil réis ao lente director, de oitocentos mil réis aos restantes cathedaticos, de quinhentos mil réis aos substitutos ordinarios, e de trezentos aos extraordinarios.

Na entrada para as Faculdades tinha sido até então observado o systema de longa opposição, regulado pelo alvará de 1.^o de dezembro de 1804. Este systema, ainda que moroso e enfadonho, coadunava-se todavia com as antigas praxes academicas, e não desviava os candidatos da Universidade, porque havia o attractivo dos collegios, onde não faltava pingue aposentadoria até se conseguir o primeiro despacho. Mas depois da extincção dos tres collegios Universitarios, e quando escasseava o pessoal competente para as funcções do magisterio, tudo persuadia que convinha facilitar as habilitações e expedir a escolha dos professores sem o apparatus de longos redeios. Convenceu-se o legislador das necessidades da occasião, e ordenou que as cadeiras fossem providas por concurso publico perante o Conselho da Faculdade, e que as provas de sufficiencia e aptidão consistissem unicamente na lição, durante uma hora, d'um ponto tirado á sorte com a antecipação de quarenta

e oito horas. A aprovação dos candidatos ficou dependente da pluralidade absoluta de votos, e as preferencias do major numero de boas qualificações.

Estava quasi a findar a primeira epocha do anno lectivo de 1836 para 1837 quando appareceu o decreto da reforma. O governo instou com as Faculdades para que lhe dessem execução logo depois das ferias do Natal. A congregação de Medicina ponderou que o não podia executar por falta de lentes. Achava-se então a Faculdade constituída com cinco cathedricos e tres oppositores. Metade d'este pessoal estava em côrtes, e o serviço academico era desempenhado por dous cathedricos, dous oppositores e um estudante repetente. Aconteceu pois que nem então nem no anno immediato se abriram as cadeiras novamente decretadas. O governo, desejando providenciar quanto antes sobre os progressos e melhoramentos da instrucção, ordenou que lhe fosse presente um relatorio sobre o estado da Universidade. Apressou-se a Faculdade de Medicina a desempenhar a parte que lhe competia, e levou á presença da Soberana uma consulta, em que expunha primeiro os embaraços provenientes da falta de pessoal, em segundo lugar a inconveniencia de se opprimirem os professores com os encargos civis de jurados, de vogaes da junta de parochia, das juntas de repartições, e d'outras similhantes, e pedia que fossem alliviados d'aquelles serviços pessoaes. A ultima parte da consulta relatava o estado dos estabelecimentos, e desenvolvia as alterações que tinha hayido a respeito das prestações dos hospitaes desde 1813 até a actualidade, e concluia solicitando que se elevasse a mesada d'aquelles estabelecimentos de trescentos e cincoenta a seiscentos mil réis.

Como a execução da reforma na parte concernente ao ensino não podja ter lugar, em quanto não fossem providas todas as cadeiras e substituições, deliberou o Conselho da Faculdade que se representasse ao governo sobre a utilidade de se adoptar provisoriamente outro plano de estudos medicos. Em congregação de 2 de junho de 1838 foi discutido e approvedo que se juntassem numa só cadeira a medicina operatoria e a obstetricia, e que todas as materias do curso medico se ensinassem por então em nove cadeiras. D'este alvitre se deu conhecimento ao governo como o unico practicavel. Por sua parte o governo, compellido a prestar

mais attenção aos acontecimentos politicos do que aos negocios da instrucção publica, não approvou nem desapprovou o plano proposto. A Faculdade, em vista do silencio do governo, conscia de que prestava serviços valiosos, abriu as aulas em outubro seguindo o plano da sua escolha. E fez mais: tendo por inconveniente a frequencia da zoologia e botanica juntamente com as materias do primeiro e do segundo anno medico, resolveu desaffrontar o estudo das sciencias medicas de quaesquer disciplinas extranhas, e decidiu que para a matricula em Medicina se exigissem, como d'antes, tres annos de preparatorios em Philosophia.

Extranhou o governo o arbitrio com que a Faculdade alterava a ordem de estudos que permitia em sete annos a formatura em Medicina; e ordenou que o curso fosse organizado em conformidade com o decreto de 5 de dezembro de 1836. Se a violencia com que os dous partidos liberaes se debatiam por aquella epocha não trouxesse os animos em alvoroço, nem o governo deixaria de attender opportunamente ás reclamações e propostas dos corpos docentes, nem estes, obrigados pelas circumstancias, levariam o seu zêlo a ponto de tomarem sobre si a responsabilidade de importantes deliberações, mas discordantes das prescripções legaes. Na Universidade appareciam constantemente difficuldades imprevistas, que demandavam prompta solução: e, como o expediente do serviço não podia muitas vezes esperar pelas decisões do governo, as Faculdades, tomando em toda a sua latitude a auctorisação que lhes conferia o art. 96.º do decreto da reforma «sobre a resolução das duvidas que occorrerem na passagem do methodo antigo «para o novo plano» decidiam e executavam o que lhes parecia mais conforme com o bom regimen academico, tendo sempre em vista as prescripções da legislação vigente. Mas algumas resoluções não poderam deixar de se afastar das determinações expressas da lei. A Faculdade de Medicina, onde maiores e mais frequentes embaraços appareceram, viu confirmadas pelo governo todas as suas deliberações, excepto a que repunha o curso medico em oito annos em vez de sete, como exigia a nova reforma.

A practica tinha revelado que muitas providencias e innovações, contidas no decreto organico de 5 de dezembro, não correspondiam aos desejos e previsões do legislador. O governo, que de tudo teve conhecimento, e que até pediu á Universidade as reflexões que se lhe offerecessem sobre a ultima reforma, meditava corrigir

as imperfeições demonstradas pela experiência. No entanto sobreviou a revolução de 27 de janeiro de 1842, que derribou a constituição de 1838 e restabeleceu a Carta Constitucional. O ministerio que então ficou dirigindo os negocios do estado não se esqueceu de melhorar a instrucção publica. Viu que os esclarecimentos apresentados em varias consultas eram insufficientes; mandou que as Faculdades academicas propozessem as modificações de que necessitassem, e habilitou-se por este modo para formular novo projecto de reforma. Estava então na reitoria da Universidade o Conde de Terena, logar para que tinha sido nomeado por Carta Regia de 31 de dezembro de 1840. Providenciou o prelado sobre a prompta expedição das indicações pedidas pelo governo. A Faculdade de Medicina deu-se pressa em satisfazer ao pedido na parte que lhe pertencia. Na consulta que dirigiu á Soberana ponderava em primeiro logar a conveniencia de se separar da Faculdade de Philosophia e de se encorporar na de Medicina o estudo das sciencias preparatorias e auxiliares do curso medico. Mostrava depois que por falta de pessoal não tinha ainda podido desenvolver o ensino da obstetricia numa cadeira especial; pedia que se conservassem as dez cadeiras, creadas pelo decreto de 5 de dezembro, assim como quatro substituições ordinarias, dous logares de demonstradores, e tres de ajudantes de clinica. A consulta terminava optando pela formação d'um jury academico para julgar as faltas dos professores, como propunha a Faculdade de Philosophia.

Da falta de lentes para a regencia das cadeiras procediam irregularidades que não podiam continuar sem grave detrimento para o ensino e para os credits da Faculdade. Era pois indispensavel habilitar para seguirem o professorado os estudantes que durante o curso universitario melhores provas tivessem exhibido de seu ingenho e applicação. Estavam graduados desde 1835, e como oppositores tinham prestado bons serviços, os drs. Jeronymo José de Mello, Florencio Peres Furtado Galvão, Francisco Fernandes da Costa e Cezario Augusto de Azevedo Pereira. Todos foram despachados segundo as suas respectivas antiguidades por decreto de 4 de maio de 1838. Em 9 de junho do mesmo anno fizeram lição de concurso a duas substituições os drs. João Maria Baptista Callisto, e Agnello Gaudencio da Silva Barreto. Ambos tiveram approvação, e sahiram despachados em 11 de setembro immediato. Ao passo que se foram provendo os logares, foi tambem entrando em me-

lhor ordem o serviço escolar, e o ensino começou a ter o desenvolvimento prescripto na lei.

A Faculdade houve-se com pontualidade em todos os negocios da sua competencia. Por muitas vezes se occupou na escolha dos compendios para conciliar o bom andamento do ensino com as necessidades da occasião. Logo depois da creação da cadeira de Medicina legal approvou para texto o Manual que da mesma sciencia escreveu Briand. Mas, como os estudantes juristas fossem obrigados pelas disposições da reforma a frequentar a aula de Medicina legal, para commodidade de medicos e legistas adoptou-se provisoriamente o Tractado de Policia Medica de José Pinheiro de Freitas Soares, e pouco depois as Instituições de Medicina Forense de José Ferreira Borges. Substituiu-se esta obra por outra de Sedillot sobre as mesmas materias quando os estudantes de Direito requereram e obtiveram a dispensa de frequencia da aula de Medicina legal. Em 1841 novamente foi admittido o Manual de Briand. O dr. Jeronymo José de Mello escreveu para instrucção de seus discipulos um Tractado Elementar de physiologia, que foi logo approvado para o ensino, e serviu de texto por mais de vinte annos. Para o estudo da arte obstetricia junctou-se ao compendio de Plenck a obra de Capuron *Maladies des femmes*.

A outros assumptos estendeu os seus cuidados o Conselho da Faculdade. Formulou os programmas para a direcção e boa ordem do ensino nas diversas cadeiras. Providenciou sobre o augmento dos gabinetes, e attendeu principalmente á necessidade de se ampliar a collecção de anatomia pathologica. Deliberou sobre a acquisição de bons jornaes e livros de Medicina. Resolveu que se instituisse de novo a vaccinação nos hospitaes da Universidade. Pediu e obteve que o hospital dos lazarus fosse estabelecido no extincto collegio de S. José dos Mariannos. E para que o hospital da Conceição ficasse com melhores condições hygienicas pela desaccumulação de doentes, conseguiu mudar para o extincto convento de S. Jeronymo as enfermarias de homens. Alli persistiram por espaço de tres annos¹, até que no fim

¹ Ainda em 1847 estava em S. Jeronymo uma enfermaria exclusiva de militares. Resolveu a Faculdade em congregação de 22 de outubro d'aquelle anno que, visto serem poucos os doentes militares, se mudassem para o hospital da Conceição: sem contudo se considerar que a Faculdade abandonava o convento de S. Jeronymo.

de dezembro de 1842 se decidiu que passassem para o hospital da Conceição. Coincidiu sempre com estes serviços o zêlo da Faculdade pelo augmento e boa arrecadação das rendas dos hospitaes, o desvelo na direcção e administração dos estabelecimentos, assim como a vigilancia pelo exacto cumprimento das obrigações dos empregados subalternos. Não passaram despercebidos para os poderes publicos tantos e tão assíduos cuidados. Na Congregação de 6 de novembro de 1840 foi presente uma portaria, em que o governo, conhecedor dos bons serviços da Faculdade de Medicina, a galardoava com os merecidos louvores.

Foram em verdade valiosos todos os serviços que esta Faculdade prestou numa epocha melindrosa pelas innovações e mudanças sociaes, e agitada alem d'isso pelas commoções dos partidos. Mas entre todos os factos, que então lhe conciliaram os louvores do governo e o respeito dos outros corpos docentes, descobrimos um de grandes consequencias, cuja importancia ainda não foi sufficientemente ponderada nem devidamente reconhecida, e que por isso merece especial menção nesta Memoria.

A lingua e a litteratura franceza, que desde o ultimo quartel do seculo passado exerciam notavel influencia em Portugal, depois de 1830 alargaram entre nós os seus dominios. Os jornaes e os livros, que nos enviava a França, eram lidos com interesse e dirigiam a opinião. As doutrinas medicas de Broussais tinham chegado então ao auge da sua fortuna, e irradiavam com intensidade para o occidente da Europa. O brownismo estava por cá em decadencia; por isso quaesquer doutrinas medicas, que inculcassem novidade ou progresso scientifico, achariam acolhimento entre os medicos clinicos e facil entrada nas escholae. Aconteceu pois que os escriptos de Boisseau, Bouillaud, Roche e Sanson, partidarios convictos das doutrinas de Broussais, espalharam em Portugal as ideias d'este reformador da Medicina. A tradição e as boas praxes clinicas decahiam ante as novas doutrinas. Os medicos em geral deixavam-se dominar pelo encadeamento dos raciocinios, que tudo referiam e tudo derivavam da irritação. Os estudantes nas aulas, fascinados pelo desassombro com que Broussais no *Exame das Doutrinas* julgára de todos os systemas de Medicina, inclinavam-se para as opiniões broussaisnianas.

As ideias do novo reformador sobre pathologia e therapeutica iam em prospero successo e recrutavam proselytos, quando dous

professores respeitaveis da Faculdade de Medicina lhes tomaram o passo e impediram o curso. O dr. João Lopes de Moraes, que ao vasto conhecimento das sciencias medicas juntava a auctoridade de practico abalisado, combateu na cadeira de pathologia interna e em todas as occasiões, que lhe offereceu a clinica, o exclusivismo da pathogenia e therapeutica de Broussais; e o dr. Antonio Joaquim de Campos, professor de clinica, a quem a practica de trinta annos tinha tornado medico insigne, demonstrou practicamente o desacerto com que os broussaisnianos pretendiam curar todas as enfermidade com aguas mornas, bixas e sangrias. Evidenciou-se em muitos doentes tractados nos hospitaes quanto eram exaggeradas as pretensões da medicina physiologica; o que porem lhe aniquilou o prestigio foram os resultados perniciosos das depleções sanguineas no tractamento das febres palustres. Deram-se casos d'esta ordem em pessoas de representação, algumas das quaes foram como que tiradas da sepultura pelos dous citados professores, contrapondo aos males aggravados pela therapeutica broussaisniana o tractamento sancionado pela experiencia. Estes successos calaram tão profundamente no espirito dos medicos e dos estudantes de Medicina, que para logo moderaram o entusiasmo a respeito das novas doutrinas.

Deve-se pois aos dous insignes vogaes da Faculdade de Medicina a opposição salutar que encontraram em Portugal os exaggeros dos broussainianos, opposição que de Coimbra se espalhou em todo o reino. A importancia de tão assignalado serviço poderá avaliar-se pelo seguinte: Os escriptores francezes, relatando as consequencias practicas das doutrinas de Broussais, dizem que em França os tanques e viveiros ficaram exhaustos de sanguesugas! Tão copiosa foi a effusão de sangue! Opprimir-nos-hiam desastres eguaes ou semelhantes, se os esclarecidos professores não velassem pela conservação das boas praxes clinicas e dos methodos therapeuticos confirmados pela experiencia.

CAPITULO X

De 1844 a 1863. — Nova organização de estudos. — Serviços da Faculdade

A reforma da instrução publica decretada em novembro e dezembro de 1836, com quanto abrisse uma nova era nos annaes das escholâs portuguezas, resentia-se todavia da precipitação com que fôra emprehendida. Das providencias que então se tomaram, tendentes a levantar as sciencias e lettras da vergonhosa decadencia em que jaziam, umas não corresponderam inteiramente ás previsões do legislador, e outras não poderam ter immediata execução. Instava pois continuar na senda dos melhoramentos litterarios, e corrigir os defeitos que a razão e a experiencia tivessem demonstrado. Não se descuidou o governo de tão momentoso assumpto. Solicitando e colligindo os esclarecimentos indispensaveis sobre as modificações de que necessitava a ultima reforma, habilitou-se para formular e submeter á approvação dos corpos legislativos um projecto de lei em que se comprehendia a organização de todos os ramos de instrução publica dependentes do ministerio do reino. O projecto obteve approvação na camara dos deputados, e foi mandado observar por decreto de 20 de setembro de 1844.

As indicações propostas pela Faculdade de Medicina foram em geral attendidas. Conservaram-se as dez cadeiras existentes para o ensino dos diversos ramos das sciencias medicas, cuja distribuição e disposição em curso de cinco annos ficou pertencendo ao Conselho da Faculdade como objecto regulamentar da sua competencia. Exigiu-se para a matricula do primeiro anno medico o curso de disciplinas preparatorias decretadas nas leis anteriores, e mais o exame de traducção da lingua franceza.

Nas categorias do pessoal docente houve algumas alterações. A Faculdade de Medicina ficou com dez professores cathedrauticos, tres substitutos ordinarios, dous demonstradores e tres ajudantes de clinica. Foi abolido na Universidade o methodo de concurso publico para o provimento das cadeiras, e substituido pelo de longa opposição. Concedeu-se aos professores a isenção de quaesquer encargos ou serviços pessoaes (art. 171); cohibiram-se irregularidades e descuidos; tomaram-se enfim muitas providencias para o bom andamento do ensino e prosperidade das sciencias.

Em nove cadeiras mandava o decreto de 20 de setembro continuar o serviço da Faculdade em quanto não houvesse um estabelecimento especial de partos, accommodado ás molestias de mulheres gravidas, puerperas, e recém-nascidos. Facil era estabelecer logo uma enfermaria para parturientes ou no hospital ou em algum dos grandes edificios de que podia dispôr a Universidade. Retardaram este melhoramento obstaculos supervenientes; e o ensino da obstetricia continuou accumulado na cadeira de operações até que em 29 de março de 1848 se mandou provêr a cadeira de partos. O curso medico ficou desde então distribuido, como se mostra no quadro seguinte, pelas dez cadeiras decretadas em 1836.

Annos	Cadéiras	Materias
1. ^o	1. ^a	Anatomia humana e comparada
2. ^o	2. ^a	Physiologia e Hygiene Privada
	3. ^a	Medicina operatoria — Anatomia Topographica
3. ^o	4. ^a	Pathologia geral — Pathologia externa
	5. ^a	Pharmacologia — Therapeutica, e Pharmacia
4. ^o	Frequencia na 8. ^a cadeira	
	6. ^a	Tocologia theorica e practica — Molestias de Puerperas e recém-nascidos
	7. ^a	Pathologia interna — Doutrina Hippocratica — Historia geral da Medicina
5. ^o	Frequencia na 8. ^a e 9. ^a cadeira	
	8. ^a	Clinica de Homens
	9. ^a	Clinica de Mulheres
	10. ^a	Medicina Legal — Toxicologia, — Hygiene Publica.

¹ A cadeira de partos foi primeiro collocada no quinto anno, e a de medicina legal no quarto; em breve se mudaram e permeneceram depois como acima estão distribuidas.

Já por este tempo se tinham provido quasi todos os logares da Faculdade, e havia candidatos ao magisterio que, para se habilitarem segundo o methodo de longa opposição, acudiam de bom grado a todas as necessidades do serviço escolar. Eram substitutos desde 12 de agosto de 1843 os drs. Manuel Paes de Figueiredo e Sousa e José Gomes Ribeiro. Em 4 de agosto de 1846 sahio nomeado demonstrador de anatomia o dr. José Ferreira de Macedo Pinto, e na mesma data entrou para demonstrador de materia medica o dr. Antonio Carlos dos Guimarães Moreira, que pouco mais de um anno sobreviveu ao despacho. Seguiu-se em 11 de março de 1850 a nomeação do dr. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos para ajudante de clinica geral; e dous annos mais tarde, em 3 de agosto de 1852, tiveram o primeiro despacho os drs. Antonio Augusto da Costa Simões e Antonio Gonçalves da Silva e Cunha. Foram estes os ultimos candidatos habilitados pelo processo de longa opposição.

As sciencias medicas tomavam por aquelle tempo rumo differente do que haviam seguido sob a influencia de Brown e de Broussais. A eschola experimental, restaurada por Magendie e illustrada por notaveis experimentadores de Inglaterra e de França, não só tinha depurado a physiologia de muitos erros, mas até concorrera para que se desterrassem do estudo das sciencias de observação, o que não foi pequeno serviço, as discussões interminaveis e sempre estereis sobre ideias abstractas e principios indefinidos. Encaminhada pela experiencia e auxiliada pela chimica organica e pela physiologia, reparava a materia medica os estragos que Broussais lhe fizera. E a pathologia, que por mais de quarenta annos andara subordinada ás exigencias invariaveis dos systemas, assentava então fundamentos sobre as conquistas recentes e promettedoras da anatomia pathologica. Para que o ensino medico da Universidade seguisse a mesma direcção que a sciencia levava, mudou a Faculdade alguns dos antigos compendios por outros em que se continham os progressos recentes. Deixou de servir de texto nas lições de pathologia interna o Tractado Elemental de Medicina Practica de Cullen, e foi substituido em 3 de maio de 1845 pelo Manual de Medicina Practica de Hufeland. Na congregação de 12 de março de 1846 adoptou-se para o ensino da hygiene privada o Curso Elemental de Hygiene de Januario Peres Furtado Galvão. O Tractado de obstetricia de Chaylly foi esco-

lhido para compendio na cadeira de partos em congregação de 31 de março de 1849. Em 11 de março de 1850 approvou o Conselho da Faculdade o Manual de Materia Medica de Bouchardat para o estudo da pharmacologia; e em 16 de abril de 1853 substituiu os Elementos de anatomia de Soares Franco pelo Tractado da mesma sciencia composto por Jamin.

No começo do periodo em que levamos a historia tinha reaparecido em França, e de lá se estendera para outras nações, certa aura favoravel ao magnetismo animal considerado como agente physiologico e therapeutico. Atribuuiam-se ao fluido magnetico virtudes surprehendedentes e maravilhosas já no tractamento das enfermidades, já na manifestação de muitos phenomenos de vida animal. Ainda que a Academia Real de Medicina de Paris se pronunciou formalmente contra as pretendidas maravilhas, nem por isso decahiu a reputação do magnetismo. Sustentaram-lhe os creditos alguns medicos de bom nome; e como o processo experimental por onde se exhibiam os prodigios magneticos era simples e de facil applicação, em breve passou das mãos dos medicos para os dominios do publico. Multiplicaram-se então as experiencias; augmentaram os *portentos*; e a arte de os provocar chegou a tal perfeição, que bastavam umas *nigromancias e feitiços* do magnetizador para logo se apoderar da vontade e espirito vidente do magnetisado.

Em Portugal, onde são pronunciadas as tendencias para o maravilhoso, teve o magnetismo optimo acolhimento. Para alguns medicos e para outras pessoas de razão esclarecida os ensaios magneticos, que tanto ruido fizeram em Lisboa, Porto, e Coimbra, não passavam d'uma diversão apropriada para entreter a credulidade. Mas havia tambem entre os homens illustrados muitos que tinham por verdades reaes e indubitaveis o que só era engenhosa fraude, e effeito de previas combinações. É certo que se acreditavam geralmente os factos extraordinarios que a fama apregoava. Ora, como não repugnava admittir que os magnetisadores podessem despertar phenomenos morbidos em pessoas nervosas e de compleição delicada, e como até se referiam casos de incommodos supervenientes aos artificios magneticos, com justo motivo entenderam os poderes publicos que deviam intervir em negocio de taes consequencias, e que lhes cumpria tomar as providencias necessa-

rias tanto para se cohibirem os embustes, como para se evitarem inconvenientes d'outra ordem.

Com o proposito pois de alcançar os devidos esclarecimentos mandou o governo ouvir o Conselho de Saude Publica do Reino e o Conselho da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa sobre a importancia que podia ter na saude publica e nos progressos da sciencia a permissoão de se experimentar o magnetismo animal fora dos estabelecimentos apropriados, e longe das vistas de facultativos habeis. Discordaram aquelles dous Conselhos sobre a materia proposta ; e tão encontradas foram as opiniões dos vogaes num e noutro, que não lograram elucidar o governo.

Por ordem do ministro do reino foram então enviados ao reitor da Universidade varios documentos para serem presentes á Faculdade de Medicina, sobre cujo voto deveria o prelado formular um parecer. Recommendou-se que a Faculdade attendesse principalmente para os seguintes pontos : primo, qual a importancia do magnetismo considerado como agente therapeutico ; secundo, se as disposições penaes do decreto de 18 de setembro de 1844 deverão ser applicadas aos magnetisadores que não estiverem habilitados legalmente para exercer a Medicina.

A commissão, encarregada pela Faculdade do estudo d'aquelles pontos, opinou que dos trabalhos emprehendedidos em França e Allemanha, e das experiencias feitas por então em Portugal nada se podia concluir sobre a influencia do magnetismo nos phenomenos physiologicos, e menos ainda sobre a sua importancia como agente therapeutico ; entendeu porem que se devia conceder logar entre os conhecimentos medicos aos factos bem averiguados de magnetismo animal, e que por isso convinha repetir as experiencias e continuar no exame dos phenomenos com escrupulosa attenção. Em quanto ao segundo quesito julgou a commissão que deviam ser comprehendidos nas disposições penaes do decreto de 18 de setembro de 1844 os magnetisadores, a quem faltassem as habilitações legaes, excepto quando fossem convidados para funcionar na presença de facultativos, reunidos em commissão scientifica.

Este parecer, se bem que rejeitado por tres votos na forma e na materia, foi approvedo em congregação de 23 de dezembro de 1845. O prelado, desejoso de proceder com segurança, exigiu dos vogaes dissidentes os fundamentos do seu voto, e mandou que no hospital se repetissem as experiencias sobre o magnetismo, visto

que a maioria do Conselho tinha reconhecido a conveniencia de novos ensaios. As tentativas, que posteriormente se fizeram, nem adiantaram a sciencia, nem esclareceram o prelado. E como pouco depois rebentou a revolução que trouxe o reino agitado desde maio de 1846 até junho de 1847, cessou o empenho pelos estudos magneticos, e não mais reviveu o prestigio dos magnetisadores.

Em outros assumptos de maior importancia se occupou o Conselho da Faculdade de Medicina, já para melhorar o ensino, já para esclarecer os poderes publicos em negocios da sua competencia. Seguindo a ordem chronologica, fallaremos em primeiro logar d'uma notavel consulta, dirigida á Camara dos Pares por intervenção do Conselho Superior. Na sessão legislativa de 1846 foi approvedo na Camara dos Deputados um projecto de lei com o numero 26, em que se determinava que os actos de formatura em Medicina fossem regulados, como os outros actos, pela pluralidade de votos. Antes de resolver sobre este ponto singular quiz a Camara dos Pares que o Conselho Superior de Instrução Publica interpozesse o seu parecer, ouvindo previamente a Faculdade de Medicina. No Conselho da Faculdade prevaleceu a opinião de que não se devia alterar nem modificar a disposição dos Estatutos. Nesta conformidade se lavrou a respectiva consulta, na qual sobresahiam tanto os argumentos em defeza dos Estatutos, como a demonstração dos erros e falsas apreciações que serviram de base ao projecto approvedo na Camara dos Deputados. Foi tão respeitada a consulta e opinião da Faculdade, que o projecto não teve seguimento na Camara dos Pares. Houve quem se lembrasse, passados dez annos, de o apresentar novamente na Camara dos Deputados. Ahi mesmo foi então combatido. Dos successos posteriores até hoje tambem se não pode tirar argumento para que se modifiquem as prescrições dos Estatutos, relativas á votação nos actos de formatura em Medicina.

Eram encarecidas por aquelle tempo as propriedades medicinaes do assacú como de grande efficacia para curar a elephantiasse. O dr. Peres, que regia na Universidade a cadeira de materia medica, alcançou particularmente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana uma porção d'aquella substancia, e offereceu-a á Faculdade de Medicina a fim de a mandar ensaiar no hospital dos lazarus. Em

Conselho de 18 de dezembro de 1848 foi nomeada a comissão que havia de intender nos ensaios therapeuticos do assacú. Não dava para largas experiencias a modica porção da planta de que podiam dispor os clinicos. Pediu-se ao governo que por intervenção dos agentes consulares no Brazil mandasse vir para Coimbra quantidade sufficiente para se lhe apreciarem as virtudes por meio de extensa e prolongada applicação. Prometteu o governo que requisitaria o assacú do consul do Pará. A diligencia particular surtiu melhor effeito do que as providencias officiaes. O dr. Sebastião d'Almeida, professor de anatomia, valeu-se das suas relações de amizade, e obteve generosamente do cidadão José Coelho d'Abreu grande porção de casca e leite de assacú. Foi a offerta tão abundante, que a Faculdade de Medicina, sob proposta do dr. Almeida, decidiu que se fornecessem gratuitamente aquellas substancias a todas as pessoas que as pedissem no dispensatorio pharmaceutico para tractamento de elephantiacos.

Emprehenderam-se então os ensaios em larga escala nas duas enfermarias dos lazarus. Animavam a comissão encarregada dos estudos clinicos não só o desejo de descobrir remedio contra a mais horrenda de todas as enfermidades, mas tambem a esperança de que não seriam baldadas as tentativas actuaes. Foi pois assidua e demorada a experiencia; mas ao cabo de diurna applicação do assacú sobreveiu o desengano de que não tinha esta substancia virtudes especiaes para curar a elephantiasc, e nem ainda para moderar ou modificar favoravelmente a marcha da doença. A comissão concluiu os seus trabalhos descrevendo num minucioso relatorio quanto fez e quanto observou por espaço de muitos mezes. Se tão louvaveis esforços não lograram enriquecer a therapeutica, nem dotar as sciencias medicas de novos conhecimentos, ao menos deram honrado testemunho de que a Faculdade de Medicina coopera de vontade para o engrandecimento da sciencia que professa.

Por industria da Faculdade foi o hospital dos lazarus transferido em 1837 dos antigos aposentos fóra de portas da cidade para o extincto collegio de S. José dos Mariannos. Tão bem aproveitado se julgou aquelle edificio, que durante treze annos ninguem teve a lembrança de o inculcar para outro mister de interesse geral. Cubiçaram-no em 1850 as religiosas ursulinas, que, obrigadas

a deixar por insalubre o estabelecimento que tinham em Pereira, estavam de casa emprestada havia dous annos no convento de Sant'Anna. Houve quem apadrinhasse a pretensão das ursulinas, e com tal felicidade, que dentro em pouco decidiu o governo que o edificio de S. José fosse entregue ás religiosas para terem alli o seu collegio de educação de meninas. Pugnou a Faculdade de Medicina pela conservação d'aquelle edificio sob sua dependencia. Pediu e instou com o governo para que não mandasse de lá sahir os lazarus; e como as instancias não fossem attendidas, representou no mesmo sentido ao corpo legislativo. Nem as representações nem as diligencias do procurador em Lisboa tiveram resultado favoravel. Em setembro de 1851 passaram os lazarus para S. Jeronymo, onde permaneceram por dous annos, até que lhe deram assento definitivo no extincto collegio dos Militares.

Forçoso é confessar que a pretensão das ursulinas tinha por si as sympathias geraes. A mais pittoresca e bem situada habitação de Coimbra, segregada do bulicio da cidade, circumdada de muros e quasi inacessivel, excepto pelas serventias que tem ao nascente, parecia disposta pela natureza e affeição da arte para seminario de educação de meninas. Entrava isto pelos olhos do publico; e as impressões que moviam os sentidos, inclinavam a opinião a favor das religiosas. Mas a Faculdade de Medicina, que por aquelles tempos se viu combatida e contrariada a muitos respeitoes, assim como se houve com firmeza na sustentação das suas prerogativas, do mesmo modo cumpriu um dever imperioso empenhando todo o seu valimento para não se deixar desapossar das casas que ella primeiro tinha occupado e aproveitado, e que, se eram idoneas para vivenda do sexo amavel, tinham tambem as condições precisas para aposento dos lazarus, e mais ainda para uma enfermaria de alienados que lá se projectava estabelecer. Por isso a resistencia que a Faculdade oppoz á cedencia do edificio não foi caprichosa obstinação, nem as razões que allegou ante os poderes do estado foram pretextos ou verdades simuladas, como então se espalhou.

Hoje, inacessiveis ás paixões que o esquecimento de vinte annos extinguiu, devemos fazer inteira justiça á Faculdade de Medicina, apreciando as boas intenções do seu procedimento, e reconhecendo que não foram debeis nem especiosas as razões com que defendeu a sua causa. Em verdade os pontos capitaes da argumentação assenta-

vam no facto notorio e indubitavel de que a Faculdade não possuia casas em que accommodasse os lazarus. Alem do hospital da Conceição, insufficiente e acanhado para o numero ordinario de doentes, tinha apenas o edificio de S. Jeronymo, como que de reserva para os casos de epidemias, ou para quando augmentasse a concorrência dos enfermos. Mostrou a Faculdade, por dados estatisticos e pelos estudos que costumam servir de base á previsão humana, que não podia nem devia prescindir d'um edificio de sobressalente, e que, se lh'o recusassem, necessariamente viriam a sentir-se os effeitos perniciosos da accumulção nas enfermarias do hospital. Confirmou a experiencia passados mezes as previsões deduzidas da exacta apreciação dos factos, como vamos relatar.

Logo que os lazarus occuparam o collegio de S. Jeronymo, tiveram de se concentrar no hospital da Conceição todos os doentes que se acolhiam á caridade d'esta casa, e dentro em pouco tempo começou a inspirar receios a agglomeração. Em conselho de 4 de novembro de 1852 ponderou o fiscal da Faculdade de Medicina quanto importava que se attendesse para as circumstancias do hospital. Visitou a Faculdade o estabelecimento no dia 6, e, como achasse de portas a dentro duzentos e cincoenta enfermos, decidiu sem discrepância de votos que era de urgente necessidade a desaccumulação. Designaram-se para receber alguns doentes os edificios de S. Bento e do collegio das Artes. Uma commissão, nomeada para estudar e propor as providencias que a occasião pedia, apresentou no dia 8 o seu relatorio, em que demonstrava com toda a evidencia que na Conceição faltava a capacidade para tantos enfermos; e comparando as condições dos dous grandes edificios, de que a Universidade dispunha, preferiu a commissão o collegio das Artes. As providencias indicadas no relatorio foram approvadas pela Faculdade; mas o Conselho dos Decanos não se conformou com a escolha do edificio, e quiz que os doentes passassem para S. Bento. O governo, informado da divergencia, permittiu em portaria de 27 de novembro que se accommodassem alguns doentes no collegio das Artes, e na mesma data mandou nomear uma commissão para tractar de providencias definitivas ácerca dos hospitaes.

Convem advertir que as vistas da Faculdade ao escolher o collegio das Artes tiveram maior alcance do que pediam as necessi-

dades presentes. Deprimia-se por aquelle tempo a eschola medica de Coimbra com o fundamento de que não tinha hospital adequado, onde os alumnos podessem instruir-se na practica da Medicina. Afirmava-se que o hospital da Conceição, pequeno e mal provido, só era procurado pelos doentes pobres das circumvisinhanças da cidade, achacados pela maior parte de febres intermittentes. Ainda que nestas e noutras asserções transpareciam os impulsos de má vontade, e não os desejos de que se fundasse juncto da Universidade um hospital modelo, todavia a Faculdade de Medicina, repellindo as aggressões de menoscabo, não deixava de reconhecer que, se tivesse o hospital em melhor estado, melhor poderia desenvolver o ensino clinico. Porisso nutria decidido empenho de ampliar aquelle estabelecimento a todos os respeito, e de modo, que os detractores não tivessem pretexto para declamações. Obstavam-lhe porém muitas difficuldades, sendo a maior de todas a falta de casas. Das dependencias do Museu nada se podia esperar para accrescentamento do hospital da Conceição, e quando alguma cousa se obtivesse, fracos melhoramentos se chegariam a realisar. Era pois necessario lançar vistas para outro edificio. De posse da Universidade e em circumstancias de servirem, havia unicamente S. Bento e o collegio das Artes. O primeiro, ainda que vistoso, bem situado e de largas accomodações, não tinha comtudo melhores predicados nem a vasta capacidade do segundo. De mais a contiguidade d'este ao collegio de S. Jeronymo tornal-o-hia preferivel em egualdade de circumstancias. Por estes motivos a Faculdade de Medicina, vendo que tinha opportuno ensejo para conseguir casa onde de futuro poderia estabelecer excellent hospital, optou e insistiu pelo collegio das Artes.

Como a portaria de 27 de novembro permittiu que se removessem alguns doentes para aquelle collegio, diligenciou a Faculdade passar para lá quanto antes uma ou duas enfermarias. Tel-o-hia effeituado com brevidade, se não achasse obstaculos que lhe retardaram o proposito. No pavimento inferior do edificio accommodavam-se as aulas e mais pertenças do Lyceu; e as grandes salas do andar superior estavam inteiramente occupadas por mais de cem mil volumes dos livros que tinham pertencido ás congregações religiosas. Desimpedir algumas salas e preparar espaço para as camas era condição indispensavel para a mudança dos doentes. Mas para onde se havia de transferir a massa ingente de tantos

mil volumes? Tomou-se o alvitre de se permittir ás faculdades universitarias, em cujos estabelecimentos se podessem accommodar livros, que separassem do deposito geral as obras que lhes aprouvessem para a fundação de bibliothecas especiaes. Aceitaram a permissão as faculdades de Philosophia e de Medicina¹. Logo que se desoccuparam as primeiras salas começou a mudança dos doentes². Depois, como o governo em portaria de 22 de agosto de 1853 concedeu o collegio das Artes para hospital, ao passo que se evacuarão as enfermarias da Conceição, para lá se foi arremando a maior parte do deposito dos livros, que mais tarde se transferiu para a casa pertencente outr'ora aos paulistas.

A aquisição do famoso collegio foi o prenuncio de grandes melhoramentos na eschola medica de Coimbra. Lentos e demorados foram a principio, porque o estabelecimento do novo hospital, até o ponto de funcionar sem graves attritós, deu materia para muitas lidas; e a Faculdade de Medicina, que via o seu futuro dependente d'aquella casa, concentrava nella as suas principaes attenções. Mas, depois que conseguiu reparar o edificio, organizar o serviço das enfermarias e resolver serios embaraços administrativos, pareceu-lhe conveniente demittir de si a administração economica, e reservar simplesmente a inspecção e direcção scientifica. O governo, conhecedor dos serviços que a Faculdade prestava na administração dos hospitaes, parecia pouco inclinado a condescender. Mas as repetidas instancias tiveram por fim despacho favoravel, e em 17 de julho de 1856 foi assignada a carta de lei, que allviou a Faculdade de Medicina da adminis-

¹ A escolha dos livros para a bibliotheca especial da Faculdade de Medicina foi incumbida ao sr. dr. Costa Simões, que se desempenhou da commissão como era de esperar do seu provado zelo e reconhecida competencia. Além das obras de Medicina que havia no deposito, separou uma excellente collecção de chronicas portuguezas, constituições de bispados, dictionarios, livros de historia, geographia, antiguidades, e exemplares das melhores edições dos SS. Padres, concilios e historia ecclesiastica. Os livros foram collocados na mesma casa onde estivera outr'ora a livraria no collegio de S. Jeronymo, e ahi se têm conservado até ao presente.

² Deveu-se a immediata transferencia dos doentes á diligencia e actividade do sr. dr. Cezario, que tinha então a seu cargo a directoria dos hospitaes. Vendo que surgiam difficuldades de todos os lados, intendeu-se com o prelado e dispoz as cousas com tanto acerto, que venceu todos os obstaculos, e conseguiu instalar as primeiras enfermarias no collegio das Artes.

tração economica dos hospitaes da Universidade. A execução da lei ficou dependente d'um regulamento; e, como o governo não tinha pressa de mudar de administradores, espaçou por quatorze annos a publicação do regulamento; e a Faculdade, que jámais teve remuneração especial pelos serviços de direcção e administração dos estabelecimentos, continuou durante aquelle tempo com os encargos administrativos, promovendo sempre os melhoramentos de que o novo hospital necessitava.

A cholera-morbus invadira de novo a Europa antes de começar o terceiro quartel do seculo actual. Muitas cidades de França e de Hespanha tinham soffrido as devastações do terrivel flagello; e, como o progresso da epidemia não afrouxava, antes crescia e transpunha rapidamente grandes distancias, houve graves receios de que chegasse tambem a Portugal. Cumpria pois ao Governo tomar energicas providencias com o duplo intuito já de affastar o mal, já de o combater quando se não podesse evitar. Sobre tão momentoso assumpto foram consultadas as corporações scientificas que tinham voto auctorisado na materia. A Faculdade de Medicina e a Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa não discreparam na indicação das providencias com que se devia resistir á entrada da cholera; ambas aconselharam ao governo a instituição de quarentenas e de cordões sanitarios. Com quanto o reino fosse por então poupado aos insultos da cholera asiatica, nem por isso cessaram as apprehensões de que, recrudescendo a epidemia por outras terras, extendesse os seus horrores até ao extremo occidente da Europa. Convinha portanto insistir no estudo das medidas preservativas, e providenciar com a devida antecipação para qualquer eventualidade repentina.

O Conselho de Saude Publica do Reino applicava os seus cuidados para negocio de tanta gravidade; e, adoptando as indicações propostas pelos corpos docentes, meditava entre outras cousas um regulamento de quarentenas, que assegurasse efficaz protecção á saude dos povos. Quando o Conselho acabou de formular os preceitos quarentenarios, foi o projecto de regulamento enviado á Faculdade de Medicina para dar o seu parecer a respeito das providencias que nelle se continham. Discordaram alguns membros da Faculdade na apreciação de certos pontos regulamentares. O parecer, approved em congregação de 26 de fevereiro de 1855,

tendia a encurtar as restricções ao livre transito, e conciliava, tanto quanto se podia permittir, os interesses commerciaes com a aspiração suprema,— a conservação da saude publica. Divergiram porem da maioria dous vogaes, que, influenciados pelo receio de que se ateasse no reino alguma epidemia de cholera, votaram por medidas rigorosas e pela prolongação do tempo de quarentena. Parecia que presagiavam a approximação d'algum flagello com semelhante insistencia pelos rigores quarentenarios. Infelizmente não sahiu falso o agouro. Dous mezes depois a cholera transpoz as fronteiras do reino, seguindo o curso do Douro, e d'alli irradiou com violencia sobre as povoações do Minho, Trás dos Montes e Beira ¹.

As incursões de tão atroz inimigo pareciam inclinar-se tambem para as margens do Mondego. Observou-lhe os passos e os estragos a Faculdade do Medicina, a quem o encargo dos hospitaes obrigava a estar em continua vigilancia. Exigiam tanto cuidado a mingua de roupas e as tristes circumstancias dos hospitaes, que por aquelle tempo viviam em muito aperto, e eram a imagem da pobreza. Assim o declarou o fiscal da Faculdade num parecer, que move a compaixão, apresentado em Conselho de 14 de julho de 1855. Representou-se na mesma data ao Governo sobre tão lamentavel estado, e pediram-se-lhe providencias e recursos extraordinarios contra o mal que já então se avisinhava. A petição teve despacho favoravel. Em 25 e 31 de agosto foram expedidas duas portarias em que se ordenavam as providencias desejadas.

No principio do outomno a epidemia ameaçava Coimbra. O governo tomou a acertada resolução de não permittir que se abrisse a Universidade em outubro, e deu as suas instrucções ao governador civil a fim de se aprestar para conjurar o mal. Na cruzada contra os impetos da cholera coube á Faculdade de Medicina o posto de honra na vanguarda das operações. Por iniciativa d'esta Faculdade mandaram-se apromptar algumas enfermarias do antigo hospital da Conceição para servirem de hospital de cho-

¹ O parecer da maioria da Faculdade e o voto em separado sobre quarentenas não ficaram transcriptos no livro das actas; mas acham-se impressos na collecção de documentos, que o Conselho de Saude Publica do Reino publicou por aquella epocha, e no *Breve relatorio da cholera morbus em Portugal nos annos de 1855 e 1854*, feito pelo mesmo Conselho, Lisboa, 1855, pag. 76 e seguintes.

lericos. Em conselho de 15 de outubro nomearam-se por accordo com o prelado os vogaes a quem se havia de encarregar a directoria. No dia 18 foi discutido e approvedo o regulamento respectivo. Accudiu a Sancta Casa da Misericordia com os auxilios de camas e roupas; cooperaram as auctoridades administrativas no prompto expediente de todas as providencias; e tão diligentes foram os esforços dos que trabalharam nesta humanitaria empreza, que, quando no dia 20 appareceu á porta do hospital o primeiro doente tomado de cholera, tudo estava em boa ordem para se lhe prestarem immediatos soccorros.

A epidemia durou em Coimbra desde 14 de outubro até ao meado de dezembro. Como então parecesse ter cessado totalmente, mandou o Governo abrir a Universidade no principio de janeiro de 1856. Houve ainda alguns receios de que se protrahisse a doença; mas desvaneceram-se felizmente, e o hospital dos cholericos fechou-se em 12 de fevereiro. Não quiz a fortuna que estivesse fechado por muito tempo; em agosto reapareceu a cholera, e com ella o desalento pela escassez das colheitas, e a horrorosa perspectiva de um anno de fome! A Faculdade de Medicina, receosa de nova epidemia, tinha providenciado em congregação de 19 de julho sobre a directoria do hospital dos cholericos; por isso, quando o flagello se fez sentir pela segunda vez, achou em vigilancia os que logo lhe affrontaram os perigos. Foi impetuosa e aterradora a invasão do mal. Nos dias 8, 9 e 10 de setembro attingiu a maxima violencia, e levou o susto e o receio a todos os pontos da cidade. Luctaram corajosamente contra o incendio da cholera os facultativos encarregados dos soccorros domiciliarios. Lá succumbiu na refrega o sextanista de Medicina Candido Francisco Lopes Lobão! Mas onde o combate se travou com mais ardor, onde a dedicação chegou aos extremos de abnegação, foi no hospital dos cholericos, dirigido por um dos vogaes da Faculdade de Medicina. Bem succedidos foram pela maior parte tantos e tão intrepidos esforços. Arrancaram-se á morte muitas victimas, que já pareciam desamparadas da vida; converteram-se em expansões de jubilo as lagrimas que a ponto estiveram de carpir a orphandade e a viuvez. A epidemia entrou em phase de declinação depois do meado de setembro; foi diminuindo successivamente de modo, que na entrada de novembro se considerou de todo extincta. O esquecimento, companheiro favorito da ingratição, pode trancar o cofre das graças e

das recompensas devidas aos que se arriscaram na lucta; mas já-mais conseguirá escurecer os serviços relevantísimos que a Faculdade de Medicina e os seus delegados prestaram a Coimbra durante a oppressão das duas ultimas epidemias de cholera ¹.

A classe dos substitutos extraordinarios tinha sido restabelecida, e augmentada a dos substitutos ordinarios nas faculdades de Medicina e Philosophia pelas cartas de lei de 19 de agosto de 1853 e 11 de junho de 1855. Pelas disposições da primeira ficou tambem restabelecido o methodo de concurso publico para o provimento

¹ Na primeira epidemia foram nomeados directores do hospital dos cholericos os srs. drs. Macedo Pinto e Costa Simões. O primeiro providenciou sobre a installação do hospital, apresentou os regulamentos que foram approvados pela Faculdade, organisou o serviço das enfermarias e mais officinas, e continuou na directoria até 25 de novembro de 1855; o segundo proseguiu na mesma ardua occupação até ao fim da epidemia. Prestaram então valiosos serviços clinicos os srs. João Henriques de Moraes Callado e Manuel José de Freitas, facultativos externos do hospital; e, como clinicos internos e permanentes, desempenharam com desvelo as suas obrigações os srs. João Francisco Correia Leal e Frederico Ribeiro dos Santos, estudantes do quinto anno de Medicina. Exerceu o cargo de cirurgião externo o sr. dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, cuja boa vontade e prestimosa aptidão para todos os serviços da sua competencia o tornaram merecedor de muito elogio. Os dous directores concluíram os trabalhos da sua commissão relatando a historia da epidemia num opusculo que imprimiram, e cujos exemplares já hoje são raros. Alli expozeram com a necessaria individuação tudo quanto pode desejar-se em escriptos d'aquella ordem.

Quando appareceram receios de segunda epidemia, designou a Faculdade para dirigir o hospital o sr. dr. Barjona, que recusou o encargo. Offereceu-se para continuar na directoria o sr. dr. Costa Simões; veio porém a servir o sr. dr. Cezario, que prestou relevantes serviços não só como director, mas tambem como clinico. O sr. dr. Ignacio desempenhou alternadamente os cargos de cirurgião interno e externo. Na qualidade de clinicos internos funcionaram dous quintanistas de Medicina, o sr. Antonio Maria da Cruz, actual medico do partido de Obidos, sómente por dezoito dias, e o sr. dr. Lourenço d'Almeida Azevedo desde o principio da epidemia até á entrada de novembro, em que se reputava quasi extincta. Este insigne professor da Faculdade de Medicina não se esquivou ao noviciado medico em posto de tanto risco; alli deu provas indubitaveis da sua vocação; alli iniciou com muita distincção os trabalhos da sua extensa praxe.

Acabada a epidemia, foi publicado o relatorio clinico e economico do hospital dos cholericos. Ha neste relatorio quatro tabellas do movimento do hospital, feitas pelo sr. dr. Albino Augusto Giraldes, que então cursava o terceiro anno medico, e hoje é distincto professor da Faculdade de Philosophia,

dos logares do magisterio na Universidade. Obtiveram approvação no primeiro concurso que se abriu em Medicina, e sahiram despachados por decreto de 14 de fevereiro de 1855 os drs. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu e Callisto Ignacio d'Almeida Ferraz. Pouco depois, alguns professores, que tinham encanecido no serviço da Faculdade, aproveitando as concessões equitativas da carta de lei de 17 de agosto de 1853, pediram e alcançaram a jubilação. Para as vacaturas que deixaram estes e outros professores, que successivamente foram jubilando, entraram, precedendo concurso, os vogaes de que na actualidade se compõe a maior parte da Faculdade de Medicina. Por decreto de 4 de janeiro de 1859 foram despachados para as tres substituições extraordinarias os drs. Francisco Antonio Alves, Lourenço d'Almeida Azevedo e Antonio d'Oliveira Silva Gaio. As promoções, que logo se seguiram, deixaram dous logares vagos; foi provido num, por decreto de 2 de outubro de 1860, o dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, e noutro o dr. Manuel Pereira Dias por decreto de 6 de dezembro do mesmo anno.

Na cadeira de pathologia geral dava-se tal accumulção, que o respectivo professor não podia explicar, como convinha, muitas materias, em cujo conhecimento se haviam de fundar estudos medicos posteriores. Por vezes representou a Faculdade de Medicina desde 1853 sobre a necessidade de se instituir pelo menos mais uma cadeira para o ensino da clinica cirurgica. Mas as representações não conseguiram excitar nos poderes do estado o mesmo interesse que a Faculdade nutria pela instrucção de seus alumnos. Continuou pois a practica da cirurgia, durante dez annos, em limites tão apertados como sempre estivera. No entretanto o lidar incessante pela sciencia produzia fructos copiosos. A stoechiologia, a histologia e outras secções da anatomia geral tinham tomado tal incremento, que já se podiam considerar como ramos especiaes das sciencias medicas; os estudos a respeito da influencia nervosa, da composição do sangue, e da procedencia e destino das materias glycogenicas ampliavam a physiologia consideravelmente; e as investigações sobre o desinvolvimento e mais particularidades dos productos morbidos enriqueciam a anatomia pathologica, e preparavam elementos para o desenlace de problemas havidos por insolúveis em pathologia externa e interna.

A Faculdade de Medicina foi acompanhando o progresso da sciencia e introduzindo no ensino os recentes descobrimentos; chegou porém a ponto de não poder accomodar nas dez cadeiras, que então regia, o accrescimento successivo de materias. O estudo das sciencias medicas exigia a creação de novas cadeiras. Solicital-as, mostrando ao governo as necessidades da instrucção, era dever, embora parecesse impertinencia. Não omittiu nem adiou a Faculdade o cumprimento d'aquelle dever. Tendo discutido pausadamente o parecer de tres vogaes, commissionados para apresentarem um projecto de reforma, approvou e dirigiu ao Governo, em março de 1861, especificada consulta, em que sobressahia a comparação entre o progresso da sciencia e o estudo do ensino medico da Universidade. No fecho da consulta, e como consequencia do que nella se continha, repetiram-se as instancias para que fossem creadas novas cadeiras. Estas e outras instancias antecedentes, relativas á nomeação de preparadores, que auxiliassem nas demonstrações experimentaes, e augmentassem as collecções dos gabinetes, foram attendidas passados dous annos. A Faculdade pôde desde então distribuir as materias e alargar os programmas convenientemente, como em breve diremos.

Se as repetidas consultas e petições dirigidas ao Governo dão testemunho irrecusavel do zelo com que a Faculdade de Medicina tem promovido o engrandecimento dos estudos medicos, as deliberações particulares em materia da sua alçada, tendentes a aperfeiçoar o ensino e a melhorar os estabelecimentos, mostram o empenho que ella tem de conservar o seu bom nome e de augmentar os creditos adquiridos. Citaremos para comprovar o asserto os seguintes factos, que pela ordem chronologica dos successos a proposito lhes vem o cabimento no remate d'este capitulo.

Pretendia-se em 1860 que a ultima edição do Codigo Pharmaceutico Lusitano não fosse considerada pharmacopeia legal do reino. Foi a Faculdade de Medicina rogada para dar ao Governo informação desfavoravel a respeito do citado Codigo. A Faculdade, superior a extranhas suggestões, informou conforme a sua dignidade e o seu dever lhe indicavam; mas, porque parecia desairoso que não tivesse produzido desde 1794 additamento, reforma ou novo projecto de pharmacopeia, como os Estatutos lhe determinavam, começou a intender no modo de se desempenhar d'esta obrigação.

Tomou sobre si a composição d'uma pharmacopeia o vogal dr. Francisco Fernandes da Costa, professor respeitabilissimo, de cuja competencia não havia duvidar. Animou o Governo com louvores a resolução d'aquelle benemerito professor. A obra, ainda que demorada, porque outras occupações de serviço publico entretiveram o seu auctor, chegou por fim a termo desejado, e numa das primeiras congregações do anno lectivo de 1867 para 1868 foi presente ao conselho da Faculdade de Medicina o volumoso manuscripto em que se continha a pharmacopeia ou projecto do codigo pharmaceutico. Embaraços supervenientes lhe tem demorado o exame pela respectiva commissão. Com quanto lhe falte ainda a publicidade pela imprensa, nem por isso deixaremos de reconhecer os serviços prestados em obra de tanto folego.

Tiveram mais prompto expediente outras obras scientificas, em cuja execução a Faculdade empenhou dous de seus membros. Foi a primeira um tractado elementar de physiologia, contendo os recentes progressos da sciencia, e idoneo para servir de texto nas aulas. A composição d'esta obra coube ao professor dr. A. A. da Costa Simões, que a levou a cabo sob um plano inteiramente novo e de modo a facilitar o estudo da histologia juntamente com o da physiologia geral. É o compendio por onde se dirigem ainda hoje os alumnos nas duas cadeiras de physiologia. Devem-se ao professor, actualmente jubilado, dr. J. F. de Macedo Pinto alguns livros, escriptos pela mesma epocha, para lição de seus discipulos. Logo que subiu a cathedra completou uma obra de Medicina legal, de que tinha publicado sómente o primeiro volume o professor da Eschola Medico-Cirurgica do Porto, J. P. Furtado Galvão. Escreveu depois um grosso tractado de toxicologia, com o que preencheu grande lacuna. E como a Faculdade o dispensasse da regencia da sua cadeira para se applicar á composição d'outras obras, entregou á estampa um tractado de hygiene publica, e outro de policia higienica, as producções de maior valia que sobre taes materias possui Portugal.

Os escriptos dos dous citados professores foram apreciados com merecido elogio dentro e fora do reino. Serão sempre titulo de gloria para seus auctores, e honroso padrão para a Universidade em que professam.

CAPITULO XI

De 1863 a 1872.—Ampliação dos estudos medicos.—Viagens scientificas.—Estabelecimentos.—Promoções.—Estado actual.

A carta de lei de 26 de maio de 1863 realisou os melhoramentos, a que aspirava a Faculdade de Medicina, havia dez annos. Creou-se então uma cadeira de anatomia pathologica, e outra de histologia e physiologia geral. Com o augmento das duas cadeiras accresceu tambem uma substituição ordinaria, e o quadro da Faculdade ficou composto de doze cathedricos, seis substitutos ordinarios e tres extraordinarios. Este successo, postoque natural e consentaneo ao aperfeiçoamento da instrucção, não deixa todavia de assignalar uma epocha notavel nos fastos do ensino medico em Portugal. Permittiu elle a desaccumulação dos ramos da sciencia, facilitou o desenvolvimento dos estudos theoreticos, e deu motivo para se tomarem outras providencias, que melhorassem o serviço das demonstrações experimentaes.

Distribuir as materias do curso e coordenar a successão dos estudos medicos era negocio regulamentar, que o decreto de 20 de setembro de 1844 tinha commettido á Faculdade de Medicina. Não se descuidou ella de preparar com anticipação logar idoneo para as novas cadeiras. Antes de findar o anno lectivo em julho de 1863 tractou de dar melhor collocação a algumas disciplinas e de fixar a ordem das leituras para o anno immediato. A cadeira de histologia, na qual se desaccumulavam muitas generalidades de anatomia, e toda a physiologia geral, bem se accommodava no primeiro anno juntamente com a de anatomia descriptiva. Não era porém facil achar accommodação conveniente para a cadeira de anatomia pathologica. Depois de larga discussão a respeito do

logar que lhe competia e das disciplinas que lá se deviam agrupar, decidiu o conselho da Faculdade que ficasse provisoriamente no quinto anno, e que, para commodidade e aproveitamento dos alumnos, se tivessem as lições de anatomia pathologica em dias alternados com as de medicina legal.

A necessidade tinha suggerido a alternação das aulas, em duas cadeiras sómente, como ensaio e recurso transitorio; mas a experiencia advertiu logo que era mister regular os estudos de modo, que em todas as cadeiras houvesse lição diaria. Deu-se pois no anno seguinte nova disposição ás cadeiras e materias do curso medico. Reuniu-se a toxicologia com a anatomia pathologica, e foi collocada no terceiro anno a cadeira destinada ao ensino de ambas as disciplinas. No mesmo anno ficaram, como d'antes estavam, as cadeiras de materia medica e pharmacia, e de pathologia geral e cirurgica. Pareceu a principio cousa desproporcionada a concentração no mesmo anno de tantos e tão importantes ramos da sciencia. Receou-se que os alumnos não podessem satisfazer aos encargos de tres lições diarias, sobrepesados ainda com a assistencia numa das aulas de clinica. Felizmente os receios em breve se desvaneceram, e a practica de oito annos continúa demonstrando que foi acertado aquelle alvitre. Ter-se-hiam pela mesma occasião ampliado os exercicios de clinica cirurgica, se outros respeitos não obrigassem a conservar sem alteração a cadeira de partos, que era de todas a mais alliviada. Removeram-se com o andar do tempo alguns embaraços, que impedião as innovações vantajosas, e em 1870 attingiu o ensino medico da Universidade o desenvolvimento theorico e practico com que hoje floresce.

Em 28 de junho de 1864 tinha sido referendada a carta de lei que instituiu junto da Faculdade de Medicina quatro logares de preparadores para servirem nos gabinetes de anatomia normal, de anatomia pathologica, de histologia e physiologia geral, e de chimica medica. Esta liberalidade, que foi o complemento de providencias anteriores, parecia proporcionar á Faculdade de Medicina o pessoal ministrante para desenvolver os trabalhos experimentaes e augmentar as collecções de preparados anatomicos. Antes de examinarmos se a instituição dos preparadores tem correspondido á expectatiya geral e ás previsões do Governo, importa que tractemos primeiro de outro assumpto, que, se não foi consequencia, ao menos foi facto relacionado com aquella medida.

Havia mais de cincoenta annos que de Coimbra tinham sahido dous oppositores de Medicina, incumbidos de colherem larga instrucção nas academias estrangeiras, e de importarem os aperfeiçoamentos que se coadunassem com a indole do ensino medico da nossa Universidade. A guerra que por aquelle tempo assolava quasi toda a Europa, a invasão franceza e a perturbação resultante do conflicto geral frustraram todo o proveito que se esperava de taes commissões, como em seu logar relatamos. Em quanto durou a guerra contra extranhos e o flagello das discordias civis, que depois lhe succedeu, nunca mais nos lembraram as viagens scientificas. Mas, depois que o regimen constitucional adquiriu estabilidade, quando a instrucção publica começou a levantar-se da decadencia em que jazia, tornou-se indispensavel explorarmos o andamento das sciencias medicas em outras nações. Por vezes ponderou o Conselho da Faculdade que muito convinha mandar a França e a Allemanha um dos vogaes para estudar os progressos scientificos nas escholas de maior nomeada. Em 1858 chegou a occupar-se d'este negocio com decidido empenho; como porém já por aquelle tempo se tractava da criação de novas cadeiras, e como tudo indicava que o Governo assentiria aos desejos da Faculdade, adiou-se para melhor conjuntura a requisição dos meios necessarios para uma viagem scientifica.

Effectivamente a demora em nada prejudicou. Logo que os encargos do magisterio se distribuiram por maior numero de professores, e que se fixou a extensão que devia ter o ensino dos diversos ramos da sciencia, voltaram-se as attenções para a citada viagem, e de bom grado a protegeu o governo facultando os subsidios indispensaveis.

Nas escholas estrangeiras havia muito que estudar, muito em que se occupasse a diligencia de qualquer commissionedo zeloso; mas, como não poderia attender a tudo, nem executar um programma de commissão vasto, pomposo e extensivo a todos os ramos das sciencias medicas, importava especificar-lhe os pontos em que de preferencia se devia entreter, e modelar as instrucções pelo que era de urgencia e de immediato interesse para o ensino. As observações microscopicas e os trabalhos de physiologia experimental tinham revelado muitos segredos da organisação, e eram o fundamento de verdades scientificas para que debalde se procurava demonstração por outros meios. Lá fóra os cultores da

sciencia acertavam fazer as preparações de modo tal, que pareciam alcançar quanto desejavam, e demonstrar quanto promettiam. Em Coimbra não se podiam levar os preparados a similhante perfeição, apezar dos esforços do habil empregado que servia de preparador, e que em largos annos de serviço nos estabelecimentos da Faculdade tinha adquirido grande pericia em trabalhos anatomicos e physiologicos. Sentia-se portanto a necessidade de se estudarem nos amphitheatros estrangeiros os processos practicos por onde se effectuavam nitidamente as demonstrações experimentaes. Os aperfeiçoamentos neste sentido eram indispensaveis não só para utilidade do ensino, mas tambem porque do microscopio se julgava pendente a resolução das grandes questões anatomicas e pathologicas, em que se interessavam, seguindo ideias contrarias, as escholas de França e de Allemanha. Demais, como se tinha instituido uma cadeira consagrada ao ensino da histologia e da physiologia experimental, pediam os creditos da Faculdade que se não illudisse a lei, e que se illustrasse o estudo d'aquellas materias com o possivel desenvolvimento practico.

Deprehende-se pois que os trabalhos de microscopia e de physiologia experimental deviam entrar, como parte obrigada, nas instrucções por onde se havia de regular o vogal encarregado da viagem scientifica. E, como estivessem concordes neste ponto os membros da Faculdade, do mesmo modo concordaram em que se devia incumbir a commissão ao professor de histologia e de physiologia geral, dr. Antonio Augusto da Costa Simões, em quem todos reconheciam os predicados necessarios não só para colher fructos copiosos das escholas estrangeiras, mas tambem para os reproduzir e tornar sazoados em Coimbra. Entendeu-se egualmente que convinha aggregar ao citado professor o empregado que lhe servia de preparador interino, Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, para que na practica das escholas estrangeiras se aperfeiçoasse em trabalhos experimentaes. E como este empregado se recommendava tambem pela dextreza e habilidade manual em medicina operatoria, habilidade que lhe tinha grangeado merecida reputação, julgou-se de proveito accrescentar-lhe os encargos com a obrigação de seguir os cursos de clinica cirurgica, e de estudar practicamente os processos delicados da medicina operatoria e os recentes progressos d'este ramo da sciencia. Levaram-se ao conhecimento do Governo os projectos approvados pelo Conselho da Fa-